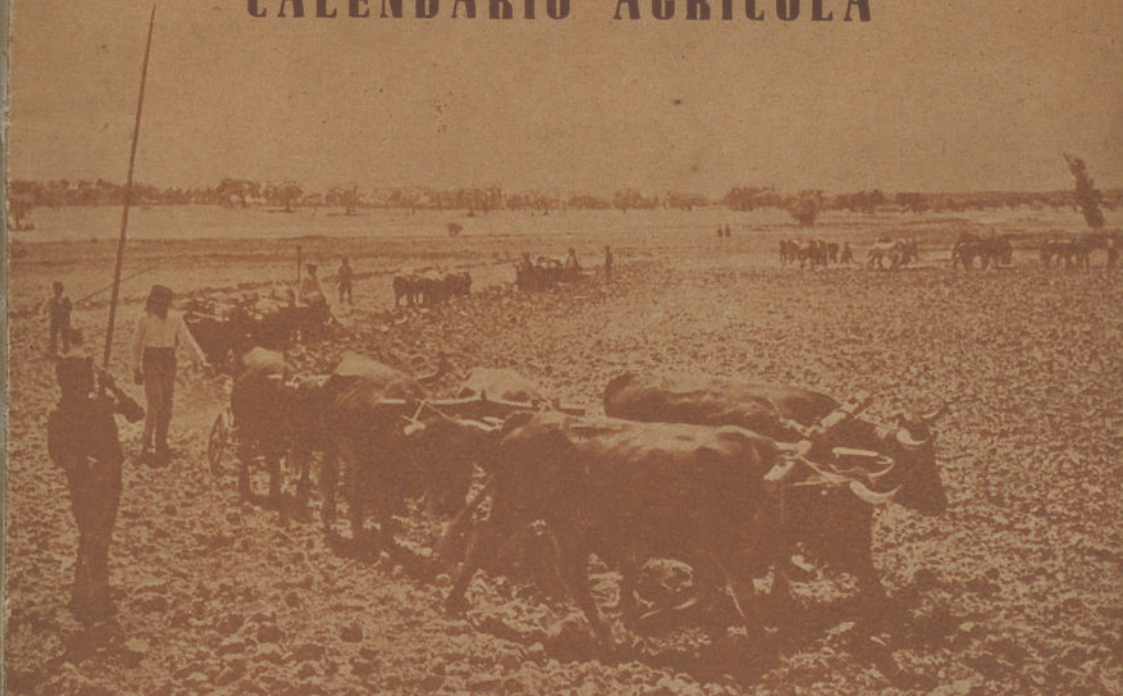
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

NOTAS SÔBRE O RIBATEJO

E SEU

CALENDÁRIO AGRÍCOLA



POR

António Augusto Antunes Júnior

ENGENHEIRO AGRÓNOMO

Chefe da Brigada Técnica da X Região

rie «Divulgação» N.º 18

RC
INC
63
AN

Sala 8
Est. 1
Tab. 3
N.º

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS

NOTAS SÔBRE O RIBATEJO
E SEU
CALENDÁRIO AGRÍCOLA

POR

ANTÓNIO AUGUSTO ANTUNES JÚNIOR
Engenheiro-Agrónomo
Chefe da Brigada Técnica da X Região

CENTRO CIÊNCIA VIVA
RÓMULO DE CARVALHO
RC
MNCT
63
ANT
N.º 2.722
MUSEU NACIONAL DA CIÊNCIA E TÉCNICA
BIBL. MUSEU NAC. C. TEC.
COMPRA
COIMBRA

SÉRIE «DIVULGAÇÃO» **NÚMERO 17**
REPARTIÇÃO DE ESTUDOS, INFORMAÇÃO E PROPAGANDA
LISBOA **1939**

IMPRENSA PORTUGUESA
108, Rua Formosa, 116 — Pôrto

RIBATEJO EM FLOR

Meu Ribatejo em flor, resplandecente,
à luz de um sol fecundo, de um sol d'oiro!
Eu amo-te em silêncio, humildemente,
tu és o meu orgulho, o meu tesoiro!

Solar de vinhos nobres! Oh ridente
jardim de milheirais e trigo loiro!
Em ti domina êsse campino ardente
que vence a fúria, indómita, do toiro!

E passam rubras velas Tejo acima,
e cantam rouxinóis! Oh brando clima!
Berço sem par d'insignes gerações!

Dos mais formosos dons tens o segrêdo...
— Tu adoçaste o espinho do degrêdo
que amargurou a vida de Camões!...

Fev. de 1939.

ÁLVARO F. DO AMARAL NETTO.

JANEIRO

Alenquer

Cada árvore que se planta aumenta a nossa fortuna e o erário da Nação.

Podar uma fruteira é contribuir para que os seus órgãos e as suas funções tenham um melhor equilíbrio.

Bairros de Santarém

Principais trabalhos no mês de Janeiro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 7.55	— 17.26
» 10	— 7.56	— 17.34
» 20	— 7.52	— 17.45
» 30	— 7.46	— 17.55

O homem não pode opor-se às leis da Natureza. Tem de segui-las e aproveitá-las se quere obter o maior rendimento. Não pode regular a queda das chuvas. Não as pode impedir, nem às outras intempéries. Mas o que também não pode é alhear-se dos seus efeitos, porque, se o fizer, alheia-se da Alegria, do Bem-estar, da Felicidade e da Riqueza.

Chuvas incessantes caíram sôbre esta região, transformando as suas vastas planuras em lagos sem fim, marchetados de árvores e arbustos despidos, que, perfilados como sentinelas, aguardam sempre com ânsia que a terra volte a ser banhada pelo sol, para depois da lavoira e das sementeiras dela brotar a Vida.

As doces temperaturas do Outono e do princípio do Inverno fizeram desenvolver a erva nas terras que não foram inundadas, e as chuvas persistentes impediram que nos terrenos semeados se lhe desse combate. Assim, surgiu o verdejo, excessivo para a época, e êste aspecto fisionómico da terra, ou, na expressão pitoresca, popular, *a sua palavra, pêlo ou fato*, permitem ao povo, pela sua ciência prática, julgá-la dêste modo:

« *Em Janeiro põe-te no outeiro, se o vires verdejar, põe-te a chorar; e se o vires terrear, põe-te a cantar* ».

Aos que lidam na terra, o verdejo intenso nesta época é um mau preságio; todavia, se a chuva d'ora-avante o não impedir e

se a terra fôr ganhando a sezão, sem tréguas, o agricultor se dedicará a ela, para que a vida na Lezíria, no Bairro e na Charneca, surja em breve com proveito, refazendo-se searas, de forma que o trigo ainda possa encher o celeiro e aqueles que têm intervido na Batalha do Trigo, técnicos e lavradores, vejam com êxito o seu patriótico objectivo.

Demais, teve um bom auspício o ano que começou. Nesta terra, onde o sol tem fortes dardejos, que nos enchem com a sua luminosidade e com o seu calor, a ponto de aqui raramente caír do céu a espuma branca, ou melhor, as flores de neve, êste ano, no seu primeiro dia, como a saüdar ou a trazer a Novidade, a Alegria e a Riqueza a esta terra, e ao coração dos homens, jorrou do céu a neve em pequeninos flocos, em pequeninas estrêlas, convertendo as ervas, os raminhos das árvores, em rendas de Bruxelas, em filigranas orientais, em pequeninas jóias...

É bem notória e reconhecida a influência da neve nas plantas. Protege-as contra o frio, e estimula-lhes mais a vegetação, provocando o afilhamento. Contudo, não é só as plantas que ela anima. Todos os seres, sejam animados ou inanimados, todos, se tornam, convertem ou tomam o mais deslumbrante aspecto e as mais emotivas sensações. Uma camada de neve sôbre a terra é sempre uma grande apoteose da Natureza. E no seu branquejar cintilante, sobretudo às reverberações dum luar de Janeiro, chega a ser mesmo duma evocação extática. O poeta distinto, que é Afonso Lopes Vieira, diz assim dos efeitos da neve :

Oh neve branca e sombria,
Noturnamente caindo,
Soturnamente caindo,
Taciturna ;
Noiva do áspero Norte
Dama diáfana e forte,
Imensa mortalha fria,
Águas e terras cobrindo...

Oh neve branca e sombria,
Noturnamente caindo,
Soturnamente caindo,
Taciturna ;
Espuma espectral dos ares,
Do êrmo perfume :
— Tu acendes o carinho
Pela ternura do ninho ;
A tua presença cria
O agasalho dos lares
E a intimidade do Lume.

Oh neve branca e sombria
Noturnamente caindo,
Soturnamente caindo,
Taciturna ;
— Por ti o agasalho brando
Da Casa ;
Por ti o doce calor

De quem se ama, ficando
Ao pé do lume, cismando,
Debaixo da morna asa
Do seu amor...

Oh neve forte e sombria,
Noturnamente caindo,
Taciturna ;
Enchendo o êrmo do espaço,
Duma tristeza grisalha,
Pondo na terra maninha
Uma tristeza sòzinha :
— Tu fazes mais rijo o braço
De quem trabalha.

Oh neve morta e severa,
Noturnamente caindo,
Soturnamente caindo,
Taciturna ;
Muda dos brancos terrores,
Cega dos brancos palores,
Mais dos medos e dos gnomos :
— Tu crias a Primavera
A glória moça da terra
A adolescência dos gomos
E a madrugada das flores !

Oh neve branca e sombria,
Noturnamente caindo,
Soturnamente caindo,
Taciturna ;
Eu louvo a tua virtude
Plácida e rude,
À luz do sol que alumia
Portugal.
Oh neve branca e sombria :
— Luz que canta e que enebria
Luz que sonha e adormenta,
Luz que veste e que alimenta
E nos contenta
Luz que chilreia, cheia de alegria
Tal a cotovia...

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo:**

Nas terras preparadas para sementeiras, de inverno, mas que as chuvas impediram de se semear e que se encontram infestadas de ervas, um deslavre ou uma passagem com grades de molas ou discos, impõe-se, a enterrar a erva, e a predispô-la para as sementeiras. Nas terras não preparadas prosseguir com as lavoiras, que se destinam ainda a sementeiras de Inverno ou às de Primavera, especialmente nas destinadas a trigos tremeses e arroz.

Vigiam-se as valas e os regos de saída de água das culturas a evitar que a água nelas fique represada e lhe dê o aspecto amarelecido de frio, de humidade, emfim de sofrimento.

b) **Fertilização :**

Sôbre as terras de trigos mais fracos ou com claros sinais de sofrimento a adição de azote nítrico em cobertura, sob a forma

de nitrato de sódio ou cal, acelerará o crescimento e colocará a planta em condições de melhor produzir.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios :**

Embora algo tarde, mas para que a batalha do Pão não perca em valor, semear ainda trigos de Inverno, mas empregando variedades precoces. Outro tanto se pode fazer ainda com cevadas, centeio, favas e ervilhas. Mondar trigos semeados no cedo e sachar favas apoquentadas pelas ervas.

d) **Conservação e armazenamento :**

Estabelecimento do plano de cultivo para o novo ano ; inspecção dos locais e do material e executar as reparações necessárias. Padejamento e limpeza dos cereais.

e) **Gados e outros animais :**

Vacinam-se as ovelhas, cabras, bovídios e solípedes contra a baceira, e os porcos contra as doenças rubras.

Renovam-se as camas dos animais de modo que os currais estejam enxutos, resguardando os animais da humidade e do frio.

Deitar galinhas. Examinar as colmeias onde principie a haver abelhas mortas à entrada. Fornecer quadros de mel se precisarem de sustentação ou então, não havendo favos, açucar cristalizado, açúcar candi ou em pasta, que se dispõe na parte superior da colmeia, sôbre os quadros. Nas colmeias bem povoadas e com boas notas de observação anual não se deve mexer.

f) **Cuidado com as estrumeiras :**

Aumentar os estrumes à custa das camas do gado e matos, e activar o seu grau de curtimenta pela sua mistura na nitreira, regas, cortes, inclusivé, recorrendo à Urei Basf ou Urecal.

g) **Cuidado com as máquinas :**

Tratar das apeiragens e das máquinas.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

Janeiro é o mês mais próprio para as plantações (à excepção dos citrinos), sendo necessário que o solo esteja sêco. Arrancam-se as árvores mortas, as doentes e as muito pouco produtivas e inicia-se a substituïção, nunca esquecendo que a terra das respectivas covas convém ser meteorizada.

Limpam-se as árvores, a fim de suprimir as cascas velhas, líquenes e musgos. Enchem-se as covas e enterram-se os estrumes.

Prossegue o serviço de poda nas fruteiras de fôlha caduca; faz-se o desbaste dos maciços e os cortes de talhadio dos castanheiros, salgueiros e dos carvalhos. Poda-se a oliveira.

Convém anunciar que a Brigada Técnica da X Região (Ribatejo) faz cursos de podadores de oliveiras e de mestres de podadores, de duração de 30 dias, destinados aos operários rurais que se queiram habilitar com os conhecimentos desta técnica. Aos que o freqüentarem, o Estado, pelo Ministério da Agricultura, paga-lhes a jorna da praça e são admitidos a êsses cursos de podadores os trabalhadores rurais que tenham o máximo de 30 anos e para mestres de podadores, os que já tenham com aproveitamento o cartão de podador.

Cada curso tem o máximo de 15 operários estreantes e mais 3, já com o curso de podador adquirido nos anos anteriores.

Na horta, estrumam-se e cavam-se os talhões disponíveis e prepara-se a terra para plantações de morangueiros, alcachofras e espargos. Nos canteiros semeiam-se aipo, alho-porro, alfaces, cebolas, cebolinhas para conserva, chalotas, chicória, coentros, couves diversas, próprias da ocasião, ervilhas, espinafres de grão áspero, favas, nabiças, rabanetes, etc.

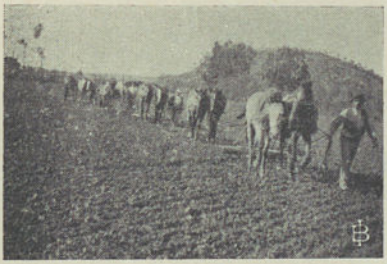
Em camas ou alfobres quentes, tomate, pimentos, etc. Os canteiros devem preservar-se da geada e grandes frios.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Surribam-se as terras para vinha, fazem-se plantações de barbados e nas vinhas antigas faz-se ou assenta-se a poda, a retancha, a mergulhia, aplicam-se os adubos ou estrumes, quer em volta de cada cepa, nos covachos da descava feita para a desbarba, quer em covas abertas no compasso das cepas, no meio de duas, ou entre cada quatro. Preparam-se os paus ou tutores para as empas.

Na adega, vigiar os vinhos novos, continuação das trasfegas, sulfurações e atestos. Engarrafar vinhos velhos e água-pé em dias de sol e em tempo sêco.

FEVEREIRO



Campos de Santarém

Éguas em trela, que o trabalho não enerva, arrastando grades, lá vão compondo a terra que vai receber a semente bemdita de culturas da ridente primavera.

Substituindo a mão do Homem, aquela com que êle faz o Sinal da Cruz, a máquina, terra fora e a direito, lá vai, dispondo em linhas a semente na Terra, onde, uma vez aconchegada, se gera um novo ser.

Lezírias de Sacavém

Bairros de Santarém

Ranchos de raparigas, de roupinhas de chitas claras, contentes como as cigarras, mas trabalhando como as formigas, matam com os sachos a erva que cresce nos favais.

Principais trabalhos no mês de Fevereiro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 7.43	— 17.58
» 10	— 7.35	— 17. 8
» 20	— 7.22	— 18.20

Oxalá que Fevereiro não seja de longa estiagem ! Se é certo que, no inverno, dias de céu diáfano e azul, e dum sol voluptuoso, são lampejos cubiçados da criança ao velho de cabelos prateados ; e se, para uns, são clarões dos seus folgares, para outros, recordações duma vida que bruxuleia, a todos sorrindo, para que êles os saboreiem como as borboletas libam o néctar das flores, verdade é também que um Fevereiro de longa estiagem amargos de fel pode dar ao lavrador.

É que, nesta quadra, em que as plantas devem dormir ainda o sono de inverno ou estão preparando as suas raízes um forte afilhamento, a quentura do ambiente é, na maioria dos casos, uma armadilha traiçoeira.

Acorda-as e excita-as, leva-as a adiantarem o abrolhamento, o revestimento folhear e mesmo a florirem, quando, afinal, dum dia para o outro, quando as plantas já estão no gôzo fugaz dum novo período da vida e que a seiva, na sua migração, sobe pelos canalículos até ao cimo, como querendo de mais alto gozar os seus efeitos, representados nos crescimentos airosos do ser que a contém, ou nos vistosos e coloridos adornos que a vestem, êsses mesmos dias, que sorriem, com a morna temperatura duma falsa Primavera, fogem-lhe desapiedamente e deixam-nas precipitar num abismo, que outra coisa não é o regresso aos dias de Inverno...

Então, os frios, as geadas, os ventos, os granizos, destroem

e prejudicam toda a vegetação nova e tenra, que nesse engano as plantas tomaram com louçania.

Ninguém ignora os prejuízos que os gelos causam nas vinhas do Ribatejo, quando as rebentações são precoces ; como ainda a queda das flores, êsses pequenos órgãos que nasceram para dar outras vidas, fazem a infecundidade das fruteiras, quando são açoitadas pelos ventos e chuvas no acto da polinização ; o raquitismo no afilhamento, que experimentam os cereais praganosos quando a estação não corre à feição e sofrem estiagens longas e quentes em fins do inverno ; o aumento do custo da mão de obra, pela necessidade da repetição de mondas e sachas, a defender as culturas da invasão das ervas e da perda da humidade do terreno sem a qual as plantas não podem arrostar com os meses quentes do fim da Primavera e do Verão ; emfim, o gasto de primícias da seiva que o sol alvoroçou e que lá se exaurem, ficando as plantas empobrecidas, gastas e sem reservas para mais tarde constituírem os objectos de oferenda ao celeiro, à adega e à tulha.

O povo, para as estiagens de Fevereiro adoptou as seguintes máximas :

« *Quando não chove em Fevereiro não há bom prado nem bom centeio* ». E ainda « *Fevereiro quente traz o diabo no ventre* ».

Pelo aprêço que tem pela chuva exprime-se dêste modo:

« *Água de Fevereiro, mata o onzeneiro* ». Assim, no seu critério, a chuva quando vem em Fevereiro é o oiro que dispensa o do onzeneiro.

A chuva, neste mês, é tradicional, como dizem os versos de Lopes Vieira :

Chuva de Fevereiro, velha turba
Embrulhada no chale, mendiga curva

Nesta hora pardacenta
Entra a velha n'aldeia ;
Bruxuleia a luz cinzenta
Da tarde morta candeia,

Olho através da vidraça,
E escuto as suas passadas,
Arrastadas, resignadas !
— É a chuva, digo. E ela passa...

Hora lenta e pardacenta.
A velha atravessa a aldeia.
Entrevejo-a à luz cinzenta ;
A candeia bruxuleia.

Colo a minha face, agora,
Ao vidro baço do céu :
E a velha, vai rua fora,
...Tão sòzinha como eu.

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo :**

Prossegue a preparação da terra para as culturas de primavera. Gradam-se trigos do outono e prados.

b) **Fertilização :**

Aplicações de nitrato de sódio nos trigos fracos ; gêsso, em cobertura, nos prados, sobretudo nas luzernas, trevos, sanfenos, etc., estrumes e adubos químicos nos batatais, e transporte de estrume, para culturas de primavera.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios :**

Mondar trigo, sachar favas, plantam-se batatas e nas terras altas e delgadas principiar as sementeiras do milho de sequeiro ; semear pinhais.

d) **Conservação e armazenamento :**

Caiação das paredes dos alojamentos dos animais e limpeza de cereais.

e) **Gados e outros animais :**

Cuidados iguais aos que preconizamos em Janeiro. Quanto aos animais de capoeira fixar esta máxima :

« Quanto mais cedo forem postos no chôco, mais cedo serão criados e mais cedo vendidos ».

Com a amenidade da temperatura, das boas colmeias, começam a sair as abelhas mais fortes e activas, para colherem o pólen das raras flores que aparecem. Das colmeias suspeitas e fracas, as abelhas saem hesitantes, arrastando por vezes para fora abelhas mortas.

É preciso examinar essas colmeias.

f) **Cuidado com as estrumeiras :**

É a outra quadra activa nas estrumeiras, dada pela saída de estrumes para vinhas, pomares, hortas, terras de milho, etc., pelo que os cortes se multiplicam e mesmo se faz a selecção dos mais e menos curtidos, relegando estes para empregos ulteriores.

g) **Cuidado com as máquinas :**

Reparações e afinamento nas máquinas, utensílios e mais alfaias agrícolas.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

Nos pomares continuam as estrumações e adubações, cava e limpeza das árvores, plantando novas nas falhas, e terminando as plantações nos solos mais secos e ligeiros. A partir do meado do mês, se a região não fôr muito sujeita a geadas, pode começar a plantação dos citrinos. Fazem-se viveiros de estaca de oliveira, figueira, amoreira, e romanzeira. Enxertam-se pereiras e macieiras. Prossegue o serviço de podas e os tratamentos preventivos contra os parasitas das árvores, caldas sulfo-cálcicas nas pereiras, macieiras, pessegueiros, damasqueiros, alperceiros, ameixeiras, cerejeiras e ginjeiras, etc. ; caldas bordalesas com emulsão oleosa, nos citrinos ; descasque e pulverizações, logo a seguir, com calda sulfo-cálcica de inverno, ou emulsão oleosa ou de petróleo, nas vinhas, contra a « mela ».

Na horta, estrumações, cavas e os trabalhos de drenagem para evitar que as águas fiquem estagnadas na horta, prejudicando muito a terra.

Nos canteiros, semeiam-se : Acelgas, aipos, agriões, alfaces de verão, alho-porro, beringelas, beterrabas para salada, cebola, cebolinha para conserva, couves diversas, espinafres, favas, pimentos, rabanetes, salsa, tomates, etc., etc.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Nas vinhas continuam as podas, plantações de barbados, estrumações e adubações, desbarbas, começando nalgumas regiões as cavas. Nas cepas com antracnóse, faz-se o tratamento desta doença pela aplicação, da solução de sulfato de ferro na água a 30 %, às cepas.

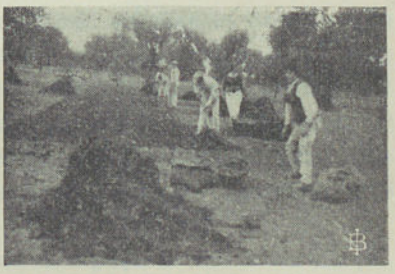
Nas adegas, continua a trasfega dos vinhos, atestos, engarrafamento, limpeza do material vinário, caiação das paredes e a queima das bôrras e de vinhos defeituosos.

MARÇO

Campos de Muge

Tralhoada, revolvendo afanosamente a terra, onde em breve germinará o arroz, acalentado pelo Sol profuso que os campos doira.

Para obter batata de qualidade, é indispensável — juntamente com a boa escolha e preparação da terra, diferentes amanhos culturais e tratamentos preventivos contra as criptogâmicas — adubar bem uma boa semente.



Cardiga — Golegã

Lezíria de Sacavém

" As mondadeiras andam nas mondas
De rêgo em rêgo, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito às ondas
Que não se quebram como as do mar ".

CONDE DE MONSARAZ.

Principais trabalhos no mês de Março

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 7.10	— 18.29
» 10	— 6.57	— 18.39
» 20	— 6.42	— 18.48
» 30	— 6.26	— 18.58

A Natureza veste galas e anuncia já com repiques festivos a próxima chegada da Primavera.

Os seres desentorpecem-se das dores achacantes dos frios do Inverno. Não seja o sol já mais cálido e mais ameigante do ar...

Nos campos brotam as primeiras flores. Tojeiras, prenhes de papilionáceas da côr do oiro, esmaltam valados e matos, onde as abelhas, há tanto enclausuradas e ennoveladas nas colmeias, para que lhes não faltasse o calor, ensaiam e dirigem agora os seus primeiros e tímidos vôos.

Boninas e malmequeres cobrem a tapeçaria verde do campo, fazendo, por sua vez, florir nos olhos das cachopas sorrisos claros como o sol, sobretudo quando, em enervante ansiedade, despojam aquelas pobresitas das suas vestes brancas, peça por peça, ao mesmo tempo que do coração soltam interrogações, que são preces e mundos de desejos, de que o malmequer lhes diga que o seu amor — *muito lhes quere*.

Toda a campina ribatejana volta, pois, a encher-se de belas côres e de fortes energias.

Os trabalhos acumulados pelo Inverno, os mais variados, numa impressionante azáfama, executam-se agora, uns após outros, sem haver tempo, nem para folgas, nem para folguedos. Por isso se diz: Bôdas em Março é ser madraço; em Março espetam-se

as rocas e sacham-se as hortas ; quem poda em Março vindima no regaço.

Março é, portanto, o primeiro sorriso do ano, o prometedor do Futuro e da Felicidade. Não pode ser invernoso, porque se o é *— Inverno de Março e seca de Abril deixam o lavrador a pedir.*

Basta que seja : *pela manhã rosto de cão, à tarde verão.*

Estes índices satisfazem as principais exigências das culturas : humidade e calor, que são capazes de tornarem a Terra esplêndida de Orgulho, Viço e Alegria. Por isso, quando estes dois factores não faltam, a Terra toma êste belo aspecto que Correia de Oliveira assim descreve :

A Terra, freme em som e em côr. Resumbra
Verdura a flux. A Aurora, em cada raio,
É lira, e vibra : — musical ensaio,
Sob os místicos dedos da Penumbra...

Alva que sobe, atroa, ofusca, obumbra,
Ao vir do garço Março ao gaio Maio :
Quando o sol já não olha de soslaio,
Mas sim em firme olhar que nos deslumbra.

Rumor longínquo. Um ruge-ruge, em única,
Setínea nota : o farfalhar da túnica
Da Primavera, roçagando a serra.

Depois, lento prelúdio, humoso e baço :
— A surdina das Seivas, ao compasso
Da mão do Semeador, regendo a Terra !

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) Mobilização do solo :

Prosseguem as lavouras nos pousios destinados a culturas de Primavera ; naquelas mesmo que tendo já produzido forragens

ou produtos para sideração podem ainda, devido às suas boas condições, produzir : milho, trigo, arroz, cânhamo, melão, etc.

b) **Fertilização :**

Enterram-se estrumes e adubos para culturas de Primavera. Depois das chuvadas empregar nas searas de Outono e Inverno, que se apresentem de fraco desenvolvimento, adubos em cobertura ; calagens nas terras pobres em cal e que se destinam ao cânhamo.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios :**

Semear trigos de Primavera ; milhos de sequeiro em terras altas ; mondam-se os trigos do Outono e Inverno, sacham-se favas e plantam-se ainda batatas.

Que se não perca esta oportunidade de semear o bastante, para que o cereal agora lançado à terra, como aquele que está já em crescimento, seja o bastante para que o pão consumido em Portugal seja fabricado com farinhas provenientes de trigos e milhos portugueses. Semear é um indeclinável dever patriótico. Deixar fazer uma hemorragia de oiro, em larguíssima escala, para os países produtores de trigo e seus exportadores, o mesmo seria que deixar anular em pouco tempo uma parcela importante da prosperidade económica e financeira, alcançada com o sacrifício e a coragem de toda a Nação.

d) **Conservação e armazenamento :**

Limpeza e conservação das sementes para as sementeiras ; padejamento das sementes no celeiro.

e) **Gados e outros animais :**

Aumentam-se as rações aos animais de trabalho.

Deitar galinhas. Março é mesmo o melhor mês para isso. As frangas nascidas no fim de Março desenvolvem-se até aos fins de Novembro e tornam-se ao cabo dêste tempo reprodutores soberbos, tendo aproveitado a boa estação para acabarem o seu desenvolvimento.

Ainda êste mês não desproteger as colmeias dos agasalhos de Inverno, pois é preciso que a temperatura no interior se conserve alta por causa da criação. Março é o melhor mês para a mudança de enxames e nunca se deve mexer numa colmeia sem prèviamente a defumar ; primeiro pela porta e depois de abrir a colmeia, por entre os quadros. Não se devem fazer gestos bruscos.

f) **Cuidado com as estrumeiras :**

Aumentar os estrumes com matos, camas de gado, e todos os detritos vegetais e favorecer a sua curtimenta com regas, cortes e inclusivamente recorrendo à Urei Basf ou ao Urecal.

g) **Cuidado com as máquinas :**

Reparação e conservação das alfaias, máquinas e viaturas.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

Plantam-se figueiras e terminam as plantações das outras espécies fruteiras (excepto de citrinos), deixando para o fim as que se tenham de fazer em terrenos frescos.

Dá-se por findo o serviço de poda na pereira e na macieira ; os últimos exemplares a podar devem ser os que aparentem maior vigor.

Podam-se damasqueiros e pessegueiros, convindo não o fazer nos princípios do mês, a fim de não apressar a frutificação. Enxertam-se em fenda as macieiras, pereiras e cerejeiras destinadas a formas altas. Enxertam-se em coroa as ameixeiras e onde a vegetação desperte cedo e também as macieiras, pereiras e cerejeiras.

Faz-se a poda, limpeza e adubação das oliveiras.

Na horta, estruma-se e prepara-se a terra para as sementeiras de todas as hortaliças, abóboras diversas, acelgas, alcacho-

fras, alfaces, beldroegas, beterrabas, cardos, cenouras, coentros, feijões, pepinos, rabanetes, segurelha, tomates, tomilhos, etc.

Põem-se a grelar as batatas doces, para transplantação ao ar livre no mês seguinte.

Fazem-se as grandes plantações de couves, batatas, espargos e alcachofras de Outono, alfaces e chicórias.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Continuam ainda os tratamentos contra a antracnóse da vinha ; terminam as adubações e as amourôas ; enxertam-se e plantam-se bacelos. Faz-se a primeira cava.

Nas adegas : trasfegas, colagens e atestos. Arejar as adegas. Examinar e tratar os vinhos novos contra as doenças. Efectuam-se lotes e engarrafamentos.

ABRIL

Agolada — Coruche

Homens de calça arregaçada e perna à vela, com a enxada vão tirando fatias à terra fazendo o nível no fundo dos canteiros, para que o enxugo possa ser perfeito.

Quereis uma delícia? É provardes dos melões que esta gente semeia na terra anateirada do Ribatejo e que principalmente para Terras do Brasil e Inglaterra envia, nimbados do flavor, perfume e da doçura que lhes dá a seiva desta terra ubérrima.

Vale de Cavalos — Chamusca

Campos de Almeirim

As intermitências de calor e da humidade favorecem o desenvolvimento do míldio, por isso, há que precaver-nos da sua invasão, fazendo às cepas, na devida oportunidade, os tratamentos cúpricos (cura da vinha).

Principais trabalhos no mês de Abril

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 6.23	— 19.0
» 10	— 6.9	— 19.9
» 20	— 5.55	— 19.18
» 30	— 5.42	— 18.27

Abril. Quem bate à porta de Oiro? Então,
O Ramo diz: Quem é? — « A Seiva » — « Suba »! —
Como um leão, auriflamando a juba,
A Seiva irrompe em férvido cachão.

Jorra a verdura, aos borbotões, do chão,
Qual vinho mosto extravazando a cuba,
Cada raio de sol é áurea tuba,
Lançando à vida um bélico pregão.

— « Hosana! Hosana! É nosso o claro dia »... —
Clama um Vinhedo; e em reptos de alegria,
Sai, o primeiro a erguer pendão e lança.

Vibra na aragem seu virente carme,
Em núncio ritornelo, em senha e alarme:
— « Evoè! Evoè!... Saúde e Esp'rança! » —

CORREIA D'OLIVEIRA.

É, pois, a desenvolta D. Seiva que outra vez vem fazer o adôrno da campina, dando ao vasto vale do Tejo, desde os campos

centro ciência viva RÓMULO DE CARVALHO

de Abrantes às lezírias de Vila Franca e desde as charnecas aos salgados de Alcochete o remoçamento da beleza e da côr e um não sei quê, de palpitante, mórno e tentador eterno-feminino.

Espirra a erva em todo o palmo de terra, que se atapeta luxuriantemente. Na madre-silva, na urze, no tôjo, em suma, em todas as plantas, à cômpita, a seiva faz-se em fôlhas, e depois, flores e em perfumes...

Nos choupos, nas faias, nos salgueiros, sentinelas vigilantes da campina, os rudes troncos despidos enroupam-se para apadrinhar noivados e sustentar os ninhos das aves que vão principiar a vida.

O desaparecimento do pesadelo das cheias faz regressar à lezíria os rebanhos e as manadas. As chocas e os chocalhos voltam a animar esta Região.

O campino volta a ser folgazão e a viver na ânsia do momento de dominar e vencer, desconhecendo o cansaço e o mêdo.

Searas de trigo, às carícias da brisa, partem, ora num andantino de fuga, ora num cálido retôrno, deixando gargalhar no seu seio as garridas papoilas, salpiques de sangue, que vivificam ainda mais a païsagem, de si esplendorosa e animada, onde paira, segundo a frase elegante de Garrett, « a doçura que move n'alma a vista refrigerante d'uma jovem seara do Ribatejo nos primeiros dias de Abril ».

Mas, neste encantamento, sentenceia a Sabedoria das Nações que, « *no princípio ou no fim Abril vem a ser ruim* ».

À Providência cabe decidir.

Se a temperatura nesta época se mantém elevada, o trigo não adquire o seu desenvolvimento, contraria o afilhamento, mirra-se, antecipa a sua maturação e as espigas ficam curtas e, na maioria dos casos, os grãos apresentam-se rugosos e engelhados.

Se as chuvas são prolongadas e continuadas, provocam uma exuberante vegetação herbácea, favorecem o desenvolvimento das plantas nocivas, dificultam a execução dos trabalhos culturais — mondas e sachas —, facilitam a propagação rápida da alforra

em todos os órgãos aéreos da planta ; e, em períodos mais avançados da vegetação, provocam o abortamento, a acama e mais tarde ainda, que a maturação se faça regularmente.

A virtude está, portanto, no médio, que explica estes e outros adágios do mês :

« *Abril, águas mil coadas por um candil* ».

« *Abril frio, pão e vinho* ».

« *Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado* ».

« *A ti chova todo o ano ; a mim chova Abril e Maio* ».

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo :**

Fazem-se ainda neste mês lavouras preparatórias nos pousios, e lavouras de sementeiras e gradagens. Completa-se a armação das terras de arroz e cânhamo, fazendo nelas o perfeito nivelamento dos canteiros, que é condição essencial para a boa uniformidade do desenvolvimento das plantas. É que, embora o cânhamo exija regas abundantes, estas têm de ser feitas quando a planta o requeira, entrando a água lentamente e de maneira a que o enxugo seja depois perfeito.

b) **Fertilização :**

Aplicação de estrumes ou adubos em culturas da primavera. Calagens em terrenos ácidos ou naqueles em que pela deficiência as culturas exijam cal.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios :**

Continua a sementeira de trigos de primavera, milho, arroz, cânhamo, sorgo, feijão e melão. Mondam-se e sacham-se trigos. Nos batatais mais adiantados pode fazer-se com vantagem uma sacha.

É conveniente, e com júbilo anuncio, que a lavoura ribatejana tem evidenciado alargar copiosamente as suas sementeiras de trigos tremeses na compreensão perfeita de que semear trigo é fundamental para que o País colha o que precisa para o seu sustento.

d) **Conservação e armazenamento :**

Defendem-se os pousios cuja pastagem se pretende guardar para fenos. Limpeza e padejamento das sementes nos celeiros.

e) **Gados e outros animais :**

Com o mês de Abril principia a época da abundância das forragens verdes.

Há, porém, que ter em atenção o perigo das ervas marsiadas e as dos terrenos pantanosos e cheios de lôdo. Nos animais estabulados. fazer gradualmente a transição da alimentação sêca para verde.

Nos animais de capoeira fazer-se a limpeza e saneamento de todos os lugares ocupados pelas aves, atenta a importância que têm a higiene e o calor na fecundidade e saúde dos reprodutores.

Neste mês está-se em plena estação da criação e fazem-se as últimas ninhadas para a conservação dos reprodutores.

Nos colmeais, se as noites não correrem muito frias, podem desagasalhar-se as colmeias. Se as abelhas construíram algum favo irregular, deve ser retirado o quadro que o contiver e substituído por outro com cera moldada ou com favo vazio.

Havendo células de machos em excesso, destruí-las em parte, bem assim dar caça às larvas da tinha que possam existir nalgum dos favos.

f) **Cuidado com as estrumeiras :**

Aumentar o volume dos estrumes à custa de todos os detritos vegetais ; regá-los.

g) **Cuidado com as máquinas :**

Preparação e afinamento das máquinas prestes a entrar em trabalho.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

Terminam-se as plantações de citrinos.

Continuam-se a enxertar em coroa as macieiras, pereiras e cerejeiras.

Desbotoam-se em parte os pessegueiros que carregarem excessivamente de flor.

Inspeccionam-se as pereiras e suprimem-se os gomos inúteis que estejam servindo de abrigo aos germes de doenças.

Continuam as sementeiras de cobertura e concluem-se as sementeiras de sementes estratificadas.

Na horta continuam as sementeiras do mês anterior. Começam-se as mondas e segue-se com as regas conforme o tempo o fôr exigindo.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Nas vinhas fazem-se as últimas plantações e enxertias, e acabam-se as cavas. Quando apareça pulgão, fazer a sua destruïção empregando « arsinette » ou arseniato de chumbo, 250 grs. em pó ou 300 grs. em pasta, em cada 100 litros de calda bordalesa ou preferìvelmente, só diluído em água, à qual se junta um quilograma de cal por 100 litros de água, para maior aderência. Enterrar o tremôço que tiver sido semeado nas vinhas para adubação verde, e se a vegetação das vinhas estiver adiantada, fazer uso da calda bordalesa ou da calda sulfo-cúprica, para o tratamento conjunto do míldio e do oídio.

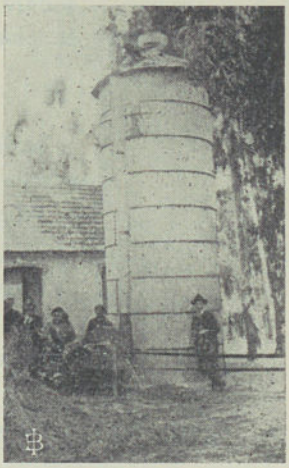
Nas adegas, concluem-se as trasfegas e colagens. Atestar regularmente as vasilhas.

MAIO

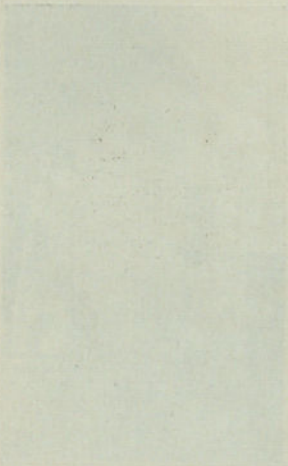
Agolada — Coruche

Em orizicultura, esta prática cultural — a transplantação — é a que melhor pode elevar os rendimentos por unidade de superfície. Permite que se retarde o estabelecimento do arrozal, se beneficiem melhor os terrenos, se reduzam as mondas, se poupe mais água, se estabeleçam rotações de culturas, emfim, que mais intensamente se explore a terra.

Ensilando-se os pastos, que o Ribatejo tão espontânea e exuberantemente produz na sua terra ubérrima, habilita-nos a fornecer aos gados um alimento suculento durante todo o ano, bastante apetecível e em boas condições nutritivas, sem que o gado sinta os efeitos das crises de fome nas épocas em que as ervas rareiam.



Santarém



Principais trabalhos no mês de Maio

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 5.41	— 19.28
» 10	— 5.30	— 19.37
» 20	— 5.21	— 19.46
» 30	— 5.15	— 19.54

Flores, flores aos montões; flores atapetando os campos, esmaltando variados matizes, vincando graça, beleza e promessa. É o mês da Ascensão e em que dêle o poeta diz:

Pela Ascensão, em Maio, à voz da Igreja
Há preces, procissões, e ladaínhas,
Por entre as sementeiras, entre as vinhas,
Para que Deus as guarde, — e mesmo as veja...

Lá vão, terras além, mal rumoreja
O sol em opa de oiro. As campainhas,
Tlintam, chamando o povo e as avesinhas:
Pois tudo reza, como quer que seja!

É quando o vento é bafo de perfumes;
Quando as rosas acendem os seus lumes;
Quando, nos ninhos, vão abrindo os ovos...

Na cruz, entre as searas, nosso Pai
Até parece um lavrador que sai
Ao campo, a deitar conta aos seus renovos!

Êste mês, tem nos resultados das culturas do Ribatejo uma acção decisiva que assim o povo traduz :

Água da Assumpção das palhinhas faz pão.
Enxame de Maio quem t'o pedir dá-lho e de Abril guarda-o para ti.
Guarda pão para Maio e lenha para Abril.
Maio couveiro não é vinhateiro.
Maio come o trigo e Agôsto bebe o vinho.
Maio hortelão muita palha pouco pão.
Maio pardo Julho claro.
A erva, Maio a dá, Maio a leva.
Pão tremês não o comas nem o dês, mas guarda-o para Maio.
Maio pardo faz o pão grado.
Maio pardo e ventoso faz o ano formoso.

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização da terra :**

Começam nos bairros os alqueives para trigo ; faz-se a abrição dos restolhos de ferrejos e das favas ; lavoiras de sementeiras nas terras baixas e frescas do campo e paúes para milho, grão e feijão.

Gradagens e até rolagens em terras em que a sezão as enterroa fàcilmente e lhes dificulta a acção das simples grades, a endireitar, a regularizar as superfícies lavradas e a cobrir as sementes espalhadas nas sementeiras a lanço.

Nas lavras dos paúes e lezírias, e de onde só tarde sai a água das cheias e *asielas*, continua a limpeza e abertura de valas de enxugo e de rega ; o estabelecimento das linhas ou *mestras*, como orientadoras que são da enrega da lavoira ou da cava ; as gradagens ; as travessas, para delimitação dos canteiros, onde

com a entrada da água se fazem as rebaixas ou nivelamentos finais, última mobilização que antecede a sementeira ou plantação do arroz.

b) **Fertilização das terras :**

Nos bairros fazem-se fertilizações orgânicas a barbo ou rabo de ovelha para as futuras culturas do Outono e enterram-se ainda as plantas empregadas como adubos verdes (sideração).

Aplicam-se fertilizações minerais em cobertura nos arrozais e estas, antes ou depois da primeira monda, conforme a menor ou maior invasão das ervas que os infestem, não convindo nunca fazê-las tardiamente para não provocar um afilhamento tardio, causador de um atraso na colheita e às vezes ainda, duma percentagem de espigas verdes depreciadoras do produto, que se apresenta com *verdete*.

c) **Sementeiras :**

De arrozais precoces onde o excesso de água das cheias tornou impossível a sementeira em épocas mais próprias, em lavras extensas.

Milho em terras muito baixas ou para regadio ; feijão, grão de bico, sorgo e nas terras mais serodias ainda o melão, a melancia e abóbora.

d) **Granjeio :**

Plantação de arroz, de tomateiros e pimentos para fins industriais ; mondas de arroz ; sacha de grão e feijão ; sacha e amontoa de milho, de melão e melancia.

e) **Regas :**

Do arroz, milho e do cânhamo, cultura que a Brigada Técnica do Ribatejo anda empenhada em desenvolver, atenta os bons sucessos de seus ensaios, no ano passado e no que respeita ao rendimento e qualidade da fibra.

f) **Colheitas :**

Começa a das favas, dos prados naturais ou expontâneos, dos artificiais e da batata.

g) **Conservação e armazenamento :**

Ensilam-se forragens e faz-se a fenação.

h) **Gados :**

Tosquiam-se as ovelhas. Termina a missão dos reprodutores nos postos hípicos. Vacinam-se os ovídeos e porcídeos contra a baceira.

Há que ter atenção com as ervas marsiadas para evitar o *entrefolho* ou *avento* dos gados e com as ervas dos terrenos pantanosos e cheios de lôdo por causa da baceira (carbúnculo) e da *eiva* ou *papo*.

Fazem-se também neste mês as tentas dos novilhos e novilhas de raça brava.

i) **Cuidado com as estrumeiras :**

Para que os estrumes fabricados tenham o máximo de propriedades fertilizantes, convém que se lhes dispense dados tratamentos, para evitar a perda da riqueza de alguns dos seus elementos nobres, sobretudo em azote, que, pouco tempo após serem expelidas as dejecções começam a sofrer uma fermentação amoniacal.

Convém, portanto, retirar todos os dias o estêrco dos estábulos, renovar as camas do gado e passar, mais a miúdo possível, êsses materiais para a montureira, onde para serem bem tratados, carecem que se lhe ministrem regas do enxurro da montureira e *cortados* de tempo a tempo, para se tornarem numa massa uniforme.

j) **Cuidado com as máquinas :**

Ao perfeito tratamento duma máquina, pertence, após o acabamento do seu trabalho, além da limpeza da terra que as impre-

gna, a conservação, quer por pintura dos órgãos que a isso se apropriam, quer pela untura ou protecção com massa consistente ou óleos queimados onde aquela se não adapte.

Deve ter-se sempre em vista, deminuir quanto possível a resistência dos atritos para evitar os gastamentos, a caldeação dos eixos, numa palavra, a sua destruïção mais rápida.

É bom também, quando em trabalho, que se vigie constantemente o apêrto dos parafusos, chavetas e outras peças de ajustamento.

Em resumo: para que as máquinas prestem serviço útil e tenham também uma maior duração, é necessário que se olhe pelo seu estado de afinação; se lhe faça no princípio do trabalho uma longa lubrificação e ter em vista, que quanto mais complicado, mais rápido fôr o seu movimento e maior a sua trepidação, tanto maior tem de ser a vigilância dispensada.

Máquinas em trabalho na região e no mês: charruas de alqueive, correntemente tipo Dombasle; polifolias para sementeiras, grades, destribuídores de adubos, semeadores em linhas, gadanheiras, ensiladores, tractores, locomóveis, bombas centrífugas, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo:**

Começam as surribas nos terrenos destinados a futuros pomares. Na horta, cavam-se e armam-se canteiros para dar continuïdade às sementeiras de Abril.

b) **Fertilização:**

Distribue-se nos pomares a adubação nítrica, cuja fórmula, sem inconveniente para qualquer fruteira, é:

Azoto nítrico	15,5 %
Nítrico-amoniacal	20 %

Na horta, os estrumes, depois da água são a verdadeira varinha mágica. Sem êles não há hortaliça que valha, horta que preste e hortelão que ganhe.

c) **Sementeiras :**

Continuam as sementeiras de Abril nas hortas, dando-se maior desenvolvimento à sementeira do feijão, couve-flor e bróculos, chicória, pepinos, cardos, melancias, etc. Vigiam-se os alfobres quentes e diligencia-se que não faltem plantas para as culturas temporãs.

d) **Granjeios :**

Nos pomares cortam-se os rebentos ladrões e os mal localizados ; colocam-se tutores nos ramos e enxertos novos susceptíveis de se quebrarem pelo vento ; vigiam-se os enxertos de fenda ; terminam os enxertos de coroa nas pereiras e nas macieiras e inicia-se a enxerfia em canudo ou flauta e em escudo, em ôlho pronto na figueira, nogueira, castanheiro, laranjeira, limoeiro, etc. Sacham-se os pomares.

Faz-se a *disponta* em verde, visando obter antecipadamente ramos de fruto, porém esta prática é de se realizar apenas na pequena cultura.

Outro tanto não acontece com uma outra prática a fazer neste mês em certas fruteiras — pessegueiros, ameixeiras e damasqueiros — *a monda dos frutos*. Todo o fruticultor deve intervir após a queda natural dêles, ou seja, quando a árvore em sua própria defesa reage, desembaraçando-se de alguns dos seus frutos, e êsse momento manifesta-se por os frutos deixarem de crescer, amarelecerem e caírem ao mais pequeno contacto.

A intensidade da monda varia com a espécie e dentro de cada espécie com a variedade. Deve ser feita à mão. Nos pessegueiros e damasqueiros arrancam-se os frutos por meio dum leve torção. Nas macieiras e ameixeiras é necessário muito mais cuidado para não se partirem os *esporões*.

Há castas, onde sem monda não é possível obter em certos

anos uma colheita de valor comercial elevado, ao contrário do que acontece com outras mondas, em que esta operação é em grande parte dispensável. Há casos em que a supressão de 50 a 75 % não é exagerada, ao passo que noutros, apenas 5 a 10 %, pode acarretar prejuízos enormes.

As espécies, em que a monda é de efeitos mais benéficos, são os pessegueiros e algumas variedades de ameixeiras. Nas pereiras, a monda só é remuneradora nos anos de produção excepcionalmente abundante.

É ainda de fazer neste mês a protecção dos frutos com sacos de papel para os obter mais perfeitos.

Na horta o mês de Maio é o mais trabalhoso para o hortelão. Fazem-se com a maior actividade as regas, mondas, sachas e transplantações. Continua a plantação da cebola, tomates, pepinos, podam-se ou *capam-se* melões, pepinos e tomates.

e) **Colheita :**

Nos pomares, aparece a vanguarda dos frutos : as cerejas e as nêsperas. Vermelhinhas as primeiras como lábios de mulher, as segundas, doiradas que parecem constelações na abóbada verde escura das copas.

As cerejas devem apanhar-se com o pedúnculo inteiro, puxando-se por êste e não pelo fruto. Destinando-as a embarque, a apanha efectuar-se-á com 3 ou 4 dias de antecedência. As nêsperas devem ser colhidas com muito cuidado, visto a sua conservação não ser grande e apanharem-se em cachos. Na horta colhem-se alhos, espargos, cenouras, chicória, couves, favas, feijão, alface, cebolas, rabanetes, ervilhas, batatas, pimentos e tomates temporões.

f) **Limpeza e tratamentos :**

Executam-se tratamentos contra as doenças e destruïção de insectos, devendo porém ter-se em boa norma, que, caldas ou poeiras venenosas e mal cheirosas em frutos ou hortaliças, não devem aplicar-se pouco tempo antes da colheita.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Nas vinhas continua o emprêgo das caldas contra o mildio e a aplicação do enxôfre contra o oídio.

Enxertias nas vinhas baixas. Enterram-se ainda adubos verdes. Fazem-se redras ou *raspas* nas terras cavadas no cedo. Elevam-se e ligam-se os sarmentos das baceladas para não se partirem com o vento — *encapelamento*.

Na adega, terminam as trasfegas. Atestam-se as vasilhas. Vigiam-se os vinhos a defendê-los da *volta* e da *azedia*. Ventilam-se as adegas durante a noite.

JUNHO

Um cordão ou «cobra» de éguas a um trote curto e lesto dilacera e corta a palha e faz-lhe sair a semente.

Vila Franca

Eis a Fanfarra do solsticio! Em ânsia
A vida é a expressão, a ressonância
De estridulos, grandiloquos metais...

E ao longe, ao fundo, em rufo de tambores,
O estrépido e tropel dos Segadores,
— Em Junho, a foice em punho — entre os trigais!

CORREIA D'OLIVEIRA.

Vila Franca

Principais trabalhos no mês de Junho

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia	1 — 5.14	— 19.50
»	10 — 5.12	— 20.1
»	20 — 5.12	— 20.5
»	30 — 5.15	— 20.5

Junho, aleluia da luz, do calor, da muita côr. Mês másculo, viril.

O poeta Correia de Oliveira chamou-lhe o mês Pródigo e dedicou-lhe um soneto, que reza assim :

Restruge a Côr, em mil deslumbramentos
O sol, espalha, em tôrno, os seus erários :
Fantásticos Tesoiros milenários,
Ressurgem, sôbre um chão de encantamentos :

Oiro novo das giestas ; penugentos
Musgos, em tom de velhos relicários ;
Rosmanais de ametistas ; incendiários,
Purpúreos trevos, lampejando aos ventos.

Pontifica a verdura : (das espaldas
Da serra, tomba um manto de esmeraldas)
A opala e a rosa, servem-lhe de acólitas.

Safiras de água. Esmalte das lavoiras ;
Papoilas de rubim ; searas loiras,
Em ondas de topázios e crisólitas...

Com efeito, Junho é o mês em que, graças às reverberações dum sol quente, à Terra-Mãi e ao trabalho fecundo do Homem, começa a desentranhar-se a Fartura. Aloiram os cereais praganosos. A espiga pesa, dobra, canta a desafiar os ranchos das moçoilas, papoilas gigantes, dobradas para a terra forte da campina a segarem as colheitas ; a desafiar os boieiros e os singeleiros que, em toada dolente, conduzem a pachorrenta junta a rasgar fundamente a terra ; a desafiar o forjar das cobras de éguas que, em trote rasteirinho, no redopio do calcadoiro, à voz e à ameaça do varejão do moiral que ali domina, escaldado pelo sol e entre nuvens de pó, apura a semente ; a desafiar emfim... toda a harmonia, que o trabalho ordenado e abençoado cria em louvor a Deus. E se assim se colhe, há que não esquecer que é preciso semear ou preparar para o futuro, e eis então, os trabalhos que cabem neste mês :

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo :**

Continuam os alqueives de preparação da terra para trigos e se o número de lavoiras é muito importante para a melhor beneficiação da terra, a profundidade das mesmas não o é menos, pelas vantagens que ela apresenta, e que entre outras se podem enumerar assim : facilita a penetração das raízes ; põe à disposição delas um maior cubo de terra e, portanto, uma maior quantidade de substâncias fertilizantes ; forma um maior reservatório para as águas das chuvas, permitindo que o trigo ofereça uma maior resistência à secura. Lavergne, chegou mesmo a asseverar que o número de hectolitros de trigo que uma terra pode produzir por hectare é igual ao número de centímetros de profundidade a que a lavoira chegou.

Nos arrozais — lavram-se os terrenos que serviram de viveiro

e de onde já saíram as plantasinhas para povoar os canteiros, e isto, com tanto mais fundamento, quanto menor fôr a quantidade de águas de que disposermos para garantir, não só o saneamento, mas as próprias exigências do arrozal, além ainda das outras razões de ordem cultural que mais adiante se dizem.

b) **Fertilização das terras :**

Prosseguem as fertilizações a « rabo de ovelha ». Nos arrozais aplicam-se as adubações minerais em cobertura, variável na sua composição e percentagens, consoante os vários factores que no arrozal intervêm (natureza do terreno, se se fez ou não adubação básica, número de anos em que está de arroz o terreno, vigor de vegetação, etc.), e assim se emprega o sulfato de amónio e superfosfato ; o Diammoniumphosphat Ig e Leunaphos Ig, etc., etc.

c) **Sementeiras e plantações :**

Milho e feijão nas terras baixas ou nas que foram utilizadas a viveiros de arroz. Nestas, não só com o fim da produção de forragens, mas sobretudo, para melhoramento da terra, limpando-a de más ervas, afoufando-a e fornecendo-lhe calorias para os fenómenos de nitrificação e predispondo-a para uma melhor germinação do arroz, no viveiro do futuro ano.

d) **Granjeios :**

Sacham-se e amontoam-se milhos, beterrabas e batatas ; sacha-se feijão, monda-se arroz.

e) **Regas :**

Continuam nos arrozais, nos campos de milho e nos prados artificiais.

f) **Colheitas :**

Diz o povo : « Feno alto ou baixo em Junho é segado », ou ainda : « Em Junho foice em punho ». É assim na verdade. A fava,

os fenos, os cereais praganosos, sucessivamente se vão ceifando, e, lá diz ainda o rifão: « No minguante, para a sega é excelente ocasião ».

A foice, a gadanha, a gadanheira, a ceifeira entram largamente em acção, e preparam-se as eiras para as debulhas.

Acolitados por homens com forquilhas, lá seguem chiando, como ouriços cacheiros, os carros e « lesirões », por manhãs luminosas e ainda orvalhentadas, direitinhos à eira, levando altos cogulos de faveiras, depois destas terem estado a secar, durante poucos dias, em « paveias », sôbre a terra. « A malho » são umas sujeitas (pequena cultura); ao calcadoiro, outras (média e grande cultura). Um cordão ou « cobra » de éguas, a um trote curto e lesto, gira em tôrno do abegão, dilacera, corta a palha e faz sair das vagens a semente que homens com ancinhos vão, pouco a pouco, separando até a deixarem extreme, para depois a limparem à pá, espalharem-na para melhor secar, reünirem-na depois em monte, de onde se ensaca e segue para o celeiro.

E o que sucede às favas, sucede depois aos outros géneros...

g) **Conservação e armazenamento :**

Depois da colheita dos pastos procede-se à valagem ; limpam-se também nesta época os poços, desentopem-se as minas, fazem-se as rêdes de drenagem. Calibra-se pela qualidade e tamanho a cortiça da descortiça dos montados ; arrumam-se as pilhas ; aproveita-se e fazem-se os aprovisionamentos de madeira para aquecimento e carvão. Limpam-se os palheiros, desinfectam-se e limpam-se os celeiros, prestes a receber, respectivamente, o feno, a palha e o grão, e com os quais, há que haver certos cuidados, para que ali se não deteriorem. Assim com a « cura » ou « secagem » dos fenos, que devem ser ceifados quando a maioria das plantas estiverem em flor, convém que, depois da ceifa de uma dada porção, esta se espalhe o mais igual possível, à forquilha ou com o murchador de fenos, com o fim de o fazer secar ; mas ao entardecer deve juntar-se em pequenos molhos ou paveias, o que pode fazer-se à mão, à forquilha, ou com ancinho mecânico e

nunca o deixar espalhado a êsmo durante a noite, mesmo com bom tempo, pois as orvalhadas bastam para o reduzir a um feno leve, negro, sem sabor e até de menos valor que a palha. No dia seguinte, depois do enxugo dos orvalhos, os montes voltam a desmanchar-se e o feno é revirado durante o dia, até que ao entardecer se reüne de novo em molhos de 30 a 50 quilogramas para de manhãzinha cedo ser « carregado » ou « salmejado » para o palheiro ou arrumado em altas medas para ser ali mesmo enfardado.

No Ribatejo a espontaneidade de produção das ervas é formidável e é uma das causas porque a agricultura regional tem descurado e não aproveitado com outros meios as suas grandes faculdades forraginosas. Junto à margem dos rios há pastagens duma riqueza extraordinária, que, quando o solo dessas pastagens é um pouco mais elevada do que o leito do rio, como acontece com os mouchões, salgados, lezírias do Tejo e seus afluentes, dão fenos naturais de finas gramíneas e leguminosas ; o mesmo não acontece já com as de solos mais baixos de natureza paúdica, onde se forma então uma flora pantanosa, de fenos grosseiros, maus, mesmo até prejudiciais, que podem causar moléstias nos gados e, por isso, só devem ser empregados em camas, a não ser que a necessidade obrigue a fazer uso dêles, mas neste caso deverão ser sempre misturados com boa palha ou bom feno e salpicados com sal. Nestas terras baixas estão ainda os « sapais », mas a vegetação dêstes — juncos, erva sapal, « murraça », etc. — só deve ser empregada em camas.

As terras submersíveis dão em média 9 cobras por hectare (2 cobras igual a uma carrada); terras insubmersíveis, 6 cobras.

Mas além da fenação, é ainda também asada a época para uma outra modalidade de conservação das forragens — a ensilagem — que tem maiores vantagens ainda que a própria fenação. Permite durante o inverno conservar as forragens verdes e frescas, com um alto valor alimentício e lactígeno ; economiza a colheita ; que a abundância da colheita se reparta uniformemente pelas

épocas em que a terra, pelos calores, geadas, frios, inundações, se desnua ; se armazene num menor espaço maiores quantidades de forragens ; hajam menos perdas de substâncias nutritivas que no feno, que sofre a perda inevitável das fôlhas e outras partes tenras, além das que ainda experimenta emquanto as plantas se estão « curando » ou « secando » e com as quais os caules sofrem uma lenhificação que os faz menos apetecíveis aos animais.

h) **Gados e outros animais úteis :**

Acaba a tosquia das ovelhas ; continuam as vacinações do gado ovino, caprino, bovino e suíno. Parem as porcas as « crias da boleta ».

As forragens verdes continuam ministrando-se aos animais, tendo sempre em atenção o perigo das pastagens marsiadas e pantanosas.

Abelhas — Observam-se as colmeias em que se recolheram as colónias que enxamearam em Abril e Maio a verificar se trabalham com regularidade. Examina-se nas boas colónias o volume do mel e se os quadros se apresentam todos cheios, ou se convém substituir alguns, por outros vazios de cera moldada. Protegem-se as colmeias contra o sol para que a cera se não funda e o mel se não perca. Se em algumas colmeias se produzir ainda algum (garfo), reüni-lo à colmeia-mãi ou a outra mais fraca, pois só assim se lhe evitará a morte no futuro inverno.

Aves de capoeira — 1) *Galinhas* — Como com o calor se desenvolvem inúmeros parasitas que atormentam as aves, é necessário passar em revista o material aviário e a própria habitação. Limpam-se com cuidado as capoeiras, lavando-as com água e qualquer antiséptico e em seguida, caiá-las. Devem pôr-se à disposição das galinhas banhos de pó, formados de cinzas de barrelas e pós de enxôfre e deitar-lhes ainda debaixo das asas pó de piretro.

As galinhas destinadas à engorda devem ser separadas e postas em compartimentos frescos, sem o que não engordam.

2) *Perus* — Neste mês há já um certo número de perus pequenos. Não se devem expor à acção do sol, nas horas de maior calor, pois lhe poderia causar insolações mortais.

Convém que se pastem onde encontrem bastantes insectos.

3) *Gansos* — Acabam as fêmeas geralmente as posturas. Aproveitar esta ocasião para as depenar no ventre e não expor à ardência dos raios solares os mais novos, sobretudo às horas de maior calor.

4) *Pombos* — Os mesmos cuidados higiénicos e limpeza recomendados para as outras aves e se os pombos tiverem água à disposição para se banharem, isso dá-lhes muito prazer.

i) **Cuidado com as estrumeiras :**

Vigiar a conservação dos estrumes e incessantemente promover o seu aumento deve ser o nosso fim. Não desperdiçar os resíduos da casa agrícola e os da horta. Tudo serve. Cinzas, fôlhas, folhiço de matas, matos triturados dos caminhos, ervas de raspas, bagaços deteriorados, lodos, urinas de animais, dejectos humanos, algas, palhas de arroz, de outros cereais e leguminosas, etc.

Tudo isto, junto às dejecções dos animais e às camas fazem um esplêndido estrume, o mais importante dos materiais fertilizantes e que sem êles não pode haver culturas abundantes.

Sob esta idea, conduzem-se os países de agricultura adiantada, e tanto assim, que é com a criação metódica dos gados e com as culturas forraginosas que fazem avultadamente as suas culturas ricas. É que, neles, há a certeza que « quem quere trigos faz prados, pois quanto mais prados mais trigo e mais gados ».

j) **Cuidado com as máquinas :**

Ter em vista as recomendações feitas o mês passado, sobretudo no que diz respeito às lubrificações e apêrto das máquinas em trabalho.

Há em trabalho neste mês : charruas de vários tipos, auto-charruas, gadanheiras, ceifeiras, trilhos, enfardadeiras, tractores,

ensiladores, bombas centrífugas, murchadores de feno, ancinhos mecânicos, pulverizadores, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo :**

Continuam as surribas nos terrenos destinados a futuros pomares. Na horta, prossegue a preparação da terra, que a cultura de legumes exige um esmiuçamento, que deve ser levado até quási ao estado pulverulento das cinzas.

b) **Fertilização :**

Os canteiros que têm de servir imediatamente, conforme as espécies que os hão-de povoar, assim se fertilizam com estrumes abundantes meio curtidos, as couves, alfaces, chicórias, etc. ; com terriço bem curtido : tomates, melões, beringelas, cenouras, beterrabas, batata doce, cardos, pimentos, etc. ; contentam-se com a fertilidade das precedentes culturas : o feijão, etc.

c) **Sementeiras e plantações :**

Continuam as sementeiras periódicas de feijão carrapato e semeiam-se : acelgas, agriões, alfaces próprias da época, azedas, beterraba para salada, cenouras, cerefólio, couves diversas, incluindo couve-flor e brócolos, lentilhas, mostarda, salsa, segurelha, tomilho, etc.

Continua a plantação de tomates, melões, beringelas, pimentos, cardos, batata doce, etc.

d) **Granjeios :**

Nos pomares mondam-se os pessegueiros e as macieiras ; efectuam-se as sachas que forem mais necessárias para manter o solo dos pomares liberto de ervas, em bom estado de mobilização

e deminuir o grau de secura. Enxertam-se de escudo a aveleira, a oliveira, o pessegueiro sôbre a ameixeira, laranjeiras, cidras, limoeiros, e a nogueira, por aproximação.

Termina a ensacagem dos peros e maçãs de escolha.

Começam as regas nas regiões mais quentes e sobretudo nos pomares de solos ligeiros e com exposição quentes.

Na horta continuam as regas de manhã e de tarde, as sachas e as mondas. Capam-se melões, tomates e pepinos.

e) **Colheitas :**

Nêspera, cereja, ginja, peras precoces, pêssegos de S. João, ameixas, damascos, alperches e framboesas, que se colhem completamente maduras, excepto se se destinam a transportes demorados, e deve fazer-se com o tempo sêco, sendo o fruto desprendido da árvore à mão e com pedúnculo aderente.

Na horta há a abundância de produtos a colhêr : ervilhas, espargos, alfaces, couves, feijão verde, batata, tomates, rabanetes, pepinos, pimentões, cebolas e morangos, etc.

E, servindo-me ainda dos velhos adágios, se neste mês não se colhe a azeitona, todavia, colhem-se nêle esperanças ou desilusões duma boa ou má colheita futura. Assim se diz : « Dia de S. Pedro vê teu olivedo e se vires um bago espera por um cento ».

f) **Tratamentos e limpezas :**

Aplicam-se nas laranjeiras, nas tangerineiras e limoeiros, nos citros em geral, caldas sulfo-cálcicas de Primavera — 3 litros de calda concentrada por 97 de água — ; nas macieiras, variedades serôdias, calda bordalesa alcalina a 1 % adicionada de 250 grs. de arseniato de chumbo ou « arsinette » por 100 litros de água.

Nas pereiras, só calda bordalesa alcalina. Em caso de aparecimento de piolho (afídios) aplicação de caldas de contacto — nicotina — sulfato de nicotina ou extracto de tabaco, — o Piersol, Imazu, etc. — que podem ser ministrados simples ou adicionados às caldas sulfo-cálcicas.

É necessário não esquecer as recomendações, que já fiz a êste respeito, quanto ao momento até que as caldas venenosas e mal cheirosas se devem empregar.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Vinhas — Fazem-se as « raspas » ou « redras », que, entretanto, se não devem executar no momento da floração, pois podem provocar o « desavinho ». Como é na ocasião da « alimpa » ou « purga » do cacho que êste está mais arriscado a perder-se, a luta contra o míldio e oídio impõe-se neste momento com cuidado. Aproximadamente na ocasião da floração convém a aplicação do enxôfre ; depois dos cachos limpos, calda bordalesa ; quando os bagos estiverem do tamanho de ervilhas — pulverizando bem os cachos — calda bordalesa ou calda sulfo-cúprica. Em caso de ataque de insectos roedores, só com água e cal ou com a própria calda bordalesa-arsinette na percentagem variável de $^1/_{400}$ até $^1/_{800}$, conforme o estado de adiantamento da vegetação, visto as fôlhas, emquanto novas, se mostrarem mais delicadas e, portanto, mais sensíveis às doses elevadas dêste insecticida. A época da alimpa é tão melindrosa e tão sensível nela as acções externas, que, as gentes, de brancas cãs, que ainda para tudo se regulam pelos adágios, auguram sempre más colheitas quando chove neste mês e assim dizem : « Água de S. João tira azeite e vinho e não dá pão ».

Nas variedades de uvas de mesa, além das podas vivas, que se deverão igualmente fazer nas de vinho, convém, para obter cachos com toda a sua beleza, em primeiro lugar, não sobrecarregar a videira com frutos ; seguidamente, fazer-lhe algumas operações, como sejam : « monda dos bagos », desbaste ou cinzelagem — eliminação de bagos nas extremidades das asas e do corpo e a seguir, por todo o corpo do cacho de forma a deixar os bagos

sem ser apertados ou toxados. — Esta monda algumas vezes pode ir até $^{2}/_{3}$ dos bagos. Também se usa o cinzelamento em cachos que se apresentam excessivamente esgalhados, mas nestes, o corte é feito apenas na ponta do corpo e das asas, para com isto se avolumarem os outros bagos.

A incisão anular — Anel aberto na casca dos ramos frutíferos, logo abaixo dos frutos que pretendemos favorecer. Esta prática dá exemplares duma excepcional formosura, contudo não é de abusar.

Adegas — Ventilá-las todas as noites. Atestar as vasilhas, vigiar os vinhos, os derrames e as vasilhas vazias, mechando-as ou sulfitando-as, sempre que seja necessário, a evitar que se encham de bolores e ganhem dêles o cheiro.

JULHO

Campo de Santarém

Por manhãs luminosas e orvalhentadas, direitinhos à eira, lá seguem chiando como ouriços cacheiros, os carros e tezirões levando altos cogulos de pão.

Na eira, sob o sol ardente da canícula, vai a maior azáfama do momento. A debulhadora com sofreguidão e rosnando, vai devorando, um após outro, os feixes, para dai a pouco dar o trigo limpo que em montes, na eira, refulge como o oiro.

Vila Franca

Principais trabalhos no mês de Julho

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 5.15	— 20.6
» 10	— 5.21	— 20.3
» 20	— 5.27	— 19.59
» 30	— 5.36	— 19.50

O tom esmeraldino que ostentava a Terra Ribatejana, vai-se agora parcelando e perdendo. Aqui, o verde dos milharais e dos meloais junta-se já ao sapie dos alqueives; além, o da vinha, aconchega-se à côr palha dos restolhos da fava e dos cereais praganosos, que

« Vão tombando as searas, num marulho
De claras ondas. Zumbe a cega-rega
Das cigarras.....

e lá ao fundo e...

.....ao longe, a verde praga
Dum vale. Águas e pombas, em arrulho ».

Assim se vai esbatendo, cromisando o manto das terras ribeirinhas do Tejo, que mais fica a parecer um grande tapête de retalhos multicores. Mas a esta multiplicidade de côr corresponde também uma grande actividade na campina, por isso o vulgo distingue o mês com estes dois adágios:

« *Julho quente, sêco e ventoso, trabalho sem repouso* ».

« *A geira de Maio vale os bois e o carro, a de Julho vale os bois e o jugo* ».

Com efeito assim é, como passaremos a ver :

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo :**

Continuam os alqueives ou lavras de preparo e gradagens, nos alqueives já feitos. Porém, há terras argilosas em que a charrua revira massas de barro ainda húmido e em casos dêstes, em vez de se precederem de gradagens ou rolagens, para que a terra fique esmiuçada e não aperte até à época das sementeiras, convém antes, deixá-las expostas ao ardor do Sol de Julho e Agosto.

Então, elas adquirem, secando, a dureza da pedra, mas à maneira que vão perdendo humidade formam-se na sua superfície e depois no interior grêtas, que quando chega afinal a água das primeiras trovoadas, se sôbre elas se passar com uma grade de pau, a terra adquire fàcilmente um grau perfeito de esmiuçamento que conserva até à estação das sementeiras.

Fazem-se também as lavouras superficiais nos restolhos, ou as chamadas *sôbre restevas,* com o fim de trazer ao de cima as raízes de gramíneas, tais como a grama, os agrotis, etc., que não andam mais fundas que nove a dez centímetros.

Uma lavoura funda manteria essas raízes que a grade não teria sôbre elas mais que meia acção ; ao passo que a gradagem enérgica, dada quási imediatamente a uma lavoura de restevas, antes de a terra ter acamado, arranca todas essas raízes e trá-las à superfície, que depois de sêcas se juntam e se lhes deita fogo.

Lavouras e gradagens, sucedidas por uma ordem conveniente, acabam por dar uma esplêndida preparação à terra e para êste fim salienta-se o alqueive de verão.

b) **Fertilização das terras :**

Se é certo que mesmo a terra mais fértil se exaure, esgota e cessa de dar produções lucrativas, se de quando em quando não se reanima o enfraquecimento, verdade é que, nesta quadra, parte da sua restauração faz-se com alqueives, pela meteorização que a terra experimenta, pela transformação que sofrem certos elementos inactivos. Um bom alqueive, incontestàvelmente, é um grande passo para a boa fertilização ; mas esta faz-se, nesta quadra, também « a bardo » ou « rabo de ovelha » e pelas adubações de cobertura em determinadas culturas da época: arroz, batata de regadio, pimentos, tomates, cânhamo, etc. Para o estrume do curral, no Ribatejo, não é ainda a hora.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios:**

Continuam as regas, sachas e mondas de milho para arejar e afofar as terras ; as regas e mondas no arroz, as regas e sachas nas batatas de regadio, regas em prados artificiais, sulfatam-se tomates, pimentos e batata de regadio ; continua a luta contra os limos nos arrozais empregando sulfato de cobre ou regando-os com um soluto de cloreto de cálcio à razão de 0,5 % e contra a erva sarna emprega-se cal.

d) **Colheitas :**

Acaba a ceifa dos cereais praganosos e continuam as debulhas. Na eira, sob o sol ardente da canícula, vai a maior azáfama do momento. Numas, o trilho de bôca escancarada corta com os dentes a palha, emquanto as patas dos animais promovem a debulha do cereal. Noutras, juntam-se as mais perfeitas alfaias que Ceres inventou: a que fornece a fôrça para o andamento dos aparelhos ; a debulhadora que produz o trabalho da debulha e preparação do cereal e da palha e finalmente o fagulheiro, que apura da palha todo o grão que a debulhadora não pode aproveitar ; em algumas ainda, a enfardadeira, destinada a acondicionar as palhas de forma a poderem suportar a demora do seu consumo bem como para facilitar o seu transporte. Comandam-

-nas, homens destros e robustos, tisnados do sol, alguns dos quais, com muita ligeireza, cabe-lhes alimentar com os feixes das

« Searas de Oiro, princezinhas loiras,
No verde encantamento das lavoiras
Levando o sol por seu mordomo e arauto ».

as abertas goelas da debulhadora, que com sofreguidão e rosnando os vai devorando, um após outro, para daí a pouco dar o trigo limpo que em montes, a meio da eira, refulge como o oiro, o trigo que faz pão

« O pão também tem alma ! Êle é, ao largo
Da vida, o nosso berço, o lar e o chão ».

e) **Conservação e armazenamento :**

Prosseguem as valagens, limpeza de poços, desentupimento de minas e continuam a fazer-se as rêdes de drenagem. Ainda continua a calibragem da cortiça pela qualidade e tamanho, a sua arrumação em pilhas e a fazer-se o aproveitamento e os aprovisionamentos de madeira para aquecimento e carvão. Nos palheiros, já limpos, começam a entrar os fenos e as palhas ; e os celeiros, desinfectados e limpos, começam a receber o género.

f) **Gados e outros animais úteis :**

Aumentam-se as rações aos animais de trabalho em virtude do seu exaustivo serviço. Dar-lhes feno sêco e sementes moídas. Começa a passagem do regime verde para o regime sêco.

Conduzir os rebanhos às pastagens, não esquecendo o perigo das marsiadas e das ervas pantanosas. Apascentar os gados nos restolhos. Recolhê-los sob abrigos, sobretudo os animais novos, às horas de maior calor. Venda dos animais de ceva, engordados na Primavera ; das lãs e vigilância sôbre as que se conservem.

Banhar os porcos e levar aos restolhos as crias da respiga, depois das outras espécies os terem passado.

A passagem do regime verde ao sêco deve fazer-se gradualmente para que não percam ràpidamente carnes.

Abelhas — Faz-se a cresta ou colheita do mel, deixando-se em cada colmeia a quantidade suficiente para a sua sustentação. Os quadros vazios colocam-se nos extremos, deixando ao centro os cheios. Deve igualmente verificar-se se há colmeias pouco povoadas ou se lhe falta mel. No primeiro caso, deve meter-se-lhe um caixilho bem povoado de outra colónia ; no segundo caso, substituir os caixilhos vazios por igual número, mas bem providos de mel. Em geral, estas operações devem ser feitas pelo meio dia, emquanto as obreiras se encontram fora, na sua faina.

É neste mês que a Sphinx Atrops se introduz nas colmeias, sem muito se inquietar com as abelhas, para lhes roubar o mel, chegando a comer-lhes porções avultadas. As colmeias fortes defendem-se bem dêstes seus inimigos, construindo à entrada uns muros de própolis em ziguezague, que, permitindo a entrada das abelhas, não deixam passar aquela volumosa borboleta ; porém, as colmeias fracas já da mesma forma se não defendem, sendo então nelas que aquela borboleta faz de preferência os estragos, bem como a tinha. Por todos os motivos e mais êste, há necessidade de conservar sempre fortes os enxames.

Aves de Capoeira — 1) *Galinhas* — É um excelente mês para a selecção dos reprodutores, nascidos cedo, convindo também separar os frangos das frangas, a fim de se não prejudicar o seu desenvolvimento. Todos os que não forem considerados dignos de ser guardados, convém engordá-los para a venda ou consumo, alimentando-os exclusivamente de papas farináceas e azotadas. As crises da muda devem ser vigiadas com cuidado, juntando-se flor de enxôfre aos alimentos, que devem ser particularmente excitantes e fortificantes.

2) *Perus* — Certo número de peruas podem retomar a postura, depois de terem chocado e terem criado um bando, durante um mês.

3) *Gansos* — Começam a ser fortes e resistentes no fim do mês. Devem andar em pastio, habituando-os, entretanto, à tarde a procurar uma boa papa, a fim de os preparar para o período da engorda.

4) *Pombos* — Deve dar-se-lhes água fresca, com freqüência, e fazer uma boa distribuïção de verdura.

Como um dos grandes inimigos das aves é o calor, é necessário que haja com todas as espécies um rigoroso cuidado com as condições higiénicas.

g) **Cuidado com as estrumeiras :**

Além de profiarmos em aumentar os estrumes, convém cuidar, sobretudo nesta época, da sua beneficiação, regando-o com o chorume das nitreiras. É que os estrumes secos, não sòmente não retêm os compostos amoniacais, mas são invadidos por bolores, que vivem à custa de matérias minerais e orgânicas e que assim os empobrecem em azote. Esta rega, tem portanto o mérito de disseminar os fermentos na massa, fornecer a actividade dos anaeróbios produtores de gás carbónico, que, combinando-se com o amoníaco volátil, forma o carbonato de amónio, que o estrume retém, sem perda por libertamento. À falta de chorume, rega-se com simples água ; os estrumes contendo três quartos do seu pêso de água não sofrem perdas de azote.

h) **Cuidado com as máquinas :**

Inspecção amiudada das máquinas em trabalho, não lhe faltando sobretudo com as lubrificações e apertos.

Há em trabalho: charruas de vários tipos, tractores, locomóveis, debulhadoras, fagulheiros, enfardadeiras, bombas centrífugas, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo :**

Prosseguem as surribas para o estabelecimento de novos pomares e, na horta, prepara-se o terreno que se destina às sementeiras do mês.

b) **Fertilização :**

Estas sementeiras são feitas mais correntemente com o estrume do curral mais ou menos curtido conforme a exigência da espécie cultivada. O emprêgo dos nitratos, em cobertura, também pode ser utilizado, em caso das plantas necessitarem de ser forte e ràpidamente estimuladas. Com êste mesmo fim podem empregar-se chorumes dos estrumes, mas diluídos em 3 ou 4 vezes o seu volume de água. Puro, queima as plantas e fá-las amarelecer pelo seu carbonato de amónio.

c) **Sementeiras e plantações :**

Nos canteiros ainda se semeiam alfaces, agriões, aipo, azedas, beterraba para salada, cerefólio, nabos, cenouras, chicórias, cebolas, espinafres, ervilhas, pastinaca, mostarda branca, rabanetes, salsa, couve tronchuda para dispor antes das primeiras águas. Continua a sementeira de feijão carrapato. Planta-se a couve-flor e toda a casta de hortaliça, havendo abundância de água ; no caso de falta, espera-se pelo mês seguinte.

d) **Granjeios :**

Regas devem ser feitas com a maior intensidade, em harmonia com a elevação de temperatura e, de manhã ou à tarde. Desfolham-se os pessegueiros, mas apenas junto dos frutos que estejam demasiadamente ensombrados com o fim de se corarem. Enxertam-se de borbulha os pessegueiros. Enxertam-se com ôlho dormente as árvores que entraram cedo no período vegetativo (pilriteiro, pereira Franco e ameixeira). Caprificam-se as figueiras, arrancam-se os rebentos que apareçam nas árvores de fruto, que também se devem aliviar de frutos quando muito carregadas. Fazem-se as sachas necessárias. Continua a capação dos melões e tomates.

e) **Colheitas:**

Tanto no pomar como na horta entra-se na época de plena produção. Nos pomares colhem-se: damascos, ginjas, framboesas, abrunhos, ameixas, pêssegos, peras, figos, etc. ; nas hortas, em

geral todos os legumes, quer sejam bolbos, tubérculos, frutos. Guardam-se os alhos e enrestam-se as cebolas.

Nem todos os frutos, numa árvore, amadurecem ao mesmo tempo. Daí a vantagem em fazer a colheita gradualmente. A colheita requere pessoal cuidadoso, pois o pouco escrúpulo dêsse pessoal pode contribuir não só para um verdadeiro flagelo para o pomar, mas provocar a desvalorização dos frutos. A fruta deve colher-se de manhã cedo, depois de desaparecer o orvalho ou então à tarde. À medida que se realiza a apanha, colocam-se cautelosamente os frutos nos cestos ou cabazes, um por cada vez. Quando estes cabazes se despejam em recipientes maiores, mudam-se os frutos à mão. Para as espécies mais resistentes podem inclinar-se as duas taras, de forma que os frutos rolem suavemente sem baterem ao chegar ao fundo. Convém que os recipientes sejam baixos para que o pêso das camadas superiores não prejudiquem os frutos que ficam por baixo. Para facilidade do apanho impõe-se o uso da escada, de que há vários tipos.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

a) **Vinhos:**

Fazem-se ainda raspas nas vinhas se a quantidade de erva assim o aconselhar ; continua-se a esladroar e a fazer a poda viva, quando as cepas indiquem a sua conveniência.

As enxofrações prosseguem sobretudo nos sítios mais húmidos.

Há variedades precoces que no fim do mês amadurecem. Isto corrobora o que o vulgo diz:

No dia de Santiago vai à vinha e prova o bago.

b) **Adegas :**

Atestar as vasilhas ; arejar durante a noite as adegas. Vigiar os vinhos. Não os trasfegar senão em casos especiais. Começar com os consertos de vasilhas, a preparar a adega para a nova colheita.

AGOSTO

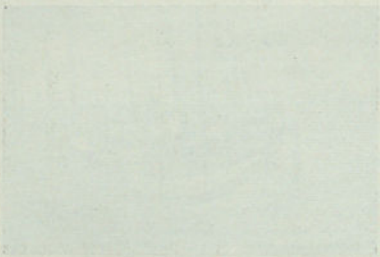
Vila Franca

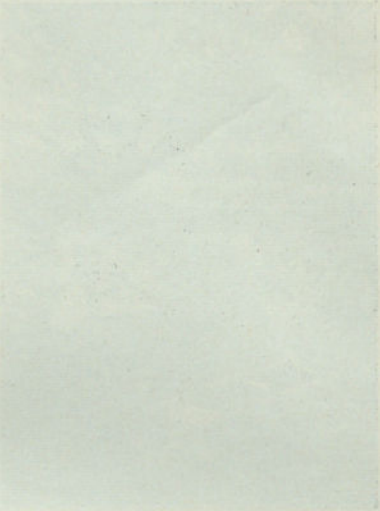
Melões, uvas, maçãs de espelho, laranjas, cerejas, etc., e em quantidade já avultada, é a fruta que o Ribatejo exporta para o comércio interno e externo. Na maioria dos casos, é de Vila Franca que largam fragatas carregadas dêsses frutos, vindos de vários concelhos próximos, onde na sua côr resplandece o vivo colorido da terra ribatejana e no perfume e sabor, as poalhas dêste sol duma quentura inebriante.

"A terra lavrada em Agosto à estercada dá rosto."

E' que o alqueive de verão além de destruir as ervas, abafa-as e submete uma grande massa de terra à influência dos agentes atmosféricos, aumentando assim o poder nutritivo do solo.

Campo de Azambuja





Principais trabalhos no mês de Agosto

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 5.38	— 19.48
» 10	— 5.46	— 19.38
» 20	— 5.54	— 19.26
» 30	— 6.4	— 19.11

Abundância ? Não há no ano outra, como neste mês. Desentranhados da terra, colhem-se os frutos mais variados, os mais recamados de matizes. Não fôssem êles sazonados pelas mais ricas poalhas de oiro que o sol pode dardejar... Com esta abundância, remata o agastamento em que tem vivido o lavrador, durante um largo ano, para encerrar o seu Deve e Haver. É que êle nem sempre tem lucros. Mas nem por isso êste valoroso obreiro desanima. Pode mesmo empobrecer, mas sorri, sorri mesmo que as suas colheitas sejam minguadas. Dá graças a Deus por ainda ter aquelas... que, sempre, são lindas... melhor que todas. Têm o doirado do sol, o sangüíneo do seu sangue, a frescura ou graça dos seus filhinhos e foram regados com bagas do seu suor.

Têm alguma coisa do seu ser. Por isso, a sua alma vive de ternura e principalmente:

« Que bom sinal, ao tempo da debulha
E dos lagares, quando o Lavrador
Alarga os sábios olhos em redor
Sorri, — e em largas contas se embarulha !

Começa a espicaçá-lo (como agulha
De ouro bemdito) o sôfrego terror
De não chegarem, para tanto amor,
As arcas, o espigueiro, a adega e a tulha!

— Vasilhas?! Onde as ir buscar, aonde? —
Roga-as na aldeia; e todo o mais responde:
— « Vizinho! ia fazer-lhe o mesmo avanço... »

Fartura Santa! — O pão, o vinho, o azeite?!
Ande eu a pé, a ver onde é que os deite:
E seja êste cuidado o meu descanso!

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo:**

Sentencia o povo assim, quanto a esta prática:

« *Quem em Agosto ara, riqueza prepara* ».

« *A terra lavrada em Agosto à estercada dá rosto* ».

Efectivamente é assim. A terra, que se tem visto sobrecarregada de novidades, acaba sempre por ser invadida por ervas, que para se destruírem nada há como um alqueive de verão. É que êste alqueive, além de as destruir, abafa-as e submete uma grande massa de terra à influência dos agentes atmosféricos, aumentando assim o poder nutritivo do solo. E porque êste mês, muito a isso se presta, prosseguem nêle os alqueives, bem como as lavoiras preparantes das terras fortes. Desmoitam-se também as bermas, as valas e aquedutos.

b) **Fertilização das terras:**

Começa a acarretar-se o estrume, a cal e a marga. Porém, o estrume só deve ser conduzido para o campo nas proximidades de ser enterrado.

Se é espalhado sôbre o solo, quinze ou vinte dias, sem que vá para debaixo da terra, perde uma grande parte do seu valor. O modo mais geral consiste em distribuí-lo em montes pela fôlha e espalhá-lo depois à forquilha em uma camada contínua e regular, enterrando-o seguidamente à charrua.

A quantidade de estrume a empregar depende: da propriedade mais ou menos esgotante das colheitas precedentes; da espécie que se pretende semear; da natureza do terreno; da qualidade do estêrco. As plantas que fornecem produtos abundantes, tais como: batatas, cereais, etc., exigem mais do que aquelas, colhidas na florescência, tais como os trevos, luzernas, etc.

As terras soltas reclamam uma estrumação mais fraca mas mais freqüente do que as terras fortes; as terras argilosas retêm por mais tempo as matérias fertilizantes.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios :**

Exigem sacha os milhos serôdios, prosseguem as regras contínuas nos arrozais e as intermitentes nos prados.

d) **Colheitas :**

Colhe-se o milho de sequeiro, feijões, abóboras, melões, melancias e todos os frutos já criados. Os milhos curam-se ao sol para depois de enxutos se debulharem e secam-se as fôlhas para serem recolhidas depois de emmolhadas.

Efectua-se ainda a gemagem do pinheiro.

e) **Conservação e armazenamento :**

Embora se diga que « quem não debulha em Agosto, debulha com mau rosto », a verdade é que neste mês, geralmente, acabam-se as debulhas dos cereais praganosos. Recolhem-se os cereais debulhados e as palhas.

f) **Gados e outros animais :**

Mantêm-se estabuladas as vacas leiteiras em lugares frescos, bem arejados e sombrios e só de manhã e à tarde devem sair

para os pastos. As ovelhas podem vantajosamente pastar de noite. Os porcos devem ter água abundante para bebida e banho. Desmamam-se gradualmente os poldros e os mulos com seis meses.

Ter cuidado com os galináceos e pombos na crise da muda. Bebedoiros à sombra, em lugar fresco, renovando a água. Limpam-se coelheiras, prepara-se o material para a nova época.

Conclue-se a cresta, a não ser nas regiões onde a flora permite uma melada tardia.

g) **Cuidado com as estrumeiras :**

É uma ocasião muito oportuna para fazer os estrumes artificiais.

Dos detritos das eiras, moínhas, palhas deterioradas, novas ou velhas ; das limpezas dos palheiros, pode obter-se um bom estrume pela transformação da celulose em humos. Formar com a palha um leito com 80 centímetros, aproximadamente, de espessura, preparando-se o seu amolecimento, por meio de três regas sucessivas com 800 litros de água por tonelada de palha, feitas de manhã, à tarde e na manhã seguinte.

Lança-se na palha um pouco de estrume fresco, à razão de um a dois quilogramas por metro quadrado, servindo êste como que de fermento e derrama-se sôbre a palha uma destas duas misturas nutritivas, assim constituídas :

18 quilogramas de mistura, por tonelada de palha :

Fórmula A:
- 40 quilog. de sulfato de amónio
- 30 » » fosfato de amónio
- 30 » » sulfato de potássio

25 quilogramas de mistura, por tonelada de palha :

Fórmula B:
- 50 quilog. de sulfato de amónio
- 30 » » fosfato bicálcico
- 20 » » sulfato de potássio

A seguir a esta operação, faz-se uma rega líquida para facilitar a penetração dos produtos. A temperatura começa a elevar-se e, quando estacionada, adicionar à pilha nova dose de palha, com a qual se procede anàlogamente ao que já se fez, excepto no adicionamento do estrume. Por períodos espaçados de 4 a 5 dias podem fazer-se novas adições de palha. Por meio

de regas faz-se entrar em circulação o chorume, que começa escorrendo da pilha e que se utiliza para novas regas.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo :**

Para futuros pomares continuam as surribas. Nas hortas, cava-se toda aquela terra, de onde vão saindo culturas, para de novo ser repovoada.

b) **Fertilização :**

Na horta, consoante a exigência da nova cultura e da que saíu, da natureza da fertilização precedente, assim se faz ou não uma adubação ou estrumação básica.

Têm também aplicação em cobertura os adubos, cujo fim é estimularem ràpidamente a vegetação e bem assim os chorumes diluídos na água das regas.

c) **Sementeiras e plantações:**

Diz o velho « Borda d'Água »:

« Semeia nabos e couves, quando a lua seu crescente faça ».

« E no minguante é bem te louve das uvas a melhor passa ».

Contudo, nem só nabos e couves se semeia. Das acelgas, agriões, aipo, alface, cebola, cenoura, beterraba para salada, feijões, couves diversas especialmente repolhos, espinafres, mostarda, partinaca, rabanetes, salsa, tomilho, etc., é também ocasião.

Fazem-se também as grandes plantações de couve Sabóia, e continua-se a plantar chicória, alface, aipo, etc.

d) **Granjeios :**

Continuam nos pomares as sachas e regas. Aprumam-se as árvores no viveiro. Enxertam-se borbulhas das pereiras, maciei-

ras, pessegueiros, ameixeiras e damasqueiros. Esladroam-se os pessegueiros e prossegue-se na sua desfolha moderada.

Na horta não devem descurar-se as regras ; amontoa-se o aipo e ligam-se os cardos para estiolarem.

e) **Colheitas :**

Nos pomares, colhem-se os frutos e impõe-se que, sobretudo nos destinados a venda, se sujeitem à escolha, calibragem e a um acondicionamento perfeito.

Os fruteiros, para a fruta de verão, restritos serviços prestam. Proporcionam apenas o amadurecimento dos frutos, durante um período muito limitado, que não vai além de 6 a 8 dias. Por isso, sobretudo quando haja abundância de fruta ou os mercados as não consumam, convém que toda a fruta de qualidade inferior, quer pelo tamanho ou por outros defeitos, se valorize com uma transformação industrial, secando-a, fabricando conservas, compotas, geleias, marmeladas, manteigas e polpas de frutos cristalizados, extracção e preparação de diversos produtos, como ácido cítrico, citrato de cálcio, pectina, sucos, essências, aproveitamento de cascas, bebidas fermentadas (cidra, perada, etc.) e aguardentes (figo, medronho, ameixa, etc.).

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

a) **Vinhas :**

Desfolham-se as vinhas e cobrem-se os cachos muito expostos ao sol, levantando do chão os pâmpanos mais carregados de uvas, por meio de « frades », na previsão de chuvas.

Nas enxertias novas suprimem-se as raízes lançadas pelos garfos e bem assim os rebentos dos cachos. Enxofram-se os cachos de uvas, para impedir o ataque ou alastramento do oídio.

Em maior quantidade aparecem as uvas temporãs ; começa a exportação da Diagalves e nos arneiros a faina das vindimas.

E mais uma vez se confirmam os adágios do povo:
« Agosto vindima e não vem cada dia ».
« Agosto madura e Setembro vindima ».
« Água de Agosto, açafrão, mel e mosto ».
« Não é bom o mosto colhido em Agosto ».

b) **Vinhos :**

Continuar a vigiar e atestar os vinhos. Trasfegar antes das vindimas. Inspecção e preparação de material vinário, patamares, depósitos de cimento, tonéis, tinas, etc.

Muitas das casses têm origem na má preparação dada aos depósitos de cimento, às tinas de ferro correntemente usadas no transporte das uvas e demais material de ferro utilizado durante a lagaragem.

Arejar as adegas durante a noite.

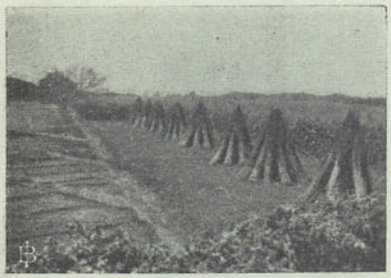
SETEMBRO

Almeirim

Pelas estradas, passam carros
Com dornas a transbordar,
D'uvas negras e doiradas
A caminho do lagar.

Nos largos cestos, vimes entrançados
Ao sol empilham-se as tenras uvas,
Umas vestidas para noivado
Outras de negro como viúvas.

Vila Franca



Arrepiado — Chamusca

Secagem do cânhamo. Operação importante para a conservação da fibra e indispensável para uma boa gramagem.

A Brigada do Ribatejo, com afinco, promove o desenvolvimento desta cultura na sua área e acredita, que, em todas as terras fundáveis, ricas, bem drenadas e acessíveis de regas, esta planta têxtil, oriunda do Oriente, da família das Cannabinaceas e de que Lineu assinalou a espécie Cannabis sativa, se faz com o melhor êxito e com uma convidativa remuneração.

Principais trabalhos no mês de Setembro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia	1 — 6.5	— 19.8
»	10 — 6.14	— 18.54
»	20 — 6.22	— 18.39
»	30 — 6.32	— 18.22

Setembro no Ribatejo tem aspectos de orgia indómita. Tudo dança, tudo canta, tudo ri. O amor é um divino poema enquadrado nos famosos quadros, que se descortinam por essa terra fora, quer sob a poalha de prata das noites luarengas, quer à luz doirada do astro Rei, quer à elegia violeta do morrer do sol. Um rancho que vai ou regressa, carros conduzindo milho, arroz ou uvas, uma escamisada, uma ceifa de arroz, emfim, uma vindima, tudo, tudo à compita, são protagonistas desta berrante e colorida festa da Natureza. O Ribatejo é, nesta época, a Quermesse doida, que, com frémito, tem estremeções de vida e de alegria e que um poeta assim descreve :

Festa do outono, que a terra anima
Pelas encostas, na várzea chã
Ranchos de gente que anda à vindima
Mal ao nascente rompe a manhã.

De cepa em cepa, como formigas
Cortam os cachos, por entre as parras
E na vinha esmaltam côres bizarras
Os lenços claros das raparigas.

Nos largos cestos, vimes entrançados
Ao sol empilham-se as tenras uvas,
Umas vestidas para noivado
Outras de negro como viúvas.

E num ingénuo riso contente
As canções alegres de pastoral
Sobem nos ares festivamente
Como foguetes num arraial.

A passos lentos
Dos bois amigos e pachorrentos
Os carros chiam, sem descansar
Pelos caminhos
Carregadinhos
De belas uvas para o lagar.

Os lagareiros perna descalça
Ao som do harmónio, tocando a moda
Como em festivo baile de roda
Pisam, repisam a fresca balsa.
E na vermelha luz do sol pôsto
Vem das adegas
O cheiro a môsto
Numa toada de cega-regas.

Lembrando noras
As varas gemem,
Os doces bagos debaixo espremem
E dêste abraço tão apertado
Que os mortifica
O belo sumo bem perfumado
Roxo ou doirado
Correndo à bica.

Pela tardinha
Têm os malteses, findo o trabalho
Nos arvoredos, perto da vinha
Bom agasalho.
Ardem fogueiras que a brisa ateia:
Umas sardinhas no lume a assar,
E num momento se apronta a ceia
Na mesa posta pelo luar.

Vindos de longe, todos os anos
A manta aos ombros, pela vindima,
Dá-lhes o mato fôfo a tarima,
Na terra acampam como ciganos.

Finda a colheita, quando termina
Para os malteses o seu labor,
Lá vão escoltando a última tina
Toda enfeitada, por boa sina,
Para a diafa do lavrador.

E emquanto a malta baila em cantigas
E os conversados furtam, brejeiros,
Beijos e abraços às raparigas,
Dentro em bojudos, largos balseiros,
Referve o mosto
Que há-de ser vinho,
De belo gôsto
Em vindo o tempo de S. Martinho.

CARDOSO DOS SANTOS.

Mas se esta mimosa e vívida descrição, nos dá o gôzo dêste espectáculo de singular beleza, com toda a sua magia, animação e desenvoltura, os meus olhos contemplando-o, sonham toda a pompa dessas vindimas do velho Mundo, com os ruídos das fan-

farras, o choque dos címbalos, o rufo dos tambores, as gargalhadas das bacantes, estrépitos dos centauros, que parece, tudo juntar-se às cantigas ardentes e aos rubros idílios dos namorados vindimadores...

Vive o Ribatejo assim, num período ainda longo de dias. Irmanam-se cingidamente a Paz, a Alegria e o Trabalho. E dêste, há entretanto as mais variadas tarefas, assim :

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo:**
Continuam as lavouras de alqueive e deslavras.

b) **Fertilização das terras:**
Transportes de estrumes, de cal, marga, sua distribuïção pelo terreno e enterramento pela charrua em terras destinadas às sementeiras do Outono. Os bardos continuam a adubar a terra.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios:**
Diz o ditado « que em dia de S. Mateus, vindimam os sisudos e semeiam os sandeus », como se diz também :

« No crescente da lua dá trigo e favas à terra,
E no minguante, quem deixa a vindima, erra ».

Todavia, estas sementeiras são prematuras antes das águas do equinócio outonal ; mas se o tempo o permitir, iniciam-se as sementeiras de Inverno, de trigo, centeio, aveia e cevada ; semeiam-se os restolhos de trevo e nabo de sequeiro ; sanfeno, serradela, tremoços, etc.

d) **Colheita:**
Colhe-se o milho serôdio ; as variedades precoces do arroz ; faz-se a apanha da batata e do feijão.

e) **Conservação e armazenamento:**

Secagem e enceleiramento das sementes que se vão colhendo. Limpeza e seleccionamento, quer das que são destinadas aos celeiros, quer às sementeiras. Desinfecção das que se forem deitando à terra, quer por sulfatagem, quer tratando-as com o « Tilantim » ou outros produtos similares.

f) **Gados e outros animais:**

Desmamam-se os poldros e mulas mais serôdias ; activam-se as engordas dos porcos para as matanças de Inverno. Vendem-se para talho as reses engordadas nas terras de sequeiro.

Principia a engorda dos capões e dos perus para o Natal. É prudente ter fechados os pombos por via da caça. Faz-se a primeira selecção dos borrachos. Continua o descanso dos coelhos reprodutores e, no apiário, fazem-se as costumadas inspecções a indagar do estado das colmeias.

g) **Cuidado com as estrumeiras:**

O estêrco é uma coisa tão preciosa ao agricultor, que deve ser sempre aplicado a uma cultura mais ou menos imediata. Como escreveu o célebre agrónomo Schuverz, o estêrco é para o agricultor, o que o capital é para o negociante. Êste não deve deixar dormir o seu dinheiro no cofre ; aquele não deve permitir que o estrume se perca nos pátios, devendo conduzi-lo para as terras logo que, em estado conveniente, segundo as culturas, o possa fazer. Com a estrumação dos campos e hortas destinadas às sementeiras de Outono, o momento que passa é de movimento nas estrumeiras.

h) **Cuidado com as máquinas:**

Continuam recolhendo as de colheita, às quais se recomenda um rigoroso exame, limpeza e afinação. Continuam saindo as de preparação das terras para as futuras sementeiras.

Máquinas em trabalho : debulhadoras, centrífugas, charruas, tractores, distribuïdores de adubos e sementes, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo:**

Cavam-se os canteiros, livres, das hortas, limpando-os das ervas ruins. Continuam as surribas nos pomares e abrem-se mesmo as covas destinadas à futura plantação de árvores de fruto.

b) **Fertilização:**

Estrumam-se as hortas destinadas às sementeiras do Outono.

c) **Sementeiras e plantações:**

Plantam-se, após as primeiras chuvas, morangueiros e semeia-se feijão, acelgas, alhos, cebolas, agriões, aipo, alface para Inverno, azedas, beterrabas para salada, cenouras, cerefólio, chicórias, couves diversas, especialmente repolhos, coentros, espinafres de Inverno, mostarda, nabos, pastinaca, pimpinela, salsa, tomilho, etc.

d) **Granjeios:**

Continuam as regas ; ligam-se as chicórias e alfaces ; amontoam-se os cardos e aipos. Sacham-se e limpam-se os viveiros de fruteiras. Faz-se a enxertia outonal, em fenda, das pereiras, macieiras e cerejeiras, destinadas a formas altas. Enxertam-se em escudo, com o fim de substituir as falhas, o pessegueiro sôbre a amendoeira e « franco » e a cerejeira sôbre « Saint-Lucie » ; a oliveira a ôlho dormente. Inspeccionam-se as ligaduras dos enxertos em escudo, feitos no mês passado e cortam-se, se ameaçarem provocar estrangulamentos.

e) **Colheita:**

A muitos frutos cabe ainda a sua vez ; figos, nozes, amêndoas, peras, maçãs e pêssegos, etc. Em almanxares secam-se os

figos que se destinam em grande parte à destilação. Começa também a apanha da azeitona do chão e da verde, para curtir.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

a) **Vinhas:**

Desparram-se e esfolham-se as cepas mais atrasadas, de modo que a vindima possa fazer-se sem interrupção. A vindima generaliza-se e entra no apogeu. Secam-se uvas nos « passaderos ».

b) **Mostos e vinhos:**

Mostos e vinhos velhos não convém estarem em vasilhas a-par, e muito principalmente se elas são de cimento. No fabrico dos vinhos todo o asseio é pouco e é indispensável, sobretudo, se as uvas não estão bem sãs, vinificarem-se com uma prévia desinfecção com o anidrido sulfuroso ou qualquer dos seus derivados consentidos por lei. Há que considerar que é na génese do vinho ou na fermentação que o vinho contrai grande parte das suas doenças. Umas, devidas às temperaturas elevadas em que se realizam as fermentações ; outras, à falta de acidez dos mostos ; outras, à natureza e estado das vasilhas, e muitas vezes pela concomitância de todas. Desta forma, para que se obtenha bom vinho, são e equilibrado, há que intervir, corrigindo tudo que é defeituoso para assim dar ao fermento as melhores condições para o seu trabalho fermentativo. Só assim, o vinho pode ser de tipo constante, bom, ter os predicados que lhe dêem um superior realce, ser, emfim, um produto que « *ponha a alma no seu lugar* ».

Vertiginosamente, fiz por dar-lhes uma idea da tarefa agrícola de Setembro, a que anda aliada a Alegria e a Paz, de que

vos falei, e que, sobretudo nesta quadra, paira no Ribatejo. Mas quereis ouvi-la em verso? Escutai, então, os daquele autor do poema *Paquita, Flores Agrestes, Cânticos e Sátiras,* que em vida se chamou Bulhão Pato:

SETEMBRO

No chão rojam da cepa os cachos rescendentes
Caindo, de manhã, brandezas mais freqüentes.

Bem podes acudir ao vasilhame novo
Vender vinho de graça e do melhor ao povo

Espadeiro retinto, há muito me não lembro
Vê-lo tão grado e bom na entrada de Setembro

Mas o arinto talvez, ainda lhe dá de rosto
É repisá-lo estreme, e então verás que mosto!

Nem mesmo a amigos teus e da maior estima
Não tendo no lagar o fruto da vindima

Lhe consintas na vinha a entrada a caçadores,
— Eu falo contra mim que sou dos amadores.

E é pena, que a perdiz levanta-se pintada,
Co'a prole atrás de si, por uma bacelada!

Bem assombrado Outono! Assim o sol estivo
Apareça molhado e caia mesmo vivo!

Que se aperta o calor e seguem logo as chuvas,
Não tens praga pior para arrazar-te as uvas.

Mas não sucede tal, findaram as nortadas,
Veio o vento mareiro e as noites orvalhadas.

Fruta que dá no tarde, apressa-te com ela
Que às vezes cai no Outono a súbita procela.

Vem própria para acama e pelo inverno dentro
Tens a pêra colmar sem músculo e sem centro.

Moscatel de pendura, emquanto o tempo brando
Lhe não estala a pele, o deves ir colgando,

Aproveita também o figo que restar
Para o passar ao sol, disposto ao almanxar.

Como é bom respirar sôbre êsses campos fora!
Gado é raro ver, nédio como êste agora.

As vacas mostram bem o farto do pastigo
No tardio avançar ao seu agreste abrigo

A ovelhota lá vem, antes que feche a noite
A procurar balando o bardo onde se acoite

O cabrito saltão, parece-me que o vejo
Do escarpado almaraz, vir de roldão até ao Tejo.

O remoto casal começa a fumegar,
São Trindades. O sol afunda-se no mar.

Ó dias que lá vão! Ó apartados dias
De minha íngreme infância e santas alegrias!

Ó rútilos clarões da fúlvia mocidade!
Tudo quanto acabou, revive na saüdade!

Bemdita sejas tu ! Finde a esperança, agora,
Do passado nos dás, o que foi belo outrora !

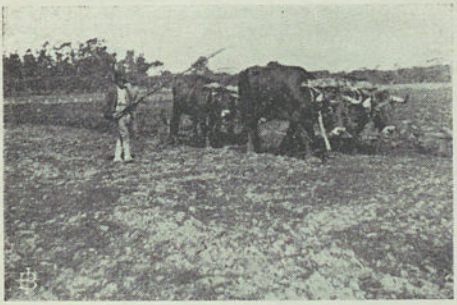
Vamos encosta acima. O olhar grato se espraia
Pelo ombrífero vale que vai bater na praia.

Nos ecos namorais a voz das raparigas
Celebra o terminar de aspérrimas fadigas.

Mas naquele granjear, embora alegre existe
Um vago relembrar de alguma coisa triste !

Na canção popular há sempre, lá no fundo,
Uma nota da cruz que o povo tem no Mundo.

OUTUBRO



Campo de Sacavém

Nas terras lavradias, o lugar da fava é entre dois cereais. A sua sementeira mais perfeita deverá ser precedida por 2 lavouras, uma das quais funda. A estercada abundante aplicada à terra é destinada não só à fava, que dela aproveita com largueza, mas também ao trigo, que se lhe deve seguir invariàvelmente.

Decorridos dois a três dias, depois de ceifar o arroz, formam-se os molhos que se transportam para a eira. Êste transporte é por vezes cheio das maiores dificuldades e mesmo das mais penosas, sendo necessário para as vencer, recorrer aos mais variados meios: zorras, barcos, etc.

Campos de Constância

Principais trabalhos no mês de Outubro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia	1 — 6.32	— 18.21
»	10 — 6.40	— 18.7
»	20 — 6.51	— 17.53
»	30 — 7.1	— 17.40

Bem pode o lavrador dizer que cria incessantemente a Vida e que sabe vivê-la. Mal acaba a recolha dos géneros, novas culturas começa, e nêle há sempre aquele mesmo ardor e entusiasmo com que se engavinha a hera que morre agarrada ao que se apega.

Vai iniciar-se o ano cerealífero e ei-lo, no Gesto sublime de semear, no que o poeta nacionalista Correia de Oliveira, assim define :

À dura mão dos homens (tão vezeira,
Por nosso mal, ao crime e à maldição)
Quem revelou o Gesto, em graça e unção,
Que faz, pôr sôbre a terra, a sementeira ?

Seria a leve nuvem, que peneira
Chuvas de Maio, ao som da viração ?
Ou as ondas do mar, que vêm e vão ?
Ou pairo de ave, na canção primeira ?

Ou mesmo, a brava messe, que marulha
Ao vento e ondeia, emquanto se debulha,
Reflue, esvoaça, e pára, e recomeça ?...

— Foi Deus quem inspirou (o mais, é fábula!)
Êste Gesto de luz: Esta Parábola:
Êste infinito Aceno de promessa...

Pois bem, que o Gesto não seja usado com sobriedade em relação à cultura trigueira. É necessário e é absolutamente imprescindível que a lavoura Nacional lance à terra Nacional toda a semente precisa para produzir o trigo de que o povo português necessita para se alimentar. De resto, já a lavoura deu provas que disso é capaz. É uma questão de patriotismo não consentir que se consuma em Portugal trigo que não seja português. E se chega a ser mesmo degradante voltar àquele regime de importação em que se viveu largo tempo, a lavoura portuguesa não pode dar ao Mundo um sinal de desfalecimento. É necessário semear por honra e brio e, principalmente, porque a economia do Estado o exige. Semeando-se trigo, defende-se aquele ouro português que ardorosa e sàbiamente a Nação vem entesourando e que tem feito volver para Ela os olhos de todo o Mundo. Mas, é preciso que se diga que as sementeiras a esmo não interessam. Interessam sim, e muito, aquelas em que se faça o aperfeiçoamento da cultura. Em que o lavrador trabalhe a terra mais e melhor; adube racionalmente, a fim de contrabalançar a redução dos preços com o acréscimo da produção e em que, longe de extensificar a cultura, a intensifique. Que evite sistemàticamente a monocultura; que nunca desrespeite as rotações e afolhamentos estabelecidos, a não ser para os melhorar e transformar com a prudência que, de resto, o caso exige. Só assim, salvo se se repetirem as inclementes cheias e outras desapiedadas intempéries, se poderá obter o aumento da produção, por unidade de superfície, que afinal é o índice valioso das agriculturas prósperas.

Ficando assente que à Nação convém que a lavoura portuguesa semeie muito e bom trigo, passemos às tarefas do mês:

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização:**

Arroteiam-se as terras ; abrem-se restolhos ; dar mais uma volta, se fôr possível, a algumas terras antes das sementeiras, gradando-as pelo menos, a limpá-las bem das ervas daninhas ; abrir valas.

b) **Fertilização:**

Enterrar os estrumes, semear estrumes verdes, (tremoços, cizirão, fenacho, garroba, serradela, etc), que são um bom e barato recurso para o enriquecimento da terra em matéria orgânica.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios:**

Semear às primeiras águas ou mesmo em pó os pensos ou forragens-ferrãs ou ferregos de centeio, cevada, aveia, mostarda, azevém, bersim, anafa, garroba, trevo, ervilhaca, serradela.

Nos sítios mais frios, as sementeiras dos cereais de pragana, da fava, ervilha, etc., e tudo, com convenientes adubações. Cabe aqui dizer da importância que tem no resultado da colheita, a limpeza da semente e a sua desinfecção antes da sementeira. A primeira, tem em vista a obtenção da semente pura e bem conformada ; a segunda, evitar que o fungão e outras criptogâmicas, que hoje infestam as nossas searas, as não prejudiquem com a sua propagação. Também, para que se consiga que do mesmo terreno se possa tirar constantemente a maior produção e com o menor gasto, convirá estabelecer nêle uma rotação de culturas, sendo porém os encurtamentos das rotações, as transformações desordenadas dos afolhamentos, assim como a extensificação cultural, de condenar, em obediência a estes princípios fundamentais que regem os afolhamentos :

1.º — As plantas melhoradoras devem alternar com as plantas esgotantes.

2.º — As plantas de fôlhas largas, alternam com as de fôlhas estreitas.

3.º — As plantas de raízes fibrosas, com as que tiveram raízes aprumadas e carnudas.

4.º — Afastar quanto possível a repetição imediata da cultura da mesma planta ou de plantas da mesma natureza.

5.º — As plantas que durante o seu crescimento exigem sachas e grandes amanhos, com as que os não demandam.

6.º — Os estrumes devem ser aplicados às culturas mais lucrativas e esgotadoras.

7.º — A sucessão das culturas deve ser calculada de maneira que todos os trabalhos se sigam com facilidade, regularidade e economia, dando lugar para cultivar a terra com perfeição no tempo que mediar entre cada colheita e a sementira seguinte:

8.º — A terra deverá ficar sem qualquer cultura o menos tempo que fôr possível.

É em conformidade com isto que a cultura do trigo sôbre trigo, a não ser em casos excepcionais, é de condenar e que recomendarei para o Ribatejo, as seguintes rotações:

Para terras de aluvião

1.º ano — trigo
2.º » — anafa e milho
3.º » — trigo
4.º » — favas ou grão

ou

1.º ano — cânhamo
2.º » — trigo
3.º » — anafa e milho
4.º » — trigo
5.º » — fava ou grão

Para terras de Bairro

1.º ano — trigo
2.º » — favas, grão ou milho
3.º » — trigo
4.º » — forragens leguminosas

Para terras de Charneca

1.º ano — trigo
2.º » — aveia
3.º » — serradela
4.º » — serradela
5.º » — serradela

d) **Colheita:**

Continua a ceifa e debulha de arroz. Arrancam-se as raízes forraginosas e procede-se também à da batata serôdia e topinambos.

e) **Conservação e armazenamento:**

Limpeza e seleccionamento das sementes, quer das destinadas aos celeiros, quer das destinadas às sementeiras.

Reparação das arrecadações, celeiros, habitações, por causa das chuvas.

f) **Gados e outros animais:**

Vende-se ou compra-se o gado cavalar e muar para recriação. Inicia-se a engorda dos porcos nos montados, que costuma durar 3 a 4 meses, e em regiões menos ricas de bolota completa-se a ração com alimentos concentrados. Limpam-se os fundos das colmeias. No caso de não serem suficientes as provisões, colocam-se no corpo da colmeia alguns quadros cheios de mel. Reünem-se as colmeias fracas.

g) **Cuidado com as estrumeiras:**

Intensifica-se ainda a sua preparação, quer recorrendo às fórmulas já dadas, quer à Ureia Basf ou Urecal. Quanto maior fôr a massa de estrumes de que se dispõe, tanto mais garantimos as boas produções. É que, por mais fértil que seja, a terra cessa de dar produções lucrativas, se não formos restabelecendo as suas fôrças, por meio de matérias reparadoras.

h) **Cuidado com as máquinas:**

O trabalho tem tanto mais rendimento quanto melhor fôr o funcionamento das máquinas ; desta sorte, convém que ao saírem para o trabalho se apresentem em perfeito afinamento.

Máquinas em trabalho : debulhadores, tararas, crivos, secadores, tractores, auto-charruas, distribuïdores de adubos e de semente, grades, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo:**

Preparam-se os talhões e canteiros das hortas e jardins. Continuam as surribas para pomares.

b) **Fertilização:**

Pratica-se a adubação fosfo-potássica de Outono-Inverno nos pomares, como também se estrumam e adubam as hortas e jardins.

c) **Sementeiras e plantações:**

Nos pomares, pelos fins do mês, podem iniciar-se, pelos mais sêcos, as plantações, excepto dos pessegueiros e ameixeiras. Nas matas, as de árvores de fôlha permanente, principalmente coníferas. Nas hortas, semeiam-se acelgas, agriões, aipo, alfaces de inverno, azedas, beterrabas para salada, cebola, cebolinho para conserva, cenouras, chicórias, coentros, couves diversas, ervilhas, espargos, favas, mostarda, nabos, pastinaca, pimpinela, rabanetes, salsa, etc. Nas matas começa-se a semear pinhão e penisco.

d) **Granjeios:**

Retiram-se as ligaduras dos enxertos feitos em Agosto e Setembro.

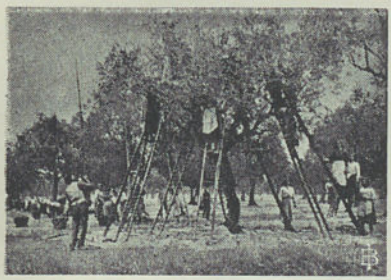
e) **Colheita:**

Termina a colheita dos frutos nos pomares, começando a da castanha. Desinfectam-se as fruteiras, começando por efectuar pulverizações do chão, das paredes e prateleiras com uma solução cúprica a 3 % e queimando depois enxôfre. Começa a apanha da azeitona para azeite.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

Vigiar a marcha das fermentações dos mostos ; regularizar aquelas que tenham estacionado antes de todo o açúcar se ter reduzido ; efectuar nos vinhos brancos a primeira trasfega, logo que a fermentação tumultuosa tenha terminado. Destilar os bagaços e fazer o aproveitamento dos outros sub-produtos sobretudo do cremor tártaro. Lavagem do material vinário, à maneira que não seja necessário.

NOVEMBRO

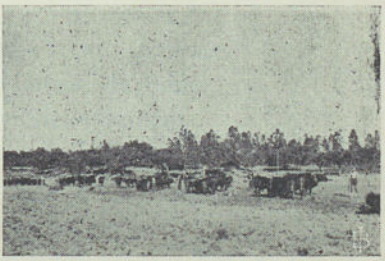


Golegã — Quinta de Cardiga

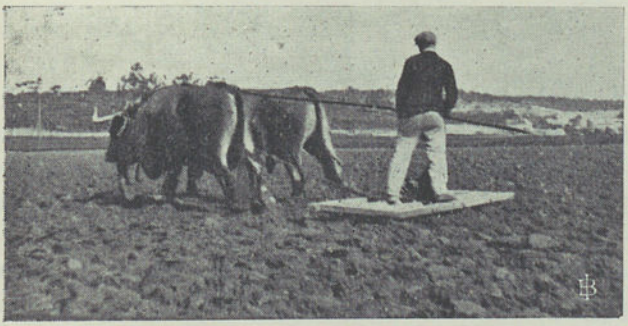
Moçoilas e rapazes, em ranchos como os das andorinhas, emquanto êles vão descolando os frutos da oliveira, elas, alegres, reünem-nos e vão cantando:

A azeitona é um segrêdo
Traz o coração escondido,
Todos sabem quem eu sou
Ninguém sabe o meu sentido.

O trigo exige uma limpeza perfeita do solo; terra tanto mais cortada, quanto mais áspera fôr e um bom grau de fertilidade. O primeiro ferro é conhecido pelo nome de lavra de alqueives, *que nalguns sítios se começa em Janeiro; noutros, trocam-no pelo mês de Agosto, logo depois das ceifas. No princípio de Abril, dá-se o segundo* atalho *ou* deslavre, *finalmente em Outubro o de* abrição. *Estes 3 ferros também se conhecem pelos nomes:* lavrar, deslavrar *e* terçar.



Coruche



Sacavém

Chegado, no outono, o tempo das sementeiras, dá-se um deslavre à terra ou uma gradagem e semeia-se em seguida o trigo, cobrindo-o com a grade.

Principais trabalhos no mês de Novembro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia	1 — 7.3	— 17.31
»	10 — 7.13	— 17.28
»	20 — 7.24	— 17.29
»	30 — 7.35	— 17.16

Novembro. As castanhas, o canto do fado.
Há vinhos dos novos em mesas de linho,
Na rua, cantando, vai bando animado
Que eleva os seus hinos a S. Martinho.

Há cantos na rua, cantigas no ar
De alegre toada...
É vinho a chegar
Deixemos que o povo festeje a chegada.

E. N.

E é bom que esta festa continue... Sinal que Portugal se não esqueceu ainda do velho anexim : « *Por S. Martinho prova o teu vinho* » e que êste santo tem ainda um resto duma côrte de gente de bom gôsto.

E bem vai, emquanto a festa se fôr fazendo, porque o consumo do vinho, por capitação, não descerá do descido lugar em que se encontra, se o compararmos ao dos outros países também cultivadores da vinha. É que um francês bebe em média por ano 140 litros, um italiano 110, um espanhol 92 e um português 67 !

Diga-se a verdade. Isto é uma ingratidãozinha da gente lusa para uma bebida bem nacionalista, que só dá saúde a quem a bebe e que é o expoente máximo da riqueza de Portugal. É por isto, que a vinha, de quando em quando, se amua e faz negaças. *Faz-se cara,* para se tornar mais apetecida.

Mas, se escutarmos com atenção o que Omar Khayyan, persa do século XI, que foi considerado um dos maiores sábios da época, disse sôbre o vinho, outro galo nos cantaria. Exalta-o assim :

Vinho ! Vinho em catadupas !
vinho em taças sempre cheias
que êle me suba à cabeça
e me circule nas veias.

Silêncio ! Tudo é mentira,
dolo, traição, falsidade,
apenas a voz do vinho
nos pode falar verdade.

O vinho é o mágico filtro
da alegria e da saúde
em seus eflúvios bemditos
voltarás à juventude.

Bebe, sim, bebe sorrindo,
para que aproveites bem
os fugidios prazeres
que a tua vida contém.

Bebe ! que importa a tristeza
que as nossas almas inverna ?
Bebe e sonha, pois no vinho
alcançarás a vida eterna !

Bebe vinho e serás livre
das garras do teu tormento,
pois o vinho é que conduz
ao oásis do Esquecimento.

Vinho ! Tudo o mais é efémero
nesta vida transitória...
e ainda há quem acalente
sonhos de amor e de glória ! !

Porque não bebes ? Que idea
tão loucamente te ilude ?
Evitarás de beber
para poupar a saúde ?

Que idea fazes do corpo
que nasceu para ter vícios ?
acaso, será poupá-lo,
impondo-lhe sacrifícios ?

Os sábios, tendo estudado
não puderam saber
sôbre a sempre torturante
questão do Ser ou Não Ser.

Portanto, a vitória é nossa,
ó meus irmãos ignorantes,
continuemos a beber
os vinhos mais espumantes !

E aos grandes homens que tentam
emprêsas tão arrojadas,
deixaremos o direito
às uvas sêcas, mirradas !

Ergue um cântico festivo
e consagra, em voz sonora,
o vinho da tua taça
aos rubros clarões da Aurora.

Dedica êsse vinho róseo
ao sorrir duma donzela:
a taça — repara bem —
assemelha-se aos lábios dela!

Eu não creio na pureza
de qualquer afecto antigo,
para mim, o vinho novo
é o meu mais velho amigo!

Entre mim e o que êste sábio persa diz, há uma pequena discrepância — a idade do vinho. — Para mim, o novo é uma criança revolta, sem carácter definido senão pelo crepitar do gás, que lhe foge do seio, ao passo que o depurado, o isento de todas as partes grosseiras, mais fino, mais velho, ganha em recendência de aroma e em aveludamento. Por isso, eu opto pelos velhos, mas sem os deixar passar à idade em que a velhice destrói a sua gracilidade, a frescura e o flavor. É que se o vinho é feito para ser bebido, como a mulher para ser amada, convém aproveitar-lhe todo o esplendor da sua maturidade sem esperar pela decrepitude. Mas reparo... Caí num assunto diferente do que me propus tratar. Foi a citação do velho anexim do mês que motivou êste rosário de palavras, que têm sido atiradas ao éter, a atropelarem-se no infinito, com as expressões e sons diversos vindos de todo o Mundo.

Mas, se quem confessa não é pecador, não me sinto arrependido delas, por ter tido ensejo de dizer, aos meus ouvintes invisíveis, do bom que seria se em Portugal se bebesse mais dos nossos maravilhosos vinhos.

E agora, reatarei o meu caminho:

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo:**

Fazem-se surribas e arroteas ; lavram-se as terras de pousio e as destinadas às sementeiras de Primavera.

Abrem-se valas e regos para as águas das chuvas não estagnarem e prejudicarem as sementeiras.

b) **Fertilização:**

Faz-se antes da sementeira dos cereais de Inverno a aplicação de adubos, de forma a fornecer ao terreno as doses convenientes de ácido fosfórico, azoto, potassa, cal. Esta, nos terrenos ácidos, convém que seja aplicada com a maior antecedência. No caso de não ser possível, dever-se-á, então, fornecer o azoto sob a forma de adubo azotado de reacção alcalina. Nos terrenos muito calcáreos e arenosos, empregar, além do ácido fosfórico e do azoto, o sulfato de potássio.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios:**

Continua a sementeira dos cereais de pragana. É a hora de actividade nos bairros. Semeiam-se favas, tremoços, nabos, sanfeno, bersim, serradela, ervilhaca, etc.

A semente empregada é de toda a conveniência ser seleccionada e desinfectada antes de ser aplicada. Plantam-se árvores meliferas e semeiam-se plantas próprias para as abelhas colherem o pólen e o néctar.

d) **Gados e outros animais:**

O gado entra no regime sêco, mas não deve ser brusca a transição para evitar os transtornos digestivos ; aos ruminantes, sob êste regime, convém dar-lhes sal ministrado nos alimentos.

Engordam-se os bovídeos com resíduos da destilação do figo e os porcídeos com bolota.

e) **Cuidado com as máquinas:**

Recolhem-se as das colheitas mais retardadas, que se limpam, reparam, afinam; estão em trabalho: seleccionadores de sementes, tractores, auto-charruas, distribuïdores de adubos e de sementes, grades, etc.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

a) **Mobilização do solo:**

Terminam as surribas; abrem-se covas para a plantação de árvores frutíferas e, na horta, fazem-se cavas.

b) **Fertilização:**

Efectuam-se adubações fosfo-potássicas e estrumações.

c) **Sementeiras e plantações:**

Plantações de fruteiras nos solos de consistência média e nas hortas semeia-se o aipo, alfaces de Inverno, alhos, beterrabas para salada, cebolas, cebolinhas para conserva, cenouras, chicórias, couves diversas, excluindo bróculos e couve-flor, coentros, ervilhas diversas, espinafres, espargos, favas, mostarda, nabiças, rabanetes, salsa, etc. Para as favas e ervilhas, escolhem-se os canteiros de boa exposição, de encosta ou de terra mais enxuta.

Plantação de couves, alfaces, morangueiros, cebolas, etc.

d) **Granjeios:**

Inicia-se a poda de formação das árvores, em viveiro; nos pomares de pevide pode dar-se início à poda, mas apenas naquelas cuja fôlha tenha caído. Retiram-se os tutores cuja utilidade

se julgue desnecessária e suprimem-se as ligaduras deterioradas. Nas hortas cortam-se as hastes dos espargos, descavam-se depois e estrumam-se em volta da touça, com estrume escolhido ; faz-se o mesmo às alcachofras, cortando-se-lhes também os rebentos desnecessários.

e) **Colheita:**

Apanham-se as raízes e tubérculos que não podem passar o inverno debaixo da terra. Vigia-se atenta e constantemente o fruteiro, a fim de evitar tanto o estado de humidade como a secura excessiva e retiram-se os frutos estragados ou maculados. Colhe-se a azeitona, e com esta faina o Ribatejo retoma um ar festivo, morno ainda da alegria que findou há pouco, com o corte dos últimos cachos. De novo, moçoilas e rapazes, reünem-se em ranchos ou bandos como os das andorinhas, e com um busiar retumbante anunciam às gentes que chegou a hora de prestarem culto à árvore de Minerva. O pior é que êste culto é, na maioria dos casos, feito duma forma muito *sui generis*, a não ser que nestas pobres árvores haja também a aberração que em alguns outros seres existe, que, em *choradinho*, às vezes, cantam : « quanto tu mais me bates, mais eu gosto de ti ».

Mas, com a oliveira não se passa isto. Os frutos que enchiam de beleza e encanto aquela oliveira, que estende as pernadas, como braços, para a casita alva que abriga a família do caseiro, como que a proteger-lhe o lar e a garantir-lhe a abundância, rolam pelo chão, feridos e sem aquele brilho que lhes dava a pruína, cheios de poeira, lama e sem poderem sentir o tépido contacto das mãos das moçoilas, que de corações amorosos e ternos, mas maliciosamente, vão cantando aos seus prometidos, cantigas assim :

Oliveirinha do norte
O vento leva a flor
Só a mim ninguém me leva
Cartinhas ao meu amor.

Oliveira do adro
Deste a fôlha aos anéis
Quem namora às escondidas
Passa tormentos cruéis.

A azeitona é um segrêdo
Traz o coração escondido
Todos sabem quem eu sou
Ninguém sabe o meu sentido.

Debaixo da oliveira
Menina é que é amar
Tem a fôlha miudinha
Não entra lá o luar.

À oliveira cai-lhe a fôlha
Ao castanheiro a rama
Ainda não tenho amor
Já me não livro da fama.

Corri Santarém à volta
Oliveiras, olivais
Para ver se me esquecia
Cada vez me lembro mais.

É que as mãos calosas de cavadores, brandindo varapaus, como se a varrerem uma feira estivessem, desapiedosamente fustigam as árvores, que todo sempre serviram para simbolizar a paz, a abundância, ou galardoar vencedores, entrelaçadas aos carvalhos. Os golpes são, uns após outros, com tamanha impetuosidade e alarido, que abafam os cantares das raparigas e, as oliveiras, que antes se ostentavam esplendorosas, depois da refrega, quási só as pernadas, por serem grossas, lhes ficam.

Esta operação, final dum acto começado tão jovialmente, é tão penosa, negra e ruïnosa para êste ramo de indústria agrícola,

— pois sabido é, que, depois de ano de abundância e em que as árvores são fortemente acossadas, dois e três se seguem de contra-safra — que, impossível é deixar de condenar êste processo e exaltar aquele em que a colheita se faz à mão, com auxílio de escadas, ou então, procurando bater os ramos suavemente, de dentro para fora, para não quebrar os raminhos novos, que hão-de dar fruto no ano seguinte.

3) VITICULTURA E ENOLOGIA

a) Levantam-se os paus ou tutores das empas e pode começar-se a poda das videiras, convindo deixar para mais tarde as sujeitas às geadas da Primavera.

b) Devem separar-se das bôrras os vinhos novos, que se apresentem limpos ; atestar as vasilhas. Colar vinhos velhos que o necessitem. Destilar bagaços e água-pé.

DEZEMBRO

Santarém

Não há como a oliveira, árvore que mais agradeça os amanhos. Os antigos usavam dar-lhe quatro lavouras: 1.ª após a colheita; 2.ª de Janeiro a meados de Fevereiro; 3.ª após a floração e a 4.ª em Agosto. Desde a poda, tudo, generosamente, ela agradece. Diversificam os hábitos e as práticas sôbre esta operação, mas a mais racional consiste na eliminação dos ramos que se elevam verticalmente; corte de ramos mortos; suprimir sôbre os ramos anuais os mais interiores, de modo que êste conjunto de cortes dê à copa interiormente um cone de abertura que permita aos ramos receberem ar e luz. À oliveira, para ser uma árvore de frutificação regular, deve-se-lhe aplicar duas espécies de poda, ambas no Inverno: poda anual, *para a limpeza dos ramos secos, quebrados ou inúteis e a* poda de dois em dois anos, *segundo os moldes acima ditos.*

O pomicultor que quiser ter as suas árvores em bom estado, obter colheitas regulares e com frutos sãos, é obrigado a lutar contra os numerosos parasitas que infestam os diversos órgãos da planta, empregando para isso os insecticidas e fungicidas.

Bairros de Santarém

Principais trabalhos no mês de Dezembro

Horário do Sol

	Nascer	Pôr
Dia 1	— 7.36	— 17.15
» 10	— 7.43	— 17.16
» 20	— 7.51	— 17.18
» 30	— 7.55	— 17.24

Ribatejo... Dezembro... Inverno.

O céu é de cinza e a lezíria um extenso lençol barrento, com franjas de espuma suja, que enche de constrangimento a gente ribeirinha, que sai dos lares sob a ameaça de que a cheia sobe, e de ser levada com os seus « teres » na impetuosidade da corrente.

Só aqui e ali, a lembrar que sob aquela água revôlta existe terra, que dá pão, vinho e carne, vêem-se os corpos descarnados de árvores, onde nas mais esguias se sustentam vazios ninhos de cegonhas, do tamanho de cestos de vindima.

Agora, é principalmente na charneca que os gados retoiçam, no mato e nos « outonos » que o gêlo ainda não « queimou ». O dominador da lezíria — o toiro — mudou para a charneca o solar e perdeu o aspecto lustroso, arrogante e desafiador, para se apresentar quási humilde e de ossos apertados pela pele, revestida de pêlos compridos e eriçados. Vigia-o o pastor, cabisbaixo também, embiocado na sua « lobeira » e apoiado no « cajado » lembrando-se, porventura, dos dias em que o sol na lezíria é um diabo que endoidece e em que ela, a sua amante, toda nêle embevecido, se adorna de tintas novas e vivas ; em que a erva é mais verde ; a papoila, rubra como o sangue dos novilhos ; a água dos

chabocos, azul ; o gorjeio das aves, bálsamos de amor ; a pelagem dos toiros, azeviche. Gritante, é também mais o verde dos barretes dos campinos, perseguindo um toiro maltês, na sua « faca » ligeira, lançada em louca correria.

Nos bairros e nos espargais, também as grossas pingas de água, tocadas pelo nordeste, envolvem tudo numa humidade fria e viscosa. A terra lamacenta não consente os amanhos. E os « barrões », dias após dias, entre portas, lá vão passando, alimentando-se mal, com agriões, couves, acelgas, beldroegas cozidas, sem ganharem « jorna », mirando vagamente tudo, e esperando sofredoramente que essas nuvens vagarosas e pesadas, lá do alto, deixem escorrer a última gota...

Está assim anestesiado o Ribatejo...

Entorpecido no seu bulício natural, dorme forçadamente um sono que não é na maior parte das vezes o reparador, mas antes, horas de vigília e de agastamento, sobretudo quando as inundações são prolongadas, assoladoras e vão subindo... subindo...

Por isso, bem cabe esta prece de Afonso Lopes Vieira :

Oh chuva que estás caindo
do Céu todo embaciado,
deixa dormir as raízes
um sono bem descansado.

Oh vento que estás ventando
assoprando gemebundo,
deixa dormir as sementes
um sonho doce e profundo.

Oh geada que tudo cortas
não afies o teu gume,
deixa dormir as roseiras
co'as abelhas e o perfume.

Oh tempestade que passas
não faças tanto ruído,
deixa sonhar as ramadas
um sonho todo florido.

Coisas que estais no meu seio
dormi e sonhai sorrindo;
sonhai na sombra do Inverno
com o sol de Abril florindo.

Dormi, sonhai, descansados,
o sono que em vós se gera,
e acordai aureolados
na graça da Primavera.

1) TRABALHOS DE AGRICULTURA GERAL

a) **Mobilização do solo:**

Fazem-se, quando o tempo e o estado das terras o permitem, surribas e arroteias para culturas e plantações em antigos pousios e incultos, e ainda lavouras para culturas de Primavera.

Cuida-se dos regueiros e escoantes, para evitar o represamento das águas das chuvas e defender as terras das enxurradas.

b) **Fertilização:**

Prosseguem as indicadas no mês anterior e nas sementeiras, que não foi possível fazer antes.

c) **Sementeiras, plantações e granjeios:**

Concluem-se as sementeiras de trigo e centeio, que neste mês já são tardias. Semeiam-se ervas, sanfeno, serradela, garroba, e outras leguminosas, para fenos ou forragens. Semeia-se penisco.

d) **Conservação e armazenamento:**

Vigilância nos celeiros, silos e palheiros; padejam-se, limpam-se e desinfectam-se as sementes.

Conservação de caminhos, organização de inventários.

e) **Gados e outros animais:**

Terminam as engordas nos montados e abatem-se os porcos engordados nas pocilgas; vacinam-se, antes de darem entrada nos cortelhos, os bácoros adquiridos para substituïção.

Faz-se ainda a desmama dos poldros e bezerros de manadio.

Aumentam-se as camas nos estábulos. As cabras e ovelhas continuam nos pastos invernadiços e por não haver ainda ervas e o leite ter nesta quadra bastante valor, destinam-se quási todos os cabritos e borregos à carne. Vigiam-se os apiários, não acabe nêles a reserva de mel.

f) **Cuidado com as estrumeiras:**

Esgotar e limpar as estrumeiras.

g) **Cuidado com as máquinas:**

Reparação e conservação das alfaias e viaturas.

2) ARBORICULTURA E HORTICULTURA

Nas hortas preparam-se as terras e os alfobres para as culturas de Primavera. Continua nos pomares a abertura de covas para receberem as plantas novas, cuja época de plantação é esta a melhor. Nos viveiros, fazem-se as podas de formação e podam-se as fruteiras, onde não sejam de temer as geadas. Drenam-se quanto possível os terrenos húmidos. Começa a cava; faz-se a estrumação e os tratamentos de Inverno às fruteiras, pois são estes os que melhor evitam os ataques das doenças e parasitas.

No fruteiro mantém-se intensa vigilância, eliminando dêle os frutos apodrecidos. Finda a apanha da azeitona.

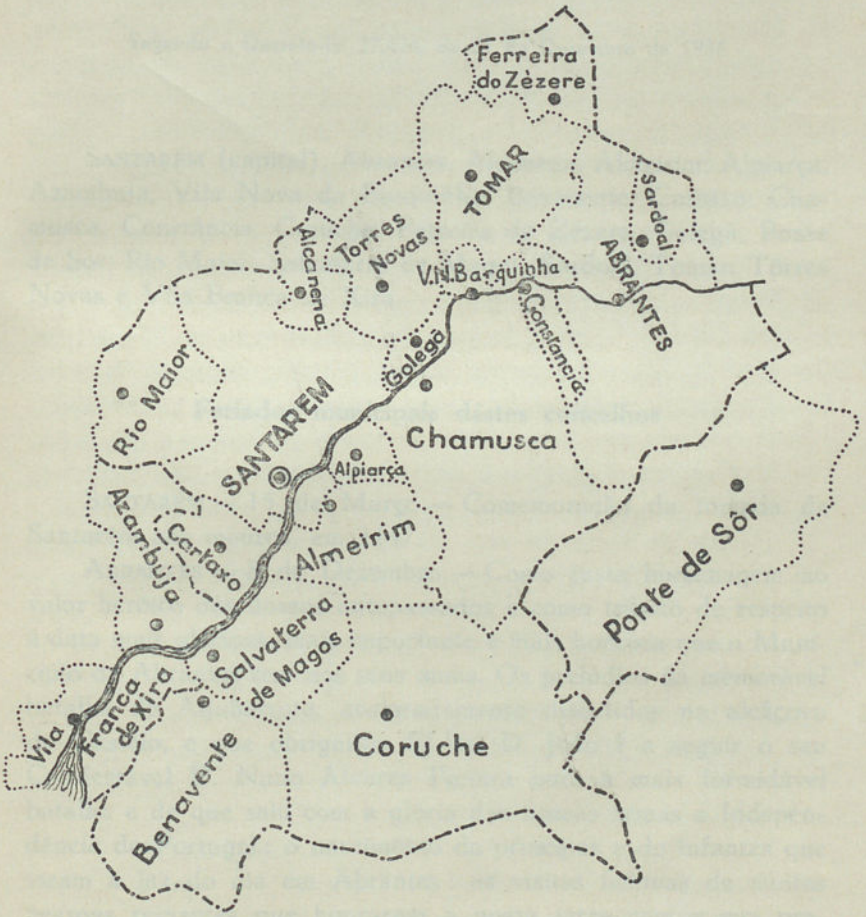
3) VITICULTURA E ENOLOGIA

É boa ocasião de proceder à adubação e estrumação das vinhas, excepto daquelas sujeitas a alagamentos.

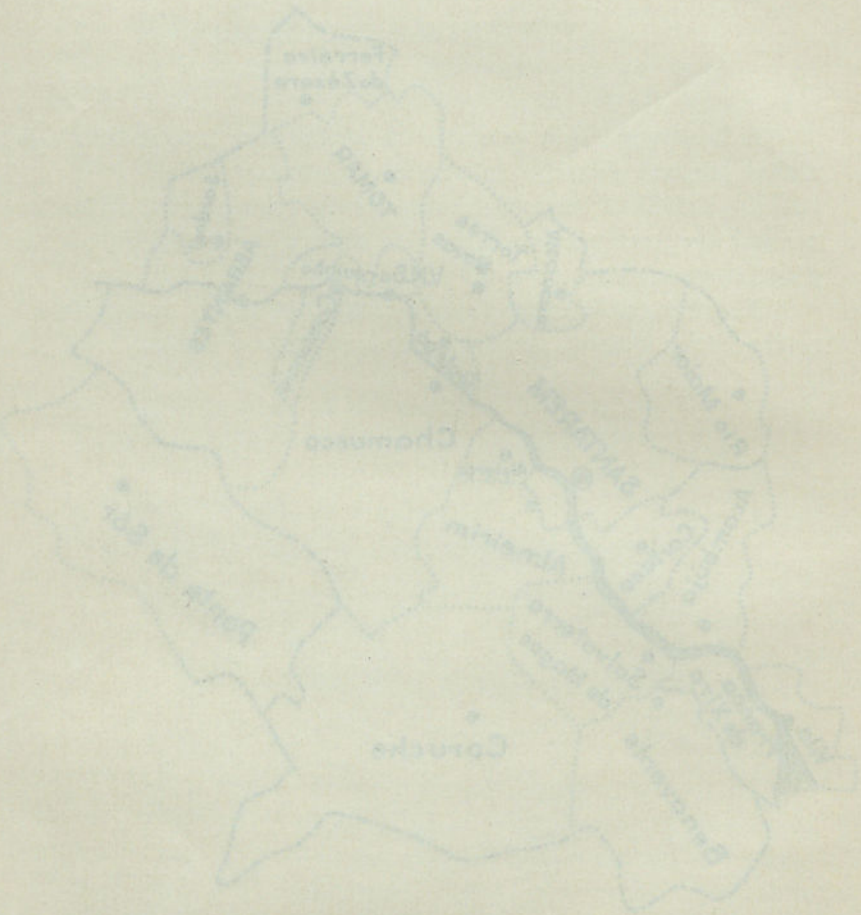
Desbarbar as enxertias ; abrir covas para plantar barbados nas falhas e preparar os americanos, ainda não enxertados, para a próxima enxertia.

Nas adegas, atestos e passagens dos vinhos novos, separando-os das bôrras ; destilação dos engaços e bôrras.

Notas sôbre o Ribatejo



Província do Ribatejo, seus confins



Concelhos da província do Ribatejo

Segundo o Decreto-lei 27.424, de 31 de Dezembro de 1936

SANTARÉM (capital), Abrantes, Alcanena, Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Vila Nova da Barquinha, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constância, Coruche, Ferreira de Zêzere, Golegã, Ponte de Sor, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Sardoal, Tomar, Tôrres Novas e Vila Franca de Xira.

Feriados municipais dêstes concelhos

SANTARÉM — 15 de Março — Comemoração da tomada de Santarém aos mouros, em 1147.

ABRANTES — 8 de Dezembro — Como justa homenagem ao valor heróico dos nossos antepassados e como tributo de respeito à data mais gloriosa, mais importante e mais honrosa que o Município de Abrantes tem nos seus anais. Os prelúdios da memorável batalha de Aljubarrota, acaloradamente discutidos na alcáçova do Castelo, e que obrigaram El-Rei D. João I a seguir o seu Condestável D. Nuno Álvares Pereira para a mais formidável batalha e de que saíu com a glória das nossas armas a Independência de Portugal; o nascimento de príncipes e de infantes que viram a luz do dia em Abrantes; as visitas festivas de muitas pessoas reinantes que honraram a nossa terra com a sua presença; a fundação e instituïção da Misericórdia e do hospital por El-Rei D. Fernando; o foral que D. Afonso Henriques concede a Abrantes em 1179, classificando o nosso Município com « Muni-

cípio da Classe dos Perfeitos » ; a mercê de El-Rei D. João V separando a nossa comarca da de Tomar e dando-lhe autonomia e jurisprudência ; a saída de Tristão da Cunha e de Afonso de Albuquerque para a Índia, ordenada por D. Manuel, estando em Abrantes ; a reforma do foral de D. Afonso Henriques, feita por D. Manuel ; a morte do ilustre abrantino Frei João da Piedade, que pela sua cultura e pelo seu amor à nossa terra muito escreveu e muito investigou sôbre Abrantes, deixando trabalhos notáveis ; tudo isto, são factos que pela sua importância e pela sua grandeza merecem o nosso orgulho. Mas mais nobre, mais importante, mais heróico, aquele em que mais se afirma o valor duma raça que passou e em que mais se demonstra o grande amor dos abrantinos pela sua terra, reside na tomada do Castelo de Abrantes aos mouros, em 8 de Dezembro de 1148, em que Afonso Henriques, seguido por pequeno número de abrantinos, faz prodígios de valor, vencendo um exército numeroso de mouros, derrubando todas as bandeiras que os bárbaros tinham içado e deixando em seu lugar a sua insígnia, dizendo que Abrantes era livre, e que Abrantes ficava sendo um burgo do Reino de Portugal.

(Cópia de parte da acta da sessão ordinária da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Abrantes. 27 de Março de 1933).

ALCANENA — 8 de Maio — Comemoração do aniversário da criação do Concelho.

ALMEIRIM — 1 de Maio — Festa do Trabalho.

ALPIARÇA — 9 de Maio — Comemora a data da 1.ª reünião da Comissão Instaladora do Concelho, criado pela Lei n.º 129, de 2 de Abril de 1914.

AZAMBUJA — 1.º de Maio — Festa do Trabalho.

BENAVENTE — Quinta-feira da Ascensão.

CARTAXO — 1.º de Maio — Festa do Trabalho.

CHAMUSCA— 2 de Setembro — A comemorar o regresso da freguesia de Vale de Cavalos a êste Concelho.

CONSTÂNCIA — Segunda-feira de Páscoa.

Coruche — 15 de Agosto — Festa à Senhora do Castelo.

Ferreira de Zêzere — Segunda-feira a seguir ao Domingo de Espírito Santo, dia do tradicional círio da freguesia da Vila de Ferreira do Zêzere a Dornes, antiqüíssima povoação, sede de uma das freguesias dêste concelho, que antigamente foi sede de uma das importantes comendas da Ordem de Cristo, coeva da fundação da nossa Monarquia, onde ainda hoje existe, adaptada à Tôrre da Igreja Matriz, um castelo que foi dos Templários, e onde se adora a imagem da Senhora do Pranto, à qual antigamente vinham prestar veneração círios populares de muitas freguesias desde Vila Sêca, nas proximidades de Coimbra, até à Chamusca.

Golegã — 1.º de Maio — Festa do Trabalho.

Ponte de Sor — 29 de Agosto — Data da carta foral passada por D. Manuel I aos habitantes desta vila.

Rio Maior — 6 de Novembro — Comemoração da data da criação do Concelho, tendo a Câmara, em 1936, comemorado o seu 1.º centenário.

Salvaterra de Magos — Quinta-feira da Ascensão.

Sardoal — 22 de Setembro — Comemoração da fundação do Concelho.

Tomar — 1 de Março — Comemoração da fundação da Cidade.

Tôrres Novas — Quinta-feira da Ascensão.

Vila Franca de Xira — 1 de Junho — A comemorar a data em que, por D. Manuel I, foi concedido foral a êste Concelho.

Vila Nova da Barquinha — 13 de Junho — Festa de Santo António.

Descanso semanal nestes concelhos

Concelhos	Dias da semana	
Santarém	5.ª feira — Comércio	Domingo — Indústria
Abrantes	2.ª feira	
Alcanena	Domingo	
Almeirim	5.ª feira	
Alpiarça	5.ª feira	
Azambuja	5.ª feira	
Benavente	5.ª feira	
Cartaxo	5.ª feira	
Chamusca	6.ª feira	
Coruche	4.ª feira	
Constância	2.ª feira	
Ferreira do Zêzere . . .	3.ª feira — Comércio	Domingo — Indústria (*a*)
Golegã	5.ª feira	
Ponte de Sor	2.ª feira	
Rio Maior	2.ª feira	
Tomar	Domingo (*b*)	
Tôrres Novas	Domingo (*c*)	
Vila Franca de Xira . .	5.ª feira — Comércio	Domingo — Indústria
Vila Nova da Barquinha .	2.ª feira	

(*a*) Excepto padarias, latoarias e ferradores.
(*b*) Excepto nas freguesias rurais.
(*c*) Quintas-feiras nas freguesias rurais.

População, superfície, densidade e movimento emigratório do Ribatejo

População dos diferentes concelhos do Ribatejo

CONCELHOS	Número de freguesias	Famílias	População	Sexo		INSTRUCÇÃO			
						Analfabetos		Sabem ler	
				Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas
Distrito de Santarém:									
Abrantes	14	10.484	39.212	18.886	20.326	10.876	16.287	8.010	4.039
Alcanena	10	2.971	11.084	5.306	5.778	2.941	4.566	2.365	1.212
Almeirim	3	3.637	12.774	6.371	6.403	4 632	5 614	1.739	789
Alpiarça	1	2.161	7.531	3.849	3.682	2.595	3 115	1.254	567
Benavente	3	2.180	8.706	4.506	4.200	3 084	3 300	1.422	900
Cartaxo	7	5.119	18.316	8.993	9 323	5.892	6.775	3 101	2.548
Chamusca	5	3.680	12.919	6.424	6.495	4.237	5.378	2.187	1.117
Constância	3	938	3.269	1.481	1.788	593	1.451	888	337
Coruche	2	4.211	18.223	9.305	8.918	6.658	8.034	2 647	884
Ferreira do Zêzere	9	4.129	16.133	7.613	8.520	4.270	7.279	3.343	1.241
Golegã	2	1.702	6.316	2.974	3 342	1.954	2.557	1 020	785
Rio Maior	8	3.429	15.087	7.624	7.463	5.338	6 294	2 286	1.169
Salvaterra de Magos	3	2.660	11.585	5.655	5.930	4.476	5.277	1.179	653
Santarém	27	13.688	54.817	27.156	27.661	16.653	20.580	10.503	7.081
Sardoal	3	1.791	6.863	3.380	3.483	1.665	3.005	1.715	478
Tomar	14	10.958	39.346	19.343	20.003	10.600	15.810	8.743	4.193
Tôrres Novas	16	8.784	33.921	16.853	17.068	9.161	12.119	7.692	4.949
Vila Nova da Barquinha	5	2.500	9.012	4.694	4.318	1.913	2.634	2.781	1.684
Distrito de Lisboa:									
Azambuja	8	3.930	14.151	7.314	6.837	5.425	5.213	1.889	1.624
Vila Franca de Xira	9	5.865	24.390	12.394	11.996	7.800	8 606	4.594	3.390
Distrito de Portalegre:									
Ponte de Sor	3	3.789	15.830	8.084	7.746	5.697	6.908	2.387	838
	155	98 606	379.485	188.197	191.280	117.470	150 802	71.745	40.478

No Continente e Ilhas:

Número de concelhos		302	Instrucção	Analfabetos	Varões	1.974.418
Número de freguesias		3.884			Fêmeas	2.653.540
População		6.808.719		Sabem ler	Varões	1.281.428
Sexo	Varões	3.255.876			Fêmeas	916.476
	Fêmeas	3.570.007				

Superfície do Ribatejo e dos seus concelhos
Densidade da população

CONCELHOS	Superfícies — Quilómetros quadrados	Densidade — Por quilómetro quadrado
Santarém	609,56	89,9
Abrantes	713,00	54,9
Alcanena	115,04	96,3
Almeirim	241,68	52,9
Alpiarça	43,40	173,5
Azambuja	251,44	56,3
Benavente	488,64	17,8
Cartaxo	158,28	115,7
Chamusca	747,56	17,3
Constância	86,76	37,7
Coruche	1.093,76	16,7
Ferreira do Zêzere	184,92	87,2
Golegã	70,89	89,2
Ponte de Sor	862,00	18,4
Rio Maior	277,40	54,4
Salvaterra de Magos	267,84	43,3
Sardoal	77,72	88,3
Tomar	352,00	111,7
Tôrres Novas	278,92	121,6
Vila Franca de Xira	261,24	93,4
Vila Nova da Barquinha	55,00	163,9
Ribatejo	7.336,05	—
Média	.....	71,8
Portugal Continental e Ilhas	91.766,71	74,4

Movimento emigratório do Ribatejo [a]

Anos		Europa	Ásia	África	América			América do Norte	Oceânia
					Brasil	Argentina	Outros países		
1932	Lisboa	17	—	8	88	6	—	3	2
	Portalegre	53	—	1	4	2	—	—	—
	Santarém	21	—	5	23	3	16	4	—
		91	—	14	115	11	16	7	2
1933	Lisboa	21	7	15	114	2	1	14	—
	Portalegre	30	—	—	—	—	—	—	—
	Santarém	27	—	11	48	—	1	5	—
		78	7	26	162	2	2	19	—
1934	Lisboa	22	5	13	118	9	—	18	—
	Portalegre	13	—	1	3	2	—	—	—
	Santarém	26	2	3	33	—	—	4	—
		61	7	17	154	11	—	22	—
1935	Lisboa	23	8	27	93	2	1	18	2
	Portalegre	14	—	2	2	—	—	2	—
	Santarém	22	—	4	114	4	—	2	—
		59	8	33	209	6	1	22	2

(a) Elementos fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, em 5 de Julho de 1939.

Não me foi possível obter o movimento da emigração por concelhos, portanto, os números dêste mapa, em relação ao Ribatejo, são em excesso e em muito, pois devemos considerar que do distrito de Portalegre apenas o concelho de Ponte de Sor pertence à Província; do de Lisboa, só Azambuja e Vila Franca, e que do de Santarém, Mação e Vila Nova de Ourém não fazem parte do Ribatejo.

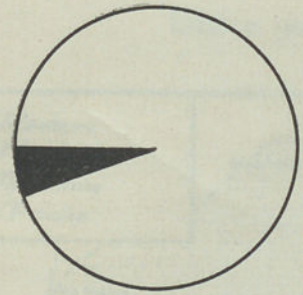
Tendo isto em vista, fácil é admitir que os números do mapa em muito seriam reduzidos e demonstram que o ribatejano, ainda mesmo quando batido pela dureza da desventura, com dificuldade troca o torrão em que nasceu. Esta terra, fanatiza-os e sobretudo, a todo aquele, que mais em contacto com ela vive, que a vê e aprecia na desenvoltura do seu desentranhamento em beleza, virilidade e riqueza. É por isso que a emigração desta Província é muito reduzida.

Também não tem vertigem pelos centros populosos. Tem a catequizá-lo a Natureza, que sempre melhor se revela aos que mais a amam e, por isso, vai conservando como ela, numa velha simplicidade e tradição, os seus usos e costumes.

Mal se acaba o combate entre a luz e as trevas da noite e ainda só ao Nascente se esboça o destingir do negro. para a violeta, vermelho e, por fim, o doirado com que o Vencedor depois resplandece, já o fumo sobe dos tetos dos casais e enrola-se, fugindo de mansinho para o Céu. E ao longe, soa a melopeia do moiral cantando aos bois, ou o búzio do rancho da azeitona entrando nos carreiros do olival, ou as cantigas das ceifeiras ou vindimadeiras cruzando-se no ar. E, invariàvelmente, assim corre a semana, até que chega o domingo, em que vêm à Vila. para arranjar, na *praça,* trabalho para a semana seguinte e *aviarem* o alforje e, depois, regressarem a casa ou ao local da *brincadeira,* onde, desde ainda tardinha, todas as fadigas da semana se esquecem no voltear das danças e ao som do *solidó.*

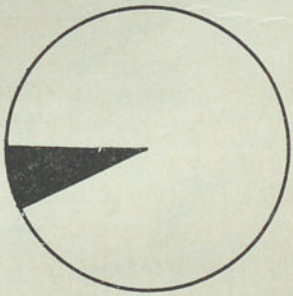
As festas são singelas mas vividas. E tudo serve de pretexto para elas : a ceifa, a vindima, o lagar, o olival e mil outros incidentes da faina agrícola. Mas os toiros, electriza-os. Preferem perder uma *sesta,* ou mesmo um *quartel,* que não verem uma entrada de toiros ou uma picaria. Não há como o Ribatejo, onde com mais profundidade se compreenda e com mais largueza se exprima a festa dos toiros. A lezíria, o Sol, o toiro são fundamentos preciosos desta festa magnífica de côr e de beleza que é uma tradição sempre viva na gente ribatejana.

MAPA I



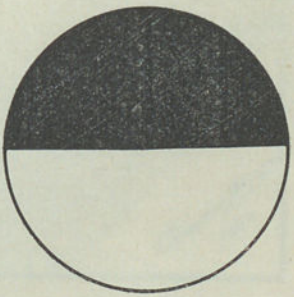
População

Portugal Continental 6.808.719 habitantes
Ribatejo . . . . 379.485 »



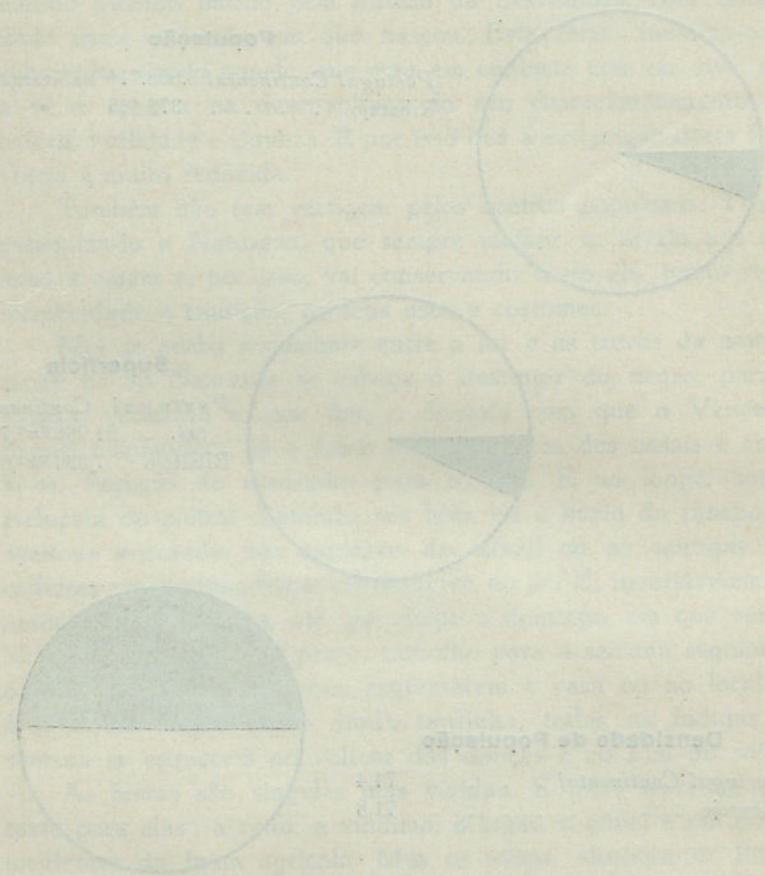
Superfície

Portugal Continental . . 91.766 Km², 71
Ribatejo 7,336 Km², 05

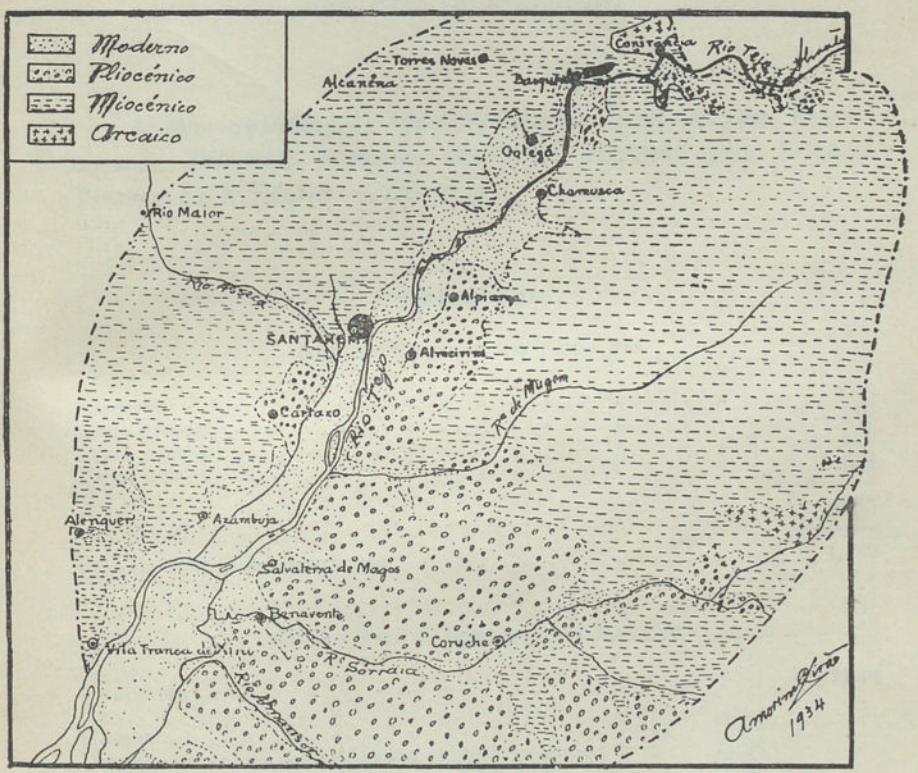


Densidade de População

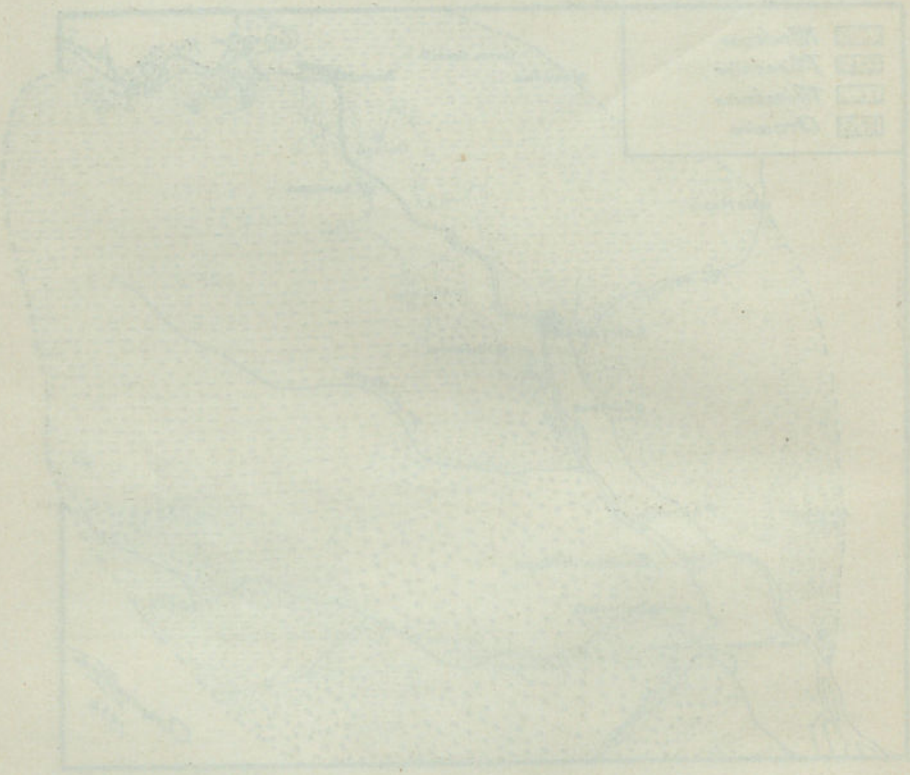
Portugal Continental 74,4
Ribatejo 71,8



Esbôço geológico do Ribatejo



(Extraído do «Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém» — de 1936 — e elaborado pelo Ex.mo Sr. Prof. Dr. Amorim Girão).



Formações geológicas do Ribatejo e tipos dos seus solos agrícolas

Análise quantitativa duma amostra de terra, do solo. Proveniência: Abrantes (terrenos arcaicos), remetida pela Brigada Técnica da X Região — Santarém:

Resultado

Análise Mecânica, em 1.000 grs.

Cascalho	88
Areia grossa	148
Terra grossa	100
Terra fina	664
	1.000
Péso de 1 litro de terra bruta	1.480

Análise Fisico-Química, em 1.000 grs.

Humidade		31,44
Humos	13,38	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso grosseiro	11,23	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso fino	10,20	
Matéria orgânica na argila	9,95	
Matéria orgânica total		44,76
Sedimento arenoso grosseiro (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	291,42	
Sedimento arenoso fino (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	343,87	
Sedimento arenoso total		635,29

Calcáreo no sedimento arenoso grosseiro	17,16	
Calcáreo no sedimento arenoso fino	5,44	
Calcáreo na argila	22,95	
Calcáreo total		45,55
Argila e sílica impalpável, por diferença		242,96
		1.000,00
Silt (silt e fine-silt)	14,00	60 %
Argila	15,00	10 %

Análise Química (Substâncias referidas à terra bruta, séca), em 1.000 grs.

Azoto	0,77
Fósforo (em P^2O^5) proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico (P^2O^5)	0,75
Potássio (em OK^2) proveniente das combinações potássicas, solúveis no ácido nítrico (OK^2 total)	8,31
Cálcio (em Ca)	19,98
Magnésio (em OMg)	6,35
Ferro e alumínio (em O^3Fe^2 e O^3Al^2)	78,88
Reacção da terra, pH = 70 = terreno neutro, segundo a classificação do professor Pratolongo	0,17

Análise quantitativa duma amostra de terra do solo. Proveniência: Bairros de Santarém (miocénico), remetida pela Brigada Técnica da X Região — Santarém:

Resultado

Análise Mecânica, em 1.000 grs.

Cascalho	6
Areia grossa	40
Terra grossa	44
Terra fina	910
	1.000
Pêso de 1 litro de terra bruta	1.384

Análise Físico-Química, em 1.000 grs.

Humidade		19,52
Humos	6,22	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso grosseiro	4,05	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso fino	3,11	
Matéria orgânica na argila	17,72	
Matéria orgânica total		31,10
Sedimento arenoso grosseiro (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	399,27	
Sedimento arenoso fino (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	180,90	
Sedimento arenoso total		580,17
Calcáreo no sedimento arenoso grosseiro	—	
Argila e sílica impalpável, por diferença		369,21
		1.000,00
Silt (silt e fine-silt)	17,00	62 %
Argila	19,00	55 %

Análise Química (Substâncias referidas à terra bruta, séca), em 1.000 grs.

Azoto	0,78
Fósforo (em P^2O^5) proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico (P^2O^5) total	vestígios
Potássio (em OK^2) proveniente das combinações potássicas, solúveis no ácido nítrico (OK^2) total	1,95
Cálcio (em O Ca)	1,55
Magnésio (em OMg)	2,91
Ferro e alumínio (em O^3Fe^2 e O^3Al^2)	57,53
Reacção da terra, pH = 5,8 = terreno sub-ácido, segundo a classificação do professor Pratolongo	—
Cloretos (em Cl Na)	0,27

Análise quantitativa duma amostra de terra do solo. Proveniência: Atalho (Almeirim), remetida pela Brigada Técnica da X Região — Santarém. (Terreno pliocénico):

Resultado

Análise Mecânica, em 1.000 grs.

Cascalho	0
Areia grossa	0
Terra grossa	10
Terra fina	990
	1.000
Pêso de 1 litro de terra bruta	1.730

Análise Fisico-Química, em 1.000 grs.

Humidade		3,30
Humos	2,90	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso grosseiro	2,52	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso fino	2,04	
Matéria orgânica na argila	5,04	
Matéria orgânica total		12,50
Sedimento arenoso grosseiro (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	783,16	
Sedimento arenoso fino (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	117,58	
Sedimento arenoso total		900,74
Calcáreo no sedimento arenoso grosseiro	—	
Calcáreo no sedimento arenoso fino	—	
Calcáreo na argila	—	
Calcáreo total		—
Argila e sílica impalpável, por diferença		83,46
		1.000,00

Análise Química (Substâncias referidas à terra bruta, séca), em 1.000 grs.

Azoto		0,58
Fósforo	Proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico, a 2 %, (P^2O^5) assimilável	—
	Proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico (P^2O^5) total	0,28

Potássio proveniente das combinações potássicas, solúveis no ácido nítrico (OK^2) total	0,52
Cálcio (em O Ca)	1,94
Magnésio (em OMg)	Quantidade, pouco apreciável
Ferro e alumínio (em O^5Fe^2 e O^5Al^2)	5,51
Reacção da terra, pH = 6,0 = terreno sub-ácido, segundo a classificação do professor Pratolongo	—

Análise quantitativa duma amostra de terra do solo. Proveniência: Campo de Valada (Cartaxo), remetida pela Brigada Técnica da X Região — Santarém. (Terrenos modernos):

Resultado

Análise Mecânica, em 1.000 grs.

Cascalho	0
Areia grossa	0
Terra grossa	0
Terra fina	1.000
	1.000
Pêso de 1 litro de terra bruta	1.118

Análise Físico-Química, em 1.000 grs.

Humidade		41,00
Humos	8,70	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso grosseiro	1,91	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso fino	4,61	
Matéria orgânica na argila	44,48	
Matéria orgânica total		59,70
Sedimento arenoso grosseiro (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	5,77	
Sedimento arenoso fino (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	69,53	
Sedimento arenoso total		75,30

Calcáreo no sedimento arenoso grosseiro	—
Calcáreo no sedimento arenoso fino	—
Calcáreo na argila	—
Calcáreo total	—
Argila e sílica impalpável, por diferença	824,00
	1.000,00

Análise Química (Substâncias referidas à terra bruta, séca), em 1.000 grs.

Azoto	2,04
Fósforo (em P^2O^5) proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico (P^2O^5 total)	1,11
Potássio (em OK^2) proveniente das combinações potássicas, solúveis no ácido nítrico (OK^2 total)	5,94
Cálcio (em O Ca)	7,86
Magnésio (em OMg)	13,64
Ferro e alumínio (em O^3Fe^2 e O^3Al^2)	139,93
Reacção da terra, pH = 6,8 = terreno neutro, segundo a classificação do professor Pratolongo	—

Análise quantitativa duma amostra de terra do solo. Proveniência: Salgados (Samora Correia). (Terrenos modernos-salgados):

Resultado

Análise Mecânica, em 1.000 grs.

Terra fina	1.000
	1.000
Pêso de 1 litro de terra bruta	1.182

Análise Fisico-Química, em 1.000 grs.

Humidade	45,00

Humos	1,60	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso grosseiro	0,54	
Detritos orgânicos no sedimento arenoso fino	1,50	
Matéria orgânica na argila	72,86	
Matéria orgânica total		76,50
Sedimento arenoso grosseiro (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	3,40	
Sedimento arenoso fino (isento de calcáreo e de matéria orgânica)	16,58	
Sedimento arenoso total		19,98
Calcáreo na argila	42,26	
Calcáreo total		42,26
Argila e sílica impalpável, por diferença		816,26
		1.000,00
Silt (silt e fine-silt)	50,00	75 %
Argila	27,00	50 %

Análise Química (Substâncias referidas à terra bruta, séca), em 1.000 grs.

Azoto	1,20
Fósforo (em P^2O^5) proveniente das combinações fosforadas, solúveis no ácido nítrico (P^2O^5 total)	2,21
Potássio (em OK^2) proveniente das combinações potássicas, solúveis no ácido nítrico (OK^2 total)	11,23
Cálcio (em O Ca)	27,63
Magnésio (em OMg)	22,11
Ferro e alumínio (em O^3Fe^2 e O^3Al^2)	183,75
Reacção da terra, pH = 7,2 — terreno neutro, segundo a classificação do professor Pratolongo	—
Sais solúveis, segundo o método Brombila Jor	por cento
Carbonato de cálcio	0,16
Carbonato de sódio	—
Sulfato de cálcio	1,99
Sulfato de sódio	1,45
Cloretos (em Na Cl)	27,67

O esbôço geológico que atrás figura, mostra que o Ribatejo é constituído pelos seguintes tipos fundamentais de terrenos:

Miocénico, pliocénico, moderno e arcaico, ocupando êste último a menor porção.

Dentro dêstes 4 tipos, foram tomadas as 5 amostras de terra — 2 nos terrenos modernos, — para definir um sub-tipo dêstes, os salgados.

Para ajuïzarmos da riqueza destas terras, convém recordar que uma terra agrícola, de riqueza média, deve conter:

Azote — 1 grama, por quilograma de terra normal e sêca
Ácido fosfórico — 1 grama, no mesmo pêso
Potássio — 2 gramas
Calcáreo — 10 a 50 gramas, conforme a riqueza da terra em argila

Nesta conformidade, os boletins das 5 amostras, mostram-nos, o que, duma maneira geral, os solos dos terrenos arcaicos, miocénico e pliocénico são pobres em azoto e fósforo; pobres em potassa os pliocénicos; pobres em cal os miocénicos, pliocénicos e modernos.

E se, como disse o insigne mestre de agronomia portuguesa — Ferreira Lapa — « *a terra tem uma vida física e um temperamento intestino, em que a vida física é a feição externa do solo; nela se espelha a índole, as excelências, ou as ruindades do temperamento* » — a variada composição destas terras, explica, em algumas delas, os magros rendimentos das culturas, quando feitas em terrenos que não são compatíveis com as suas exigências e sobretudo, quando se não beneficiam apropriadamente, quer pelo fornecimento de elementos nobres, quer pelos trabalhos prévios de saneamento ou de meteorização.

A flora da região, dependendo ela, como depende, do solo, não pode deixar de ser variadíssima.

A vinha e a oliveira vivem bem em todo o Ribatejo, tendo a oliveira uma importância excepcional no terreno miocénico.

A cultura dos cereais de primavera — trigo, arroz, milho, — em cultura extensiva, e das plantas sachadas, cuja regular vegetação está dependente das condições do solo e do clima, e a dos

ferrejos, que exige as mesmas condições, encontram-se disseminadas por uma boa parte dos concelhos do Ribatejo, daquém do rio e na orla marginal Sul, nos terrenos modernos. As culturas arvenses de inverno, ou as arbóreas de azinho, sôbro e pinhal, tomam posse do terreno por toda a restante parte onde a falta de condições climatéricas não pode ser suprida pela irrigação e compreende os terrenos miocénico, pliocénico e arcaico.

São as charnecas dêstes mesmos terrenos que dão os invernadoiros ao gado ; e as ervas tufantes e os restolhos dos terrenos modernos, que servem à criação e recriação.

A flora arbórea, arbustiva e sub-arbustiva espontânea, predominante é : zambujeiro, azinheiro, sobreiro, pinheiro, junipero, o pilriteiro, o piorno, a aroeira, a murteira, o medronheiro, o tojo, o carrasqueiro, as urzes, a queiroga, a estêva, o rosmaninho, o sargaço, o alecrim, etc.

Da flora herbácea, aponto aquelas que mais se recomendam pelo seu préstimo e que predominam nas boas pastagens :

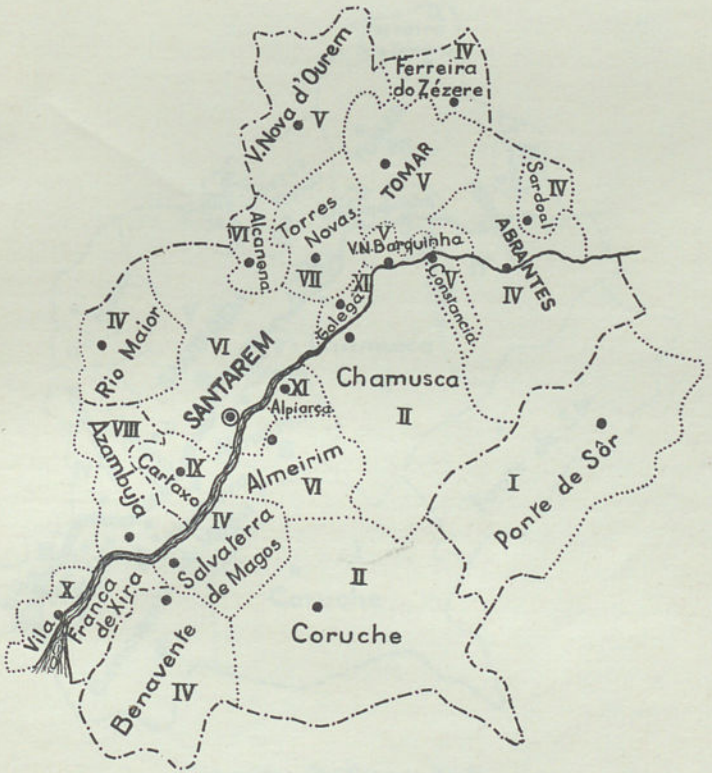
Gramíneas : balanco, várias alpistas, os panascos, o rabo de macaco, os agrotis, a erva carneira, erva de febra, o azevém, barba de bode, a erva molar, etc.

Entre as leguminosas : serradela, luzernas, o pé de lebre, a anafe, o trevo branco, trevo amarelo, o cornichão, o cizirão, as ervilhas bravas, ervilha de pombo, a ervilhaca, o sanfeno bravo, etc.

De famílias diversas : o ôlho de môcho, pimpinela, soagens, unha de gato, milhãs, leitugas bravas, etc.

Em ervagens menos reputadas, abundam : o malmequer e o pampilho das searas, as tanchagens, a margaça, o talhadente, a erva vaqueira, a macela e pão pôsto, o feno de cheiro, as ineixas, as serralhas, as cangarinhas, o almeirão, a língua de vaca, erva coentrinha, a murugem, labaças, a grama, o escalracho, a grizandra, funcho, o saramago, nabinha, erva pimenteira, a erva canuda, etc.

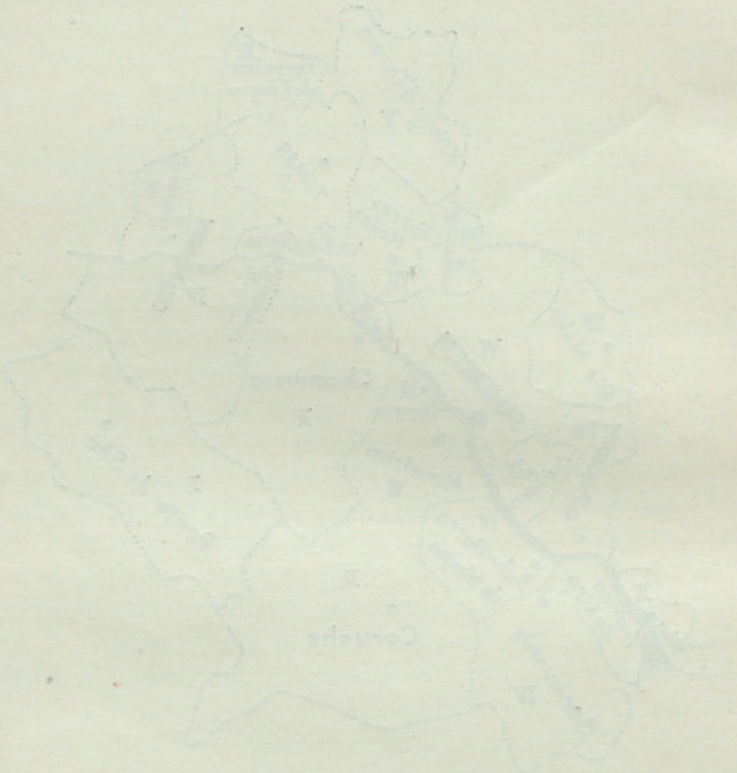
Riqueza Fundiária. Rendimento colectável rústico — 1934



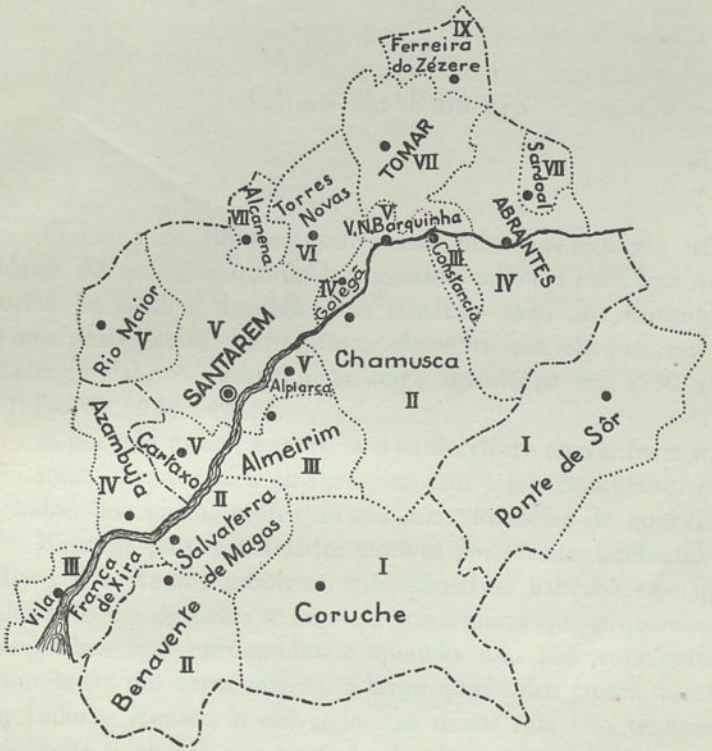
Rendimento por Ha

Menos de 50$00 — I	175 — 199$00 — VII
50 — 74$00 — II	200 — 249$00 — VIII
75 — 99$00 — III	250 — 299$00 — IX
100 — 124$00 — IV	300 — 399$00 — X
125 — 149$00 — V	Mais de 400$00 — XI
150 — 174$00 — VI	

(Esbôço extraido da Carta da Divisão da Propriedade Rústica em Portugal elaborada na Faculdade de Letras de Coimbra sob a direcção do Prof. Dr. Amorim Girão).



Divisão da Propriedade Rústica — 1934



Convenções (Prédios por Km²)

Menos de 5 — I	200 a 249 — VIII
5 a 9 — II	250 a 299 — IX
10 a 24 — III	300 a 399 — X
25 a 49 — IV	400 a 499 — XI
50 a 99 — V	500 a 699 — XII
100 a 149 — VI	Mais de 699 — XIII
150 a 199 — VII	

(Esbôço extraído da Carta da Divisão da Propriedade Rústica em Portugal elaborada na Faculdade de Letras de Coimbra, sob a direcção do Prof. Dr. Amorim Girão).

Clima do Ribatejo

O clima do Ribatejo salienta-se pela sua extrema irregularidade. As temperaturas médias mensais indicam um clima quente ; porém, as médias das máximas mostram logo que durante todo o ano se registam temperaturas elevadas que chegam por vezes a atingir valores excepcionais como aconteceu em 1930 (44°,5) e Julho de 1928 (40°,6).

É por isto que se esbraseia o azul celeste com a forte irradiação solar, que arranca chispas por esta terra ribatejana, onde o trabalho do campo, nestes meses, tem violências de epopeia.

Existem, pois, justificados motivos para recear acidentes vegetativos nas plantas arbóreas, sub-arbustivas e herbáceas, quando cultivadas em sequeiro, e explica os prejuízos que a queima causa nas vinhas mal enroupadas e quando não são suficientemente acauteladas dos raios solares, a larga queda dos frutos da oliveira em Julho e Agosto, o calveado das terras que não tenham uma humidade imanente e o crestado dos frutos.

Nos meses mais frios registam-se também habitualmente temperaturas muito baixas, não sendo raro temperaturas negativas que chegam a atingir — 3° e — 3°,8 (Dezembro de 1931 e Janeiro de 1932).

Embora estas temperaturas não prejudiquem as culturas fromentárias temporãs, verdade é que as pastagens mirram, como não vingam os abrolhamentos daquelas plantas que querem começar o seu novo período da vida. Bem conhecidos são os estragos que as geadas fazem nas vinhas, nos citrinos e nas florações temporãs.

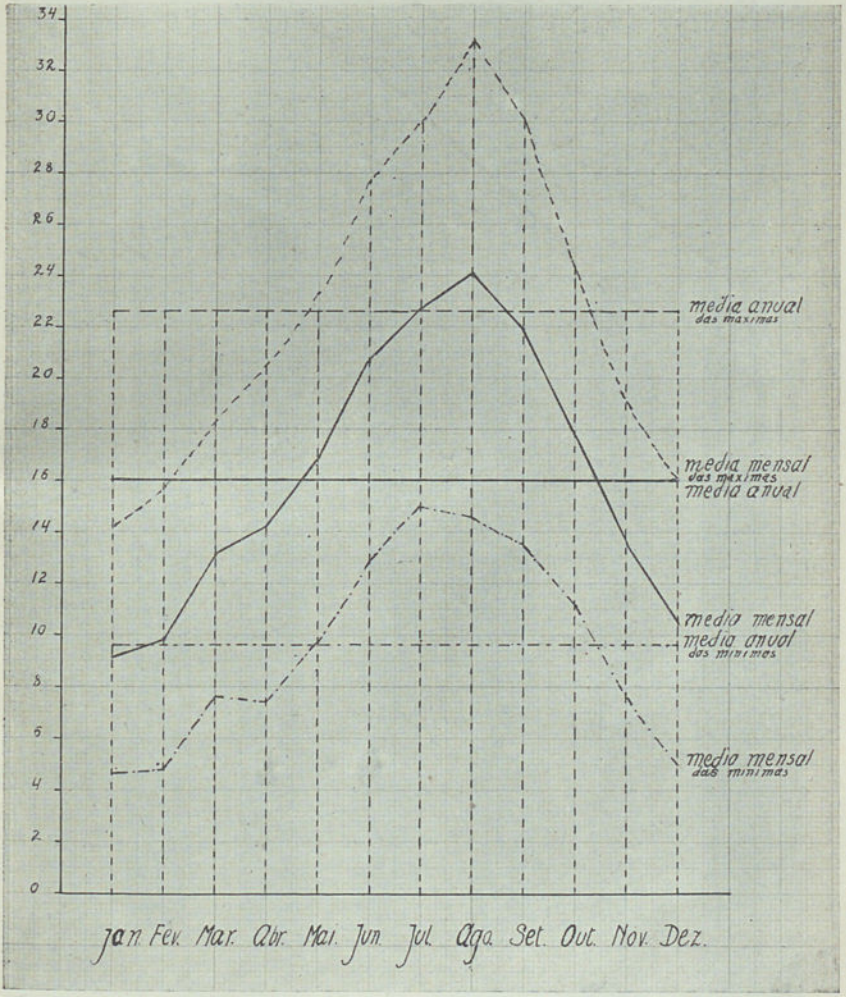


Diagrama das temperaturas (1927 a 1932)

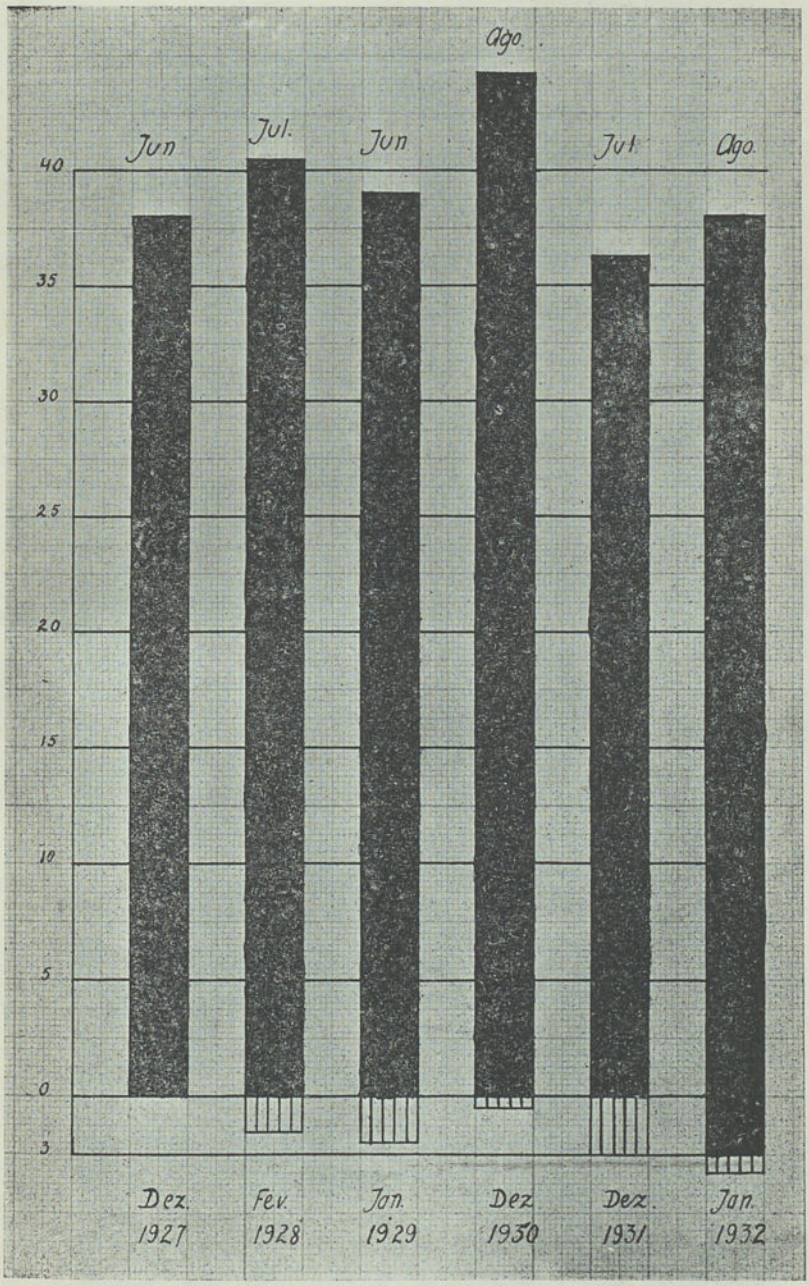


Diagrama das temperaturas extremas

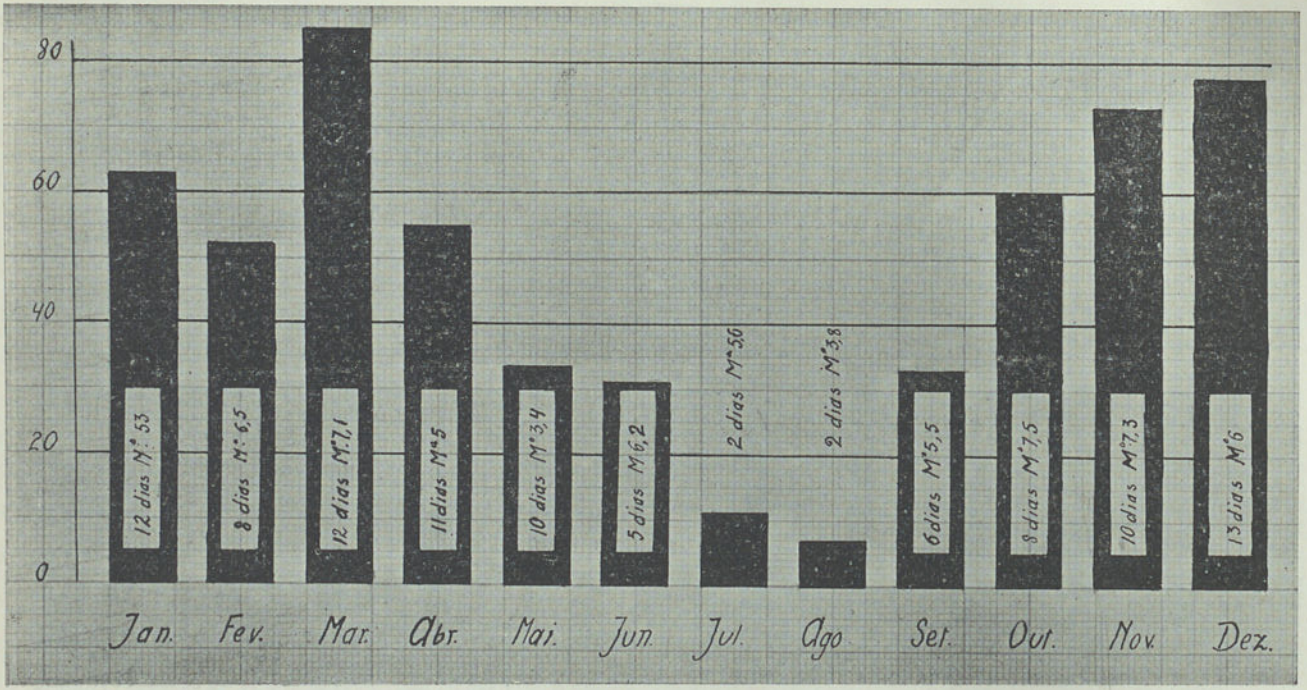


Diagrama das chuvas

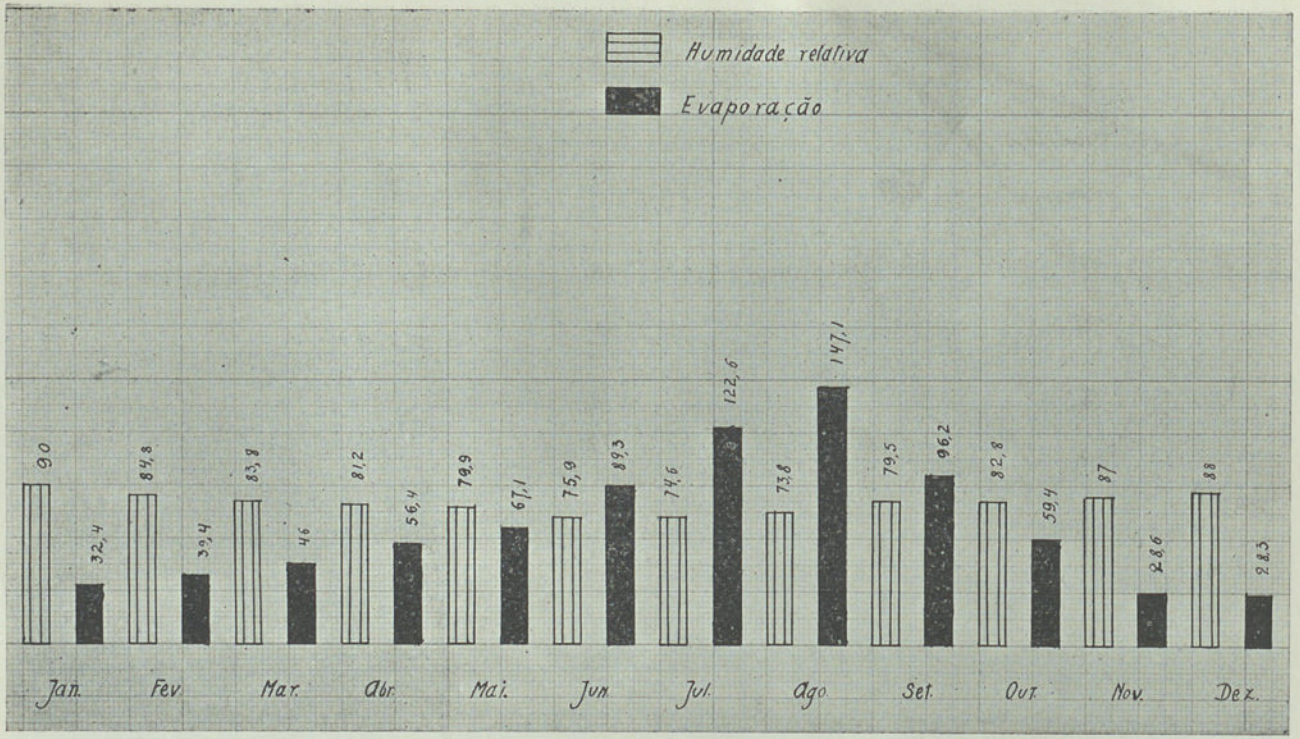


Diagrama da humidade e evaporação

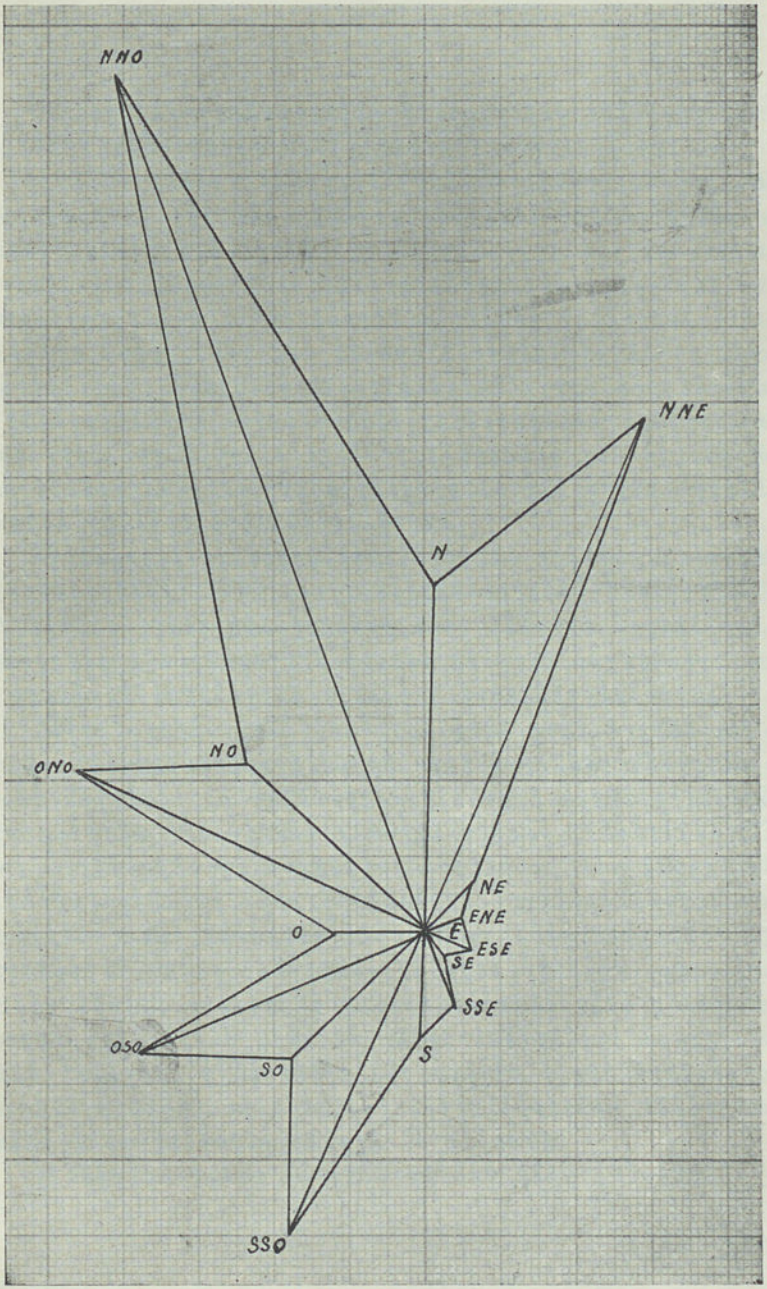
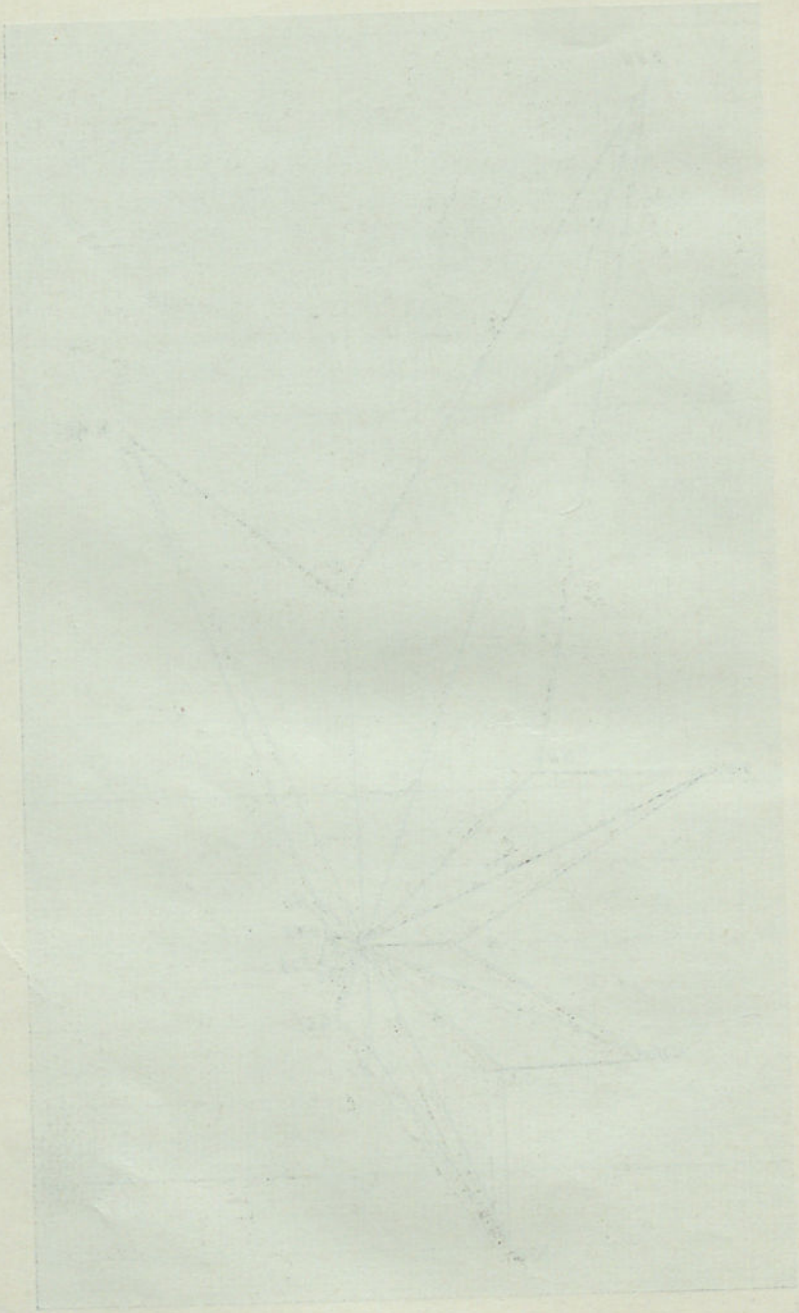


Diagrama dos ventos



A altura pluviométrica média da região é de 587^{mm} dos quais só 83^{mm},6 correspondem aos 4 meses mais quentes do ano, em que a evaporação atinge o valor de 455^{mm},2. As chuvas, portanto, não são regulares, vêm em catadupas nalgumas épocas, dando as cheias e asielas, que destroem as sementeiras, ou que impedem ao lavrador mais prudente de fazer sementeiras, para depois se tornarem escassas ou nulas, quando as plantas as desejam. Disto resulta a incerteza das boas searas e o concluirmos ser, na maioria dos casos, absolutamente indispensável a rega para alcançar o êxito perfeito em muitas culturas, para compensar a evaporação total nesta região que é de 812^{mm},8, bastante mais elevada do que a altura total das chuvas caídas e em que 50 por cento da total se regista na época de maior seca.

O diagrama dos ventos indica-nos uma dominância absoluta dos ventos NNE a SSO, com predomínio do NNO, NNE e ONO. O NNO é o que mais interêsse tem, visto que, registando-se todo o ano, a sua freqüência aumenta no verão, que coincide com o período de maturação e de melhor resistência dos frutos.

Sôbre a salubridade, dum modo geral, pode dizer-se que o clima é bastante salutar, a não ser nas regiões orizícolas, paúes e terras alagadas e com chaboucos, onde existe o sezonismo, verdade seja que duma maneira mais ou menos benigna. O decreto 28.493, com a organização dos serviços anti-sezonáticos, fez a defesa sanitária das populações e dos trabalhadores — zonas de protecção às povoações e das habitações dos ranchos —, melhoramentos dos processos de cultura e do regime de regas e enxugos, com o que se tem reduzido os casos de endemia sezonática. Com o estabelecimento das zonas de protecção, já se verificou que, em algumas delas, Benavente e Azambuja, por exemplo, a percentagem dos casos de sezonismo, na população, que habitualmente não vai trabalhar ao campo, baixou cêrca de 50 por cento.

A fase mais aguda do sezonismo é de Maio a Outubro.

Produções agrícolas principais do Ribatejo

Vinhos de consumo

(Segundo os manifestos enviados à Junta Nacional do Vinho)

	Número de vinicultores	Concelhos	1937	
			Branco — Litros	Tinto — Litros
Área da J. N. do V.	149.385	—	108.394.247	287.912.568
		Distrito de Santarém:		
	871	Abrantes	158 430	913.975
	81	Alcanena	500	62 580
	1.251	Almeirim	18.213.106	2.914.303
	385	Alpiarça	5.566.770	6.137.555
	103	Benavente	275.358	821.164
	2.467	Cartaxo	4 188.696	15.575.129
	388	Chamusca	1.274 460	1.584 617
	41	Constância	8.010	76.205
	562	Coruche	1.139.670	1.091.986
	1.128	Ferreira do Zêzere . .	185.195	902.098
	161	Golegã	1.417.197	765.228
Ribatejo	1.281	Rio Maior	715.679	3.104.657
	593	Salvaterra de Magos . .	2.432.670	1.195.691
	1.117	Santarém	3.733.201	6.045.134
	265	Sardoal	6.955	95.543
	2.615	Tomar	852.762	1.246.716
	1.006	Tôrres Novas	764.800	1.360.205
	11	Vila Nova da Barquinha.	17.500	49.275
		Distrito de Lisboa:		
	1.846	Azambuja	1.085.030	9.266.508
	—	Vila Franca de Xira . .	—	—
		Distrito de Portalegre:		
	69	Ponte de Sor	4.240	40.510
	16.241	Soma. . .	41 980 229	53.249.079

Vinhos licorosos

	Número de vinicultores	Concelhos	1937	
			Branco — Litros	Tinto — Litros
Área da J. N. do V.	149.385	—	1.484.633	588.412
		Distrito de Santarém:		
Ribatejo	871	Abrantes	1.900	2.100
	81	Alcanena	8.200	1.200
	1.251	Almeirim	137.716	—
	385	Alpiarça	263.400	52.000
	103	Benavente	70	200
	2.467	Cartaxo	366.678	40.614
	388	Chamusca	108	—
	41	Constância	120	850
	562	Coruche	66.304	33.000
	1.281	Rio Maior	1.326	—
	583	Salvaterra de Magos	17.680	3.000
	1.117	Santarém	16.268	16.394
	265	Sardoal	300	270
	2.615	Tomar	1.150	160
	1.006	Tôrres Novas	30 535	4.530
	11	Vila Nova da Barquinha	100	—
		Distrito de Lisboa:		
	1.846	Azambuja	200	—
	—	Vila Franca de Xira	—	—
	14.873	Soma	912.155	154.318

Vinhos de queima

	Número de vinicultores	Concelhos	1937 — Litros
Área da J. N. do V.	149.385	—	9.342.623
		Distrito de Santarém:	
	871	Abrantes	4.000
	81	Alcanena	1.400
	1.251	Almeirim	221.246
	385	Alpiarça	4.000
	103	Benavente	3.800
	2.467	Cartaxo	52.000
	388	Chamusca	36.400
	562	Coruche	3.500
	1.128	Ferreira do Zêzere	100
	1.281	Rio Maior	4.000
Ribatejo	593	Salvaterra de Magos	5.000
	1.117	Santarém	1.100
	265	Sardoal	420
	2.615	Tomar	6.531
	1.006	Tôrres Novas	8.500
		Distrito de Lisboa:	
	1.846	Azambuja	245.005
	—	Vila Franca de Xira	—
		Distrito de Portalegre:	
	69	Ponte de Sor	800
	16.028	Soma	597.802

Aguardente

	Número de vinicultores	Concelhos	1937 Finas — Litros	1937 Redondas — Litros	1937 Bagaceiras — Litros
Área da J. N. do V.	149.385	—	1.478.152	18.915	301.870
		Distrito de Santarém:			
	871	Abrantes	517	—	1.764
	1.251	Almeirim	186.235	—	13.000
	385	Alpiarça	18.900	—	—
	103	Benavente	370	16.900	—
	2.467	Cartaxo	35.058	—	600
	388	Chamusca	5.819	—	—
	41	Constância	115	—	—
	562	Coruche	24.580	—	2.000
	1.128	Ferreira do Zêzere . .	2.822	—	—
	161	Golegã	9.726	—	—
	1.281	Rio Maior	150	—	3.550
Ribatejo	583	Salvaterra de Magos .	3.551	—	—
	1.117	Santarém	3.937	—	—
	265	Sardoal	4.570	—	—
	2.615	Tomar	2.890	—	—
	1.006	Tôrres Novas . . .	2.645	—	—
	11	Vila Nova da Barquinha.	566	—	—
		Distrito de Lisboa:			
	1.846	Azambuja	3.066	—	1.605
		Distrito de Portalegre:			
	69	Ponte de Sor . . .	3.054	—	—
	16.148	Soma. . .	308.571	16.900	22.519

Azeite

	Concelhos	1933 — Litros
Continente .	—	81.814.180
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	1.691.690
	Alcanena	1.108.650
	Almeirim	225.930
	Alpiarça	213.190
	Benavente	69.890
	Cartaxo	241.230
	Chamusca	313.760
	Constância	688.040
	Coruche	209.040
	Ferreira do Zêzere	673.510
	Golegã	1.055.690
	Rio Maior	616.210
	Salvaterra de Magos	39.040
	Santarém	2.652.300
	Sardoal	311.330
	Tomar	1.656.130
	Tôrres Novas	1.688.560
	Vila Nova da Barquinha	563.760
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	188.820
	Vila Franca de Xira.	400.050
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	450.420
	Soma. . .	15.057.240

Trigo

	Concelhos	1933 — Litros
Continente .	—	560.877.570
	Distrito de Santarém:	
Ribatejo .	Abrantes	4.055.860
	Alcanena	913.800
	Almeirim	1.060.390
	Alpiarça	518.400
	Benavente	9.132.300
	Cartaxo	2.376.830
	Chamusca	4.026.580
	Constância	305.000
	Coruche	7 715.590
	Ferreira do Zêzere	497.110
	Golegã	3.058.770
	Rio Maior	1.270.920
	Salvaterra de Magos	2.472.440
	Santarém	6.387.410
	Sardoal	158.760
	Tomar	831.430
	Tôrres Novas	3.838.300
	Vila Nova da Barquinha	248.880
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	2.343.770
	Vila Franca de Xira	8.707.500
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	4.767.120
	Soma	64.687.160

Arroz

	Concelhos	1933 — Quilogramas	
Continente .	—	46.537.040	
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*		
	Abrantes	420.000	
	Almeirim	720.000	
	Alpiarça	292.500	
	Benavente	5.372.400	
	Cartaxo	1.380.120	
	Chamusca	1.758.000	
	Coruche	2.906.640	
	Golegã	—	60.000 (1926-1930)
	Rio Maior	67.200	
	Salvaterra de Magos . .	3.000.000	
	Santarém	540.000	
	Vila Nova da Barquinha .	—	61.720 (1932)
	Distrito de Lisboa:		
	Vila Franca de Xira . . .	342.160	
	Distrito de Portalegre:		
	Ponte de Sor	380.100	
	Soma . . .	17.179.120	

Milho

	Concelhos	1933 — Litros
Continente	—	415.498.610
Ribatejo	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	1.125.000
	Alcanena	176.400
	Almeirim	825.440
	Alpiarça	352.000
	Benavente	897.110
	Cartaxo	900.000
	Chamusca	4.233.850
	Constância	652.580
	Coruche	1.552.690
	Ferreira do Zêzere	476.090
	Golegã	2.331.800
	Rio Maior	907 800
	Salvaterra de Magos	1.298.900
	Santarém	2.533.300
	Sardoal	830.000
	Tomar	1.146.220
	Tôrres Novas	845.700
	Vila Nova da Barquinha	226.450
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	313.320
	Vila Franca de Xira	797.110
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	1.630.600
	Soma	24.053.360

Centeio

	Concelhos	1933 — Litros
Continente	—	144.517.010
	Distrito de Santarém:	
Ribatejo	Abrantes	264.600
	Alcanena	5.040
	Almeirim	115.200
	Alpiarça	42.500
	Benavente	109.200
	Cartaxo	35.280
	Chamusca	387.500
	Constância	160.200
	Coruche	543.150
	Ferreira do Zêzere	18.140
	Golegã	176.000
	Rio Maior	32 400
	Salvaterra de Magos	246.400
	Santarém	33.600
	Sardoal	88.200
	Tomar	23.520
	Tôrres Novas	34.560
	Vila Nova da Barquinha	42.500
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	12.180
	Vila Franca de Xira	16.650
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	1.417.500
	Soma	3.804.320

Batata

	Concelhos	1933 — Quilogramas
Continente .	—	620.163.630
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	1.200 000
	Alcanena	468.600
	Almeirim	380.000
	Alpiarça	112.000
	Benavente	2.500 000
	Cartaxo	200.000
	Chamusca	420.000
	Constância.	535.000
	Coruche	650.000
	Ferreira do Zêzere	1.020 000
	Golegã	145.000
	Rio Maior	395.000
	Salvaterra de Magos.	550.000
	Santarém	1.050.000
	Sardoal	190.000
	Tomar	950.000
	Tôrres Novas	750.000
	Vila Nova da Barquinha	105 000
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	540.000
	Vila Franca de Xira.	235.000
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	202.600
	Soma. . .	12.598.200

Cortiça

	Concelhos	1933 — Quilogramas	
Continente	—	80.963.690	
	Distrito de Santarém:		
	Abrantes	4.170.760	
	Alcanena	15.000	
	Almeirim	249.000	
	Alpiarça	750.000	
	Benavente	914.250	
	Cartaxo	—	250.000 (1934)
	Chamusca	5.171.160	
	Constância	569.700	
	Coruche	8 843.250	
	Ferreira do Zêzere	49.500	
	Golegã	—	300.000 (1934)
	Rio Maior	18.750	
Ribatejo	Salvaterra de Magos	324.450	
	Santarém	450.000	
	Sardoal	159.000	
	Tomar	285.000	
	Tôrres Novas	84.750	
	Vila Nova da Barquinha	81.000	
	Distrito de Lisboa:		
	Azambuja	367.500	
	Vila Franca de Xira	—	8 200 (1932)
	Distrito de Portalegre:		
	Ponte de Sor	6.422.760	
	Soma	28.925.830	

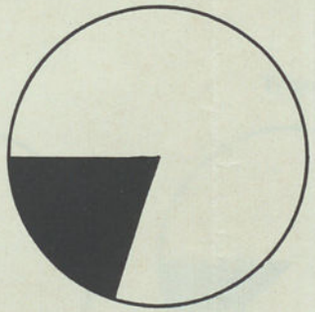
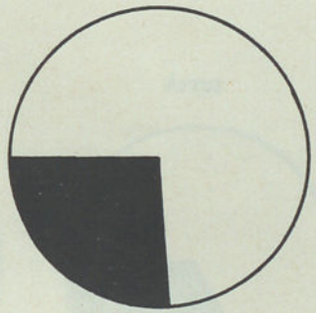
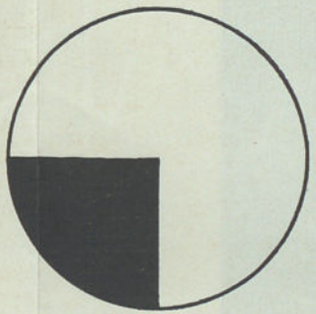
Movimento da exportação das frutas do Ribatejo, em 1938, segundo o Grémio dos Produtores de Frutas da Região de Vila Franca de Xira

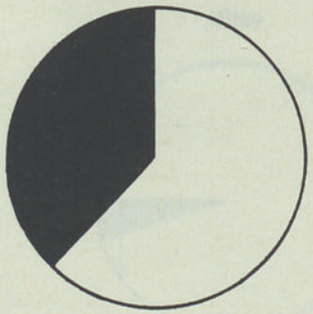
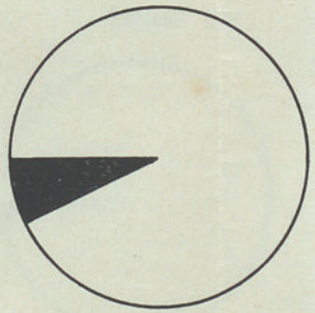
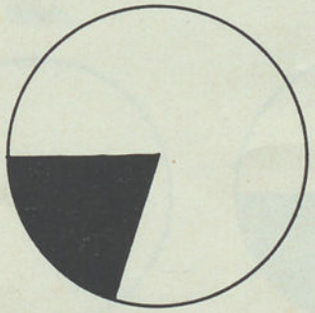
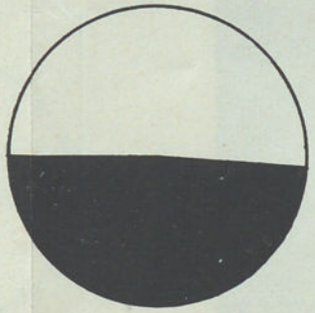
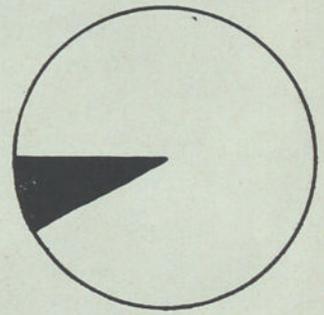
Produtos	Variedades	Número de volumes	Tipo dos volumes	Quilogramas	VALORES EQUIVALENTES EM ESCUDOS			Total — Escudos	Preço médio por quilograma
					Inglaterra	Alemanha	Brasil Cif. Rio de Janeiro		
Cerejas	—	1	Atd. 2 cxs. (12 quilog.)	444	—$—	—$—	—$—	—$—	Exportação a título de ensaio.
	—	60	Cxs. (7 quilog.)						
Ameixas	—	10	Atds. 3 cxs.	240	874$05	—$—	—$—	874$05	3$64
Maçãs	—	2.453	Americano	49.060	62.073$15	—$—	—$—	62.073$15	1$26
Peras	—	4	Americano	60	14$65	—$—	—$—	14$65	$24
Marmelos	—	44	Americano	880	715$45	—$—	—$—	715$45	$81
Cebolas	—	6	Valenciano	300	99$00	—$—	—$—	99$00	$33
	—	30	Brasil	450	—$—	—$—	1.134$40	11.134$40	1$69 (*a*)
Melões	—	48	Atds. 2 cxs. Brasil	728.150	515.777$15	—$—	—$—	515.777$15	$71
	—	1.068	Atds. 2 cxs. Valenciano						
	—	678	Cxs. 1/2 Valenciano						
	—	13.108	Cxs. Valenciano						
Uvas	Periquita	5.708	Cxs. tipo antigo	142.700	200.007$45	—$—	—$—	200.007$45	1$40
	Diagalves	39.848	Atds. 2 cxs. Brasil	956.352	1:767.902$15	—$—	—$—	1:767.902$15	1$84
	Diagalves	7.497	Atds. 3 cxs. Hamburgo	202.419	307.366$80	—$—	—$—	307.366$80	1$52
	Diagalves	30	Atds. 2 cxs. Hamburgo	540	1.143$95	—$—	—$—	1.143$95	2$11
	Diagalves	30.888	Cxs. Hamburgo	277.992	—$—	631.467$15	—$—	631.467$15	2$27
	Diagalves	611	Cxs. Brasil	7.332	—$—	—$—	33.605$00	33.605$00	2$88 (*a*)
	Ferral	309	Cxs. Brasil	3.708	—$—	—$—	23.793$00	23.793$00	4$62 (*a*)
Laranjas	—	51	Cxs. Californiano	1.377	1.001$85	—$—	—$—	1.001$85	$73
	—	1.055	Cxs. Californiano	28.485	—$—	76.959$30	—$—	76.959$30	2$70
				2.400.489	2:856.975$65	708.426$45	58.532$40	3:623.934$50	

Média 1$89,7

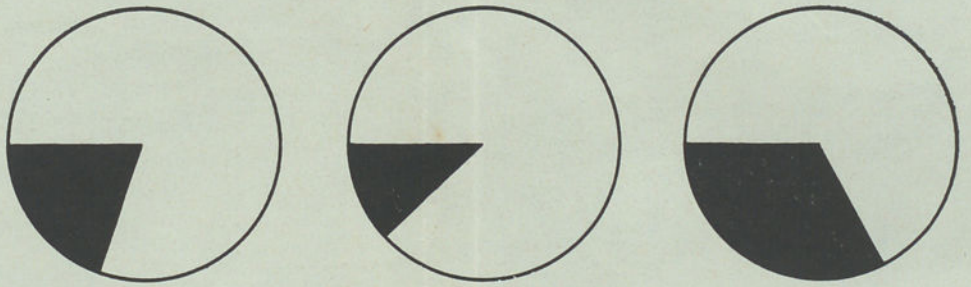
(*a*) Depois de deduzidos os encargos.

PRODUÇÃO DE VINHOS E AGUARDENTES

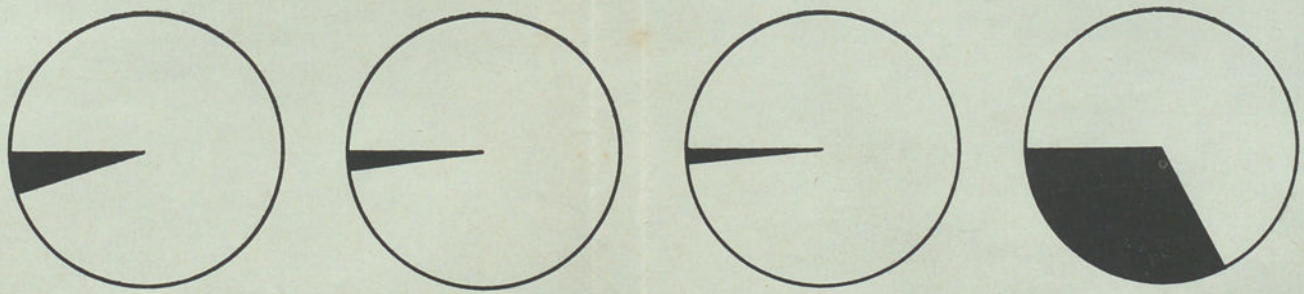
	Tinto de consumo	Branco de consumo	Licoroso tinto
			
Área da Junta Nacional do Vinho	287.912.568 litros	108.394.247 litros	588.412 litros
Ribatejo	53.249.079 »	41.980.229 »	154.318 »

	Licoroso branco	Vinhos de queima	Aguardentes finas	Aguardentes redondas	Aguardentes bagaceiras
					
Área da Junta Nacional do Vinho	1.484.633 litros	9.342.623 litros	1.478.152 litros	18.915 litros	301.870 litros
Ribatejo	912.155 »	597.802 »	308.571 »	16.900 »	22.519 »

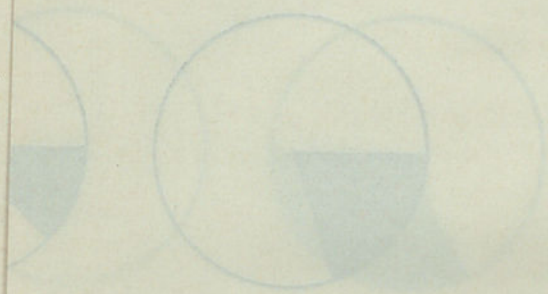
PRODUÇÃO DE AZEITE, CEREAIS, BATATA E CORTIÇA



	Azeite	Trigo	Arroz
Portugal Continental	81.814.180 litros	560.877.570 litros	46.537.040 quilogramas
Ribatejo	15.057.240 »	64.687.160 »	17.179.120 »



	Milho	Centeio	Batata	Cortiça
Portugal Continental	415.498.610 litros	144.517.010 litros	620.163.630 quilogramas	80.963.690 quilogramas
Ribatejo	24.053.360 »	3.804.320 »	12.598.200 »	28.925.830 »



«Nossos netos admirar-se-ão um dia, de que, em um país como o nosso, onde tudo vive da terra, não se haja começado por ensinar às crianças, depois das graças ao Criador, a arte de a cultivar e de aí viverem felizes».

BLANQUI.

Pode afirmar-se que no Ribatejo as culturas fundamentais são as seguintes:

CEREAIS

Arroz, trigo, cevada, milho, aveia e centeio.

Arroz — Cultiva-se em mais larga escala nos seguintes concelhos: Benavente, Coruche, Salvaterra de Magos, Vila Franca de Xira, Santarém, Cartaxo, Chamusca e Abrantes.

As variedades cultivadas e pela ordem da sua importância, são: Chinês, Allorio, P. 6 (Precoce 6), Maratelli, Nero Vialoni e Ardisoni.

O Allorio, pela sua precocidade é de preferência empregado nas terras baixas e de onde tardiamente se faz o enxugo.

O Maratelli devido a uma doença criptogâmica que o tem ùltimamente atacado tem perdido área.

Do Ardisoni, inicia-se o seu emprêgo e parece capaz de substituir o Maratelli, pois além de não apresentar por emquanto a doença peculiar àquele, suplanta-o em produção e é mais precoce que o Chinês, embora menos que o Allorio.

Trigo — Concelhos de maior cultura Santarém, Vila Franca de Xira e Azambuja.

Variedades mais cultivadas — Maçaroco ou Alexandre, Mentana, Argelino, Precoce, Carlota, Mocho, Temporão de Coruche, Rietti, Ribeiro e, ùltimamente, Quaderna, também chamado Mentana Branco.

No Ribatejo Norte, na charneca, semeia-se o Mocho e no bairro e campo : o Mentana, Rietti e o Ribeiro.

No Ribatejo Centro e Sul, nas terras de charneca : o Mocho e o Carlota (Benavente); nos bairros, mesmo de pouca humidade, dá bem o Maçarouco.

O Argelino, em várzeas e nas encostas férteis e frescas. Nos aluviões do Tejo : Rietti, Argelino, Temporão de Coruche, Ribeiro, Precoce, Quaderna e Mentana.

Cevada — Vila Franca de Xira — exótica e santa ; Benavente, Salvaterra e Santarém — Var : dística.

Milho — Golegã, Chamusca, Abrantes, Santarém, Vila Franca de Xira, Alenquer e Azambuja, nas charnecas e encostas — amarelo (meia palha), Var : Gatinho ; campo, milho grosso (palha alta). No concelho de Rio Maior o milho branco. Salvaterra e Benavente — Sarraceno.

Aveia — Santarém, Tôrres Novas, Coruche, Vila Franca de Xira, Chamusca — Var : aveia comum amarela (Avena sativa Var : Lutea).

Centeio — Coruche, Abrantes, Salvaterra de Magos, Chamusca, Benavente, Almeirim e Rio Maior, cultiva-se uma única espécie (Secale cereale), da qual as variedades usadas, são a de Outono e a de Primavera.

VINHOS E VINHAS

Os principais centros vitícolas encontram-se distribuídos por uma e outra margem do Tejo e são: Cartaxo, Santarém, Almeirim, Alpiarça, Salvaterra de Magos, Azambuja, Vila Franca de Xira, Chamusca, Golegã, Coruche e Benavente.

A superioridade de muitos dos seus vinhos, deu vulto e realização à oficialização de uma marca — Estremadura — para a qual, em maior quantidade o Ribatejo concorre.

Castas dominantes — *Tintas* — Trincadeira, Mortágua, Moreto, Preto Martinho, João de Santarém ou Periquita, Tinta Miúda ou Padre António, Bonvedro ou Tinta Murteira, Bastardinho, Bastardo, Castelão Francês, Grand noir de la Colmette, Alicante Henry Bouschet, Xerez, Parreira Matias, Tinta Mole, Tintureiro, Mourisco e Baga.

Brancas — Boais, Fernão Pires, Tália ou Branquinha, Tamarez, Ôlho de Lebre, Trincadeira Branca ou das Pratas, Moscatel de Jesus, D. Branca, Diagalves, Malvasia, Jampal ou João Paulo, Formosa, Rabigato ou Rabo de Gato, Rabo de Ovelha, Arinto e Galego dourado.

Olivais — Se a viticultura tem levado de vencida muitas terras do Ribatejo, que eram fromentárias, porque aquela cultura não sofre com as inundações tanto como os cereais, que em anos de invernia prolongada e forte o rio leva uma, duas e mais sementes, além do despendido com a mão de obra e do atraso de todos os trabalhos, a olivicultura também nêle tem tomado um importante quinhão. É que a oliveira vegeta aqui admiràvelmente e sobretudo, nas chamadas terras do bairro, encontra as melhores condições para o seu *habitat*.

Os olivais de Santarém, citados por Almeida Garret nas « Viagens na Minha Terra », o Espargal da Golegã, os olivais de Tôrres Novas e os de Abrantes, atestam-no bem e são dos mais oleícolas do Ribatejo.

A variedade dominante é quási exclusivamente a Galega, entretanto, num ou noutro olival encontra-se também a Lentrisqueira, Galega miúda e Verdeal.

Sobral — Só o distrito administrativo de Santarém é entre todos, os restantes do País, o que maior número de hectares de sobral possue — 72:717 — implantado principalmente nos concelhos ao Sul do Tejo: Coruche, Benavente, Salvaterra de Magos, Almeirim. Alpiarça, Chamusca e Abrantes. Porém, há um concelho do Ribatejo pertencente ao distrito de Portalegre — Ponte de Sor — que representa em montados um valor importante.

HORTAS E POMARES

Além das hortas circunvizinhas das localidades, com o fim dum abastecimento abundante destas e mesmo de Lisboa, algumas plantas hortícolas se cultivam nalguns concelhos do Ribatejo, em larga escala e até sôbre a forma extensiva.

Chamusca, Almeirim e Vila Franca produzem abundante e óptima hortaliça.

Golegã, Tôrres Novas, Chamusca, Benavente ocupam-se largamente da cultura do tomate e pimento ; Benavente, Salvaterra de Magos, Santarém, Almeirim, Golegã, Chamusca, Vila Franca de Xira, Alpiarça, do melão ; Almeirim, Alpiarça, Salvaterra de Magos, melancia.

De fruteiras merecem menção os pomares de laranjas da Chamusca, Golegã, Abrantes e Vila Franca de Xira ; os figueirais de Tôrres Novas, que, pela sua extensão e importância, cria-

ram naquele concelho uma indústria importante — a da destilação e a do fabrico do álcool industrial.

Cerejas de Alenquer e Santarém ; maçãs de espelho, de Vila Franca de Xira, finalmente, ainda Vila Franca de Xira como centro de produção e exportação de uvas frescas de mesa — Diagalves, Ferral e Rosak. — Alpiarça, centro de produção de uvas sêcas (passas) e Tôrres Novas — passas de uvas e figo.

FORRAGENS

Além do centeio, aveia e milho para verde, semeia-se *serradela* nos terrenos de charneca ; a *ervilhaca* em terra argilosa de compacidade mediana ; o *fenacho* (trevo grego ou feno grego), em terrenos fundos, ricos e argilo-siliciosos ; o *bersim* (trevo da Alexandria), terrenos fundos e ricos ; *trevo encarnado*, terreno calcáreo, permeável, argilo-arenoso, ou arenoso, algum tanto férteis ; *sorgo*, em terrenos fundáveis e frescos ; a *anafa* (trevo de cheiro), terrenos argilosos e húmidos ; *luzerna*, terreno argilo-silicioso fértil, de subsolo fortemente calcáreo e friável ; *mostarda branca*, terrenos ricos argilo-siliciosos ; *beterraba*, terrenos soltos, frescos e férteis ; *cornichão*, terrenos fundos, arenosos ou pedregosos ; *tojo*, terreno não calcáreo.

PLANTAS INDUSTRIAIS

Da família das Canabináceas, o cânhamo é originário da Ásia, mas também conhecido e cultivado, há tempos, em alguns países do Velho Continente, onde antes da sêda e do algodão se conheceu.

O linho e o cânhamo, pode dizer-se, são fibras muito similares. Cada um tem as suas aplicações especiais, mas não deixam

de poder ser utilizadas indiferentemente com resultados iguais, em muitos casos.

Aqui, falar no cânhamo, não se suponha que esta cultura é freqüente no Ribatejo. Em Portugal, em cultura, o cânhamo reapareceu recentemente. É um produto da ânsia de se fomentarem culturas novas e do País se libertar, total ou parcialmente, da importação de produtos fabricados ou simplesmente de matéria prima — a fibra — que custa anualmente ao País alguns milhares de contos.

Mas a razão, porque neste capítulo abordo esta cultura, é porque, no Ribatejo, nas terras em que seja fácil o acesso da água para a rega, ou, nas terras muito baixas, onde a cultura do trigo é uma aventura e ainda, naquelas de folga de arroz, tenho a convicção, que lhe pode estar reservado um importante lugar.

Esta região, alia todas as condições agrológicas e climatéricas exigidas por esta cultura: aluviões fundos, ricos, humidade e bastante calor.

O lavrador ribatejano, também não estranhará as exigências desta cultura, emquanto à preparação da terra, que deverá ser mobilizada com lavouras fundas, pulverizada, armada e bem nivelada.

Nestas operações, continuará a pôr em serviço os seus tractores ou as suas tralhoadas ; a gradagem mecânica ou as grades boieiras e de éguas ; os rolos ou os trilhos, emfim, todo o material moderno ou antigo, inclusive, se a terra formar torrão que escape às grades, empregue o ôlho da enxada, para conseguir que a terra, quando a semente com ela tome o íntimo contacto, esteja revolvida funda, esfarelada fina, aconchegada e nivelada, para que a germinação se faça nas melhores condições.

Três anos a Brigada Técnica do Ribatejo andou empenhada nesta cultura, fazendo-a dentro do âmbito apertado das experimentações e estudos, mas felizmente, há dois anos, o cânhamo começou a sair dêsse âmbito e a ser já cultivado por lavradores.

Ensaios se fizeram em vários concelhos do Ribatejo Norte, Centro e Sul e os resultados foram os mais lisonjeiros possível.

Quem nunca viu, em todo o seu esplendor, um campo coberto de cânhamo, de vegetação exuberante, espêssa e de onde exala um penetrante perfume, não poderá avaliar o que esta cultura prende e atrai.

Por outro lado, o cânhamo é uma cultura melhoradora. Limpa a terra de más ervas ; mobiliza-a de uma maneira completa e deixa nela ainda muitos elementos fertilizantes. Por isto, se diz: « Proteger a cultura do cânhamo é intensificar a cultura do trigo ». Num afolhamento, seguindo o trigo ao cânhamo, em cada hectare de terra, vê-se dobrar o rendimento médio daquele cereal.

Os aluviões argilo-calcáreos são os terrenos preferidos pelo cânhamo, mas à sua falta, depois de « feita » cuidadosamente a terra, aplicar fortes gessagens ou calagens conforme a terra é ou não salgada, dez a quinze dias, antes da aplicação dos estrumes ou adubos químicos.

Os estrumes, convêm ser aplicados e enterrados com lavoura de Inverno ; os adubos, na ocasião da sementeira. Mas antes dêstes, há que fazer a armação da terra, em canteiros bem nivelados, para que a água quando nêles entre, seja lentamente e sem ficar empoçada.

Na correcção do terreno com cal temos empregado 1:000 a 2:000 quilogramas por hectare.

Em fertilizações, com estrumação extreme, 20:000 quilogramas de estrume.

Adubação química extreme

Superfosfato de cal. a 18 % . . .	500 a 800	quilog.	p/Ha
Sulfato de amónio	400 a 500	»	»
Sulfato de potássio	100 a 250	»	»

Estrumação e adubação química

Estrume	10.000	quilog.	p/Ha
Superfosfato de cal, a 18 % . . .	400	»	»
Sulfato de amónio	250	»	»
Sulfato de potássio	100	»	»

Nas fertilizações só com adubos químicos, o cânhamo agradece bastante uma adubação em cobertura com nitrato de sódio ou cal à razão de 150 quilogramas por hectare e quando as plantas estão com palmo e meio a dois palmos de altura.

A sementeira só se faz depois da fertilização e deve ser com semente da última colheita.

De dois anos, tem uma energia germinativa muito menor. A sementeira pode fazer-se com semeador mecânico, mas, mais correntemente é o homem que a espalha, a lanço.

As variedades que se têm ensaiado, são: a chilena, húngara e a piamontesa, de origem francesa.

A que se tem evidenciado melhor, pelo maior comprimento da palha é a chilena. A semente de procedência estrangeira, mas já obtida nos nossos ensaios, tem-se reproduzido sem degenerescência apreciável.

O seu volume e aspecto é igual à exótica, que é redonda, dum pardo bonito e brilhante.

Por hectare, a quantidade de semente regula entre 170 a 200 litros. Mais, se se deseja obter fibra mais fina e mais macia ou os terrenos são menos consistentes.

A semente não deve ser enterrada funda. Experiências feitas a 1cm,5, 2,5, 3,5 e 4,5 demonstraram-me que entre 1,5 a 2,5 todas as sementes germinam dentro do tempo normal (6 a 8 dias); a 3,5 nasceram apenas 25 % ; a 4,5 não nasceu nenhuma.

Com isto se prova que a semente necessita ficar coberta, embora levemente. A descoberto, mostra-se rebelde a germinar e, mesmo, é cobiçada pelos pássaros. De preferência, convém semear-se depois de uma chuvada e quando já não sejam de temer as geadas, às quais, o cânhamo é muito sensível.

A sementeira feita nas vésperas de uma violenta bátega de água é francamente comprometida ; a terra abate e encharca-se e a germinação é irregular. No caso de seca prolongada, antes da sementeira deve regar-se o terreno.

No Ribatejo, fins de Abril, primeira quinzena de Maio, é a

Campos experimentais da Brigada Técnica do Ribatejo

Cânhamo com um mês de sementeira. 3 de Junho de 1937.

Muge — Salvaterra de Magos

Quem nunca viu, em todo o seu esplendor, um campo coberto de cânhamo, de vegetação exuberante, espêssa e donde exala um penetrante perfume, não poderá avaliar o que esta cultura prende e atrae.

Muge — Salvaterra de Magos

A gramagem ou cardagem do cânhamo, num rudimentar aparelho, feito dum tronco de árvore, que numa das extremidades é atravessado por um eixo onde gira um outro que tem embebido em todo o comprimento uma lâmina de ferro e que coincide com o fundo de corte talhado em V do tronco.

Tôrres Novas

época própria de sementeira. Da rapidez e da regularidade da germinação depende o bom êxito da cultura.

Da sementeira à floração, as plantas cobrem ràpidamente o solo; abafam as ervas ruins, o que evita, qualquer sacha ou monda. Apenas se fazem regas por alagamento, cujo número é variável (5 a 7), com os sintomas de desejo, que as plantas manifestem. Não querem humidade excessiva permanente; é por isso, que repudiam os terrenos de muita humidade, de reçumos e de subsolo impermeável.

Da floração à maturalidade, que leva ainda um mês, as plantas crescem ainda bastante, chegando a atingir mais de três metros. A fibra mais fina e mais branca é obtida com o cânhamo colhido no momento da floração, porém, a colheita deve fazer-se no momento da sua maturação que é diferente para as plantas femininas e masculinas, sobretudo se se deseja obter daquelas semente.

Se as plantas se apanharem antes da maturação, obtém-se filaça pouco resistente e o tecido que com ela se fabrica é pouco durável; se se colhêr tardiamente a fibra perde elasticidade, é mais áspera e mais quebradiça, tornando-se imprópria para dados fins.

As plantas femininas, deixadas para semente, devem ser colhidas depois desta estar madura, entretanto a fibra desvaloriza-se com êste retardamento, tornando-se menos branca e mais resistente.

O cânhamo colhe-se arrancando-o à mão ou ceifando-o e, neste caso, convém que o corte se faça o mais próximo do solo possível (3cm), operação que se leva a efeito em fins de Agosto a meados de Setembro, quando o cânhamo começa a apresentar os seguintes sinais: queda das flores nos pés masculinos e as sementes estão já formadas nos pés femininos.

A colheita é feita duma só vez, a não ser quando se pretenda obter semente, que, neste caso, se deixam para uma segunda colheita os pés femininos.

À proporção que se arranca ou corta o cânhamo, deixa-se no chão, estendido, a secar, voltando-o com freqüência. Separa-se por comprimentos de palha e ata-se depois em molhos, que em seguida se armam em marôchos. Daqui, o cânhamo pode seguir para os lugares onde se macera ou curte, que tanto pode ser num rio ou ribeiro, como numa alverca ou tanque.

Tenho observado que a maturação pode ser feita mesmo em água corrente. Não mata os peixes, dá fibra mais branca e mais apreciada e a água não dá cheiro fétido.

A duração da maceração é compreendida em 5 a 10 dias, consoante vários factores, principalmente a temperatura da água. Reconhece-se que ela está concluída, quando a casca se separa fàcilmente. Neste momento, retira-se da água, põe-se a secar e só depois se procede à extracção da fibra, operação denominada « gramagem » ou « cardagem », que, correntemente, é feita na fábrica.

No Ribatejo a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Tôrres Novas que tem renovado e ampliado as suas oficinas, está hoje, já habilitada a produzir entre 400 a 500 toneladas de fibra de cânhamo por ano. É do Ex.^{mo} Sr. Jacques Bensaúde, director desta fábrica, a apreciação que se segue sôbre a fibra, produzida nos campos do Ribatejo, pela Brigada Técnica da X Região e que se dignou enviar-ma, em 20 de Dezembro de 1937, em ofício que me dirigiu :

« Quero salientar que a qualidade da fibra, de um modo geral, é comparável às melhores qualidades que temos recebido de Itália e Espanha ».

Rendimento de cânhamo por hectare. — Tenho notado que uma boa seara pode produzir 10 a 12:000 quilogramas de palha.

Preços pagos na última colheita — 1939 — pela Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Tôrres Novas, que comprará o cânhamo produzido no País em conformidade com a capacidade da sua produção fabril :

Plantas de cânhamo sêcas, não maceradas e postas na Fábrica

1.ª — Palha em bruto com mais de	3m. . .	1$35	quilograma
2.ª — » » » » » »	2m,5 . .	1$20	»
3.ª — » » » » » »	2m. . .	1$10	»
4.ª — » » » » » »	1m,5 . .	1$00	»
5.ª — » » » » » »	1m. . .	$85	»

Em cânhamo já macerado, os preços por quilograma são aumentados $15.

Palha macerada sem ser seleccionada por altura é paga a 1$00 o quilograma.

Sendo mal macerada ou preta, a $90 o quilograma, qualquer que seja o comprimento.

Animais e produções animais do Ribatejo

Efectivos de eqüínos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	86.125
	Distrito de Santarém:	
	Abrantes	397
	Alcanena	119
	Almeirim	700
	Alpiarça	431
	Benavente	1.911
	Cartaxo	911
	Chamusca	675
	Constância.	67
	Coruche	1.336
	Ferreira do Zêzere	144
	Golegã	579
Ribatejo . .	Rio Maior	241
	Salvaterra de Magos.	1.339
	Santarém	2.730
	Sardoal.	23
	Tomar	376
	Tôrres Novas	873
	Vila Nova da Barquinha	111
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	786
	Vila Franca de Xira.	1.822
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	409
	Soma. . .	15.980

Efectivos de muares, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	119.932
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	827
	Alcanena	384
	Almeirim	616
	Alpiarça	317
	Benavente	328
	Cartaxo	610
	Chamusca	491
	Constância	86
	Coruche	892
	Ferreira do Zêzere	386
	Golegã	420
	Rio Maior	336
	Salvaterra de Magos	141
	Santarém	1.461
	Sardoal	169
	Tomar	1.077
	Tôrres Novas	1.087
	Vila Nova da Barquinha	244
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	180
	Vila Franca de Xira	277
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	541
	Soma	10.870

Efectivos de asininos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente	—	268.434
Ribatejo	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	2.815
	Alcanena	939
	Almeirim	1.242
	Alpiarça	500
	Benavente	922
	Cartaxo	645
	Chamusca	1.417
	Constância	291
	Coruche	1.381
	Ferreira do Zêzere	706
	Golegã	404
	Rio Maior	1.985
	Salvaterra de Magos	1.416
	Santarém	4.880
	Sardoal	364
	Tomar	2.872
	Tôrres Novas	3.807
	Vila Nova da Barquinha	301
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	1.066
	Vila Franca de Xira	871
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	1.559
	Soma	30.383

Efectivos de bovinos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente	—	777.503
Ribatejo	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	2.144
	Alcanena	372
	Almeirim	1.279
	Alpiarça	347
	Benavente	3.870
	Cartaxo	927
	Chamusca	2.938
	Constância	207
	Coruche	4.682
	Ferreira do Zêzere	108
	Golegã	1.235
	Rio Maior	1.248
	Salvaterra de Magos	1.959
	Santarém	4.143
	Sardoal	75
	Tomar	402
	Tôrres Novas	1.136
	Vila Nova da Barquinha	115
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	1.400
	Vila Franca de Xira	3.271
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	2.520
	Soma	34.378

Efectivos de ovinos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	3.223.685
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	38 883
	Alcanena	2.566
	Almeirim	4.234
	Alpiarça	1.854
	Benavente	4.937
	Cartaxo	1.381
	Chamusca	25.400
	Constância	4.746
	Coruche	9.290
	Ferreira do Zêzere	6.755
	Golegã	6.978
	Rio Maior	2.238
	Salvaterra de Magos	2.267
	Santarém	9.725
	Sardoal	3 856
	Tomar	15.086
	Tôrres Novas	7.860
	Vila Nova da Barquinha	1.479
	Distrito de Lisboa	
	Azambuja	805
	Vila Franca de Xira	8.047
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	22.380
	Soma	180.767

Efectivos de caprinos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	1.256.881
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	11.550
	Alcanena	3.272
	Almeirim	1.890
	Alpiarça	586
	Benavente	697
	Cartaxo	540
	Chamusca	5.096
	Constância	334
	Coruche	6.934
	Ferreira do Zêzere	4.829
	Golegã	847
	Rio Maior	4.186
	Salvaterra de Magos	1.282
	Santarém	9.038
	Sardoal	2.249
	Tomar	8.399
	Tôrres Novas	6.941
	Vila Nova da Barquinha	1.013
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	1.853
	Vila Franca de Xira	1.090
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	9.654
	Soma . . .	82.280

Efectivos de suínos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	1.138.648
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	8.318
	Alcanena	1.057
	Almeirim	3.543
	Alpiarça	1.652
	Benavente	1.564
	Cartaxo	1.115
	Chamusca	5.628
	Constância	567
	Coruche	12.246
	Ferreira do Zêzere	4 192
	Golegã	5.020
	Rio Maior	2.449
	Salvaterra de Magos	3.583
	Santarém	7.364
	Sardoal	1.649
	Tomar	7 310
	Tôrres Novas	3.996
	Vila Nova da Barquinha	855
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	813
	Vila Franca de Xira	604
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	10.185
	Soma	83.710

Efectivos de galináceos, da província do Ribatejo, segundo o Recenseamento Geral de Gados de 1934

	Concelhos	Número de cabeças
Continente .	—	5.715.553
Ribatejo .	*Distrito de Santarém:*	
	Abrantes	38.920
	Alcanena	8.940
	Almeirim	18.109
	Alpiarça	7.821
	Benavente	9.605
	Cartaxo	12.471
	Chamusca	19.415
	Constância	2.925
	Coruche	23.300
	Ferreira do Zêzere	15.438
	Golegã	11.019
	Rio Maior	16.178
	Salvaterra de Magos	13.827
	Santarém	63.636
	Sardoal	5.087
	Tomar	36.508
	Tôrres Novas	34.040
	Vila Nova da Barquinha	9.527
	Distrito de Lisboa:	
	Azambuja	8.306
	Vila Franca de Xira	21.465
	Distrito de Portalegre:	
	Ponte de Sor	23.284
	Soma	399.821

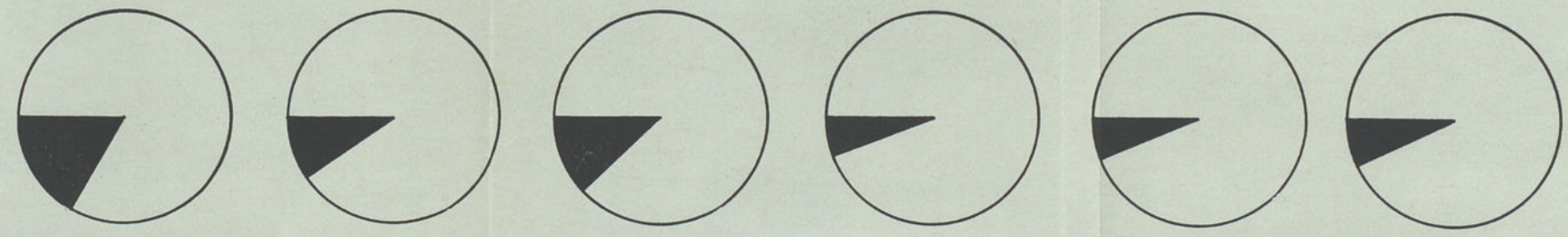
Existência de colmeias e cortiços, referente aos anos de 1933 a 1935

	Concelhos	Colmeias — Número	Cortiços — Número
Continente	—	12.360	432.772
Ribatejo	*Distrito de Santarém:*		
	Abrantes	104	1.921
	Alcanena	10	733
	Almeirim	50	555
	Alpiarça	—	500
	Benavente	—	698
	Cartaxo	—	141
	Chamusca	200	414
	Constância	—	1.278
	Coruche	—	300
	Ferreira do Zêzere	7	865
	Golegã	—	30
	Rio Maior	—	2.090
	Salvaterra de Magos	40	650
	Santarém	55	2.756
	Sardoal	—	550
	Tomar	119	1.665
	Tôrres Novas	56	1.035
	Vila Nova da Barquinha	29	554
	Distrito de Lisboa:		
	Azambuja	12	1.850
	Vila Franca de Xira	20	50
	Distrito de Portalegre:		
	Ponte de Sor	300	2.000
	Soma	1.002	20.735

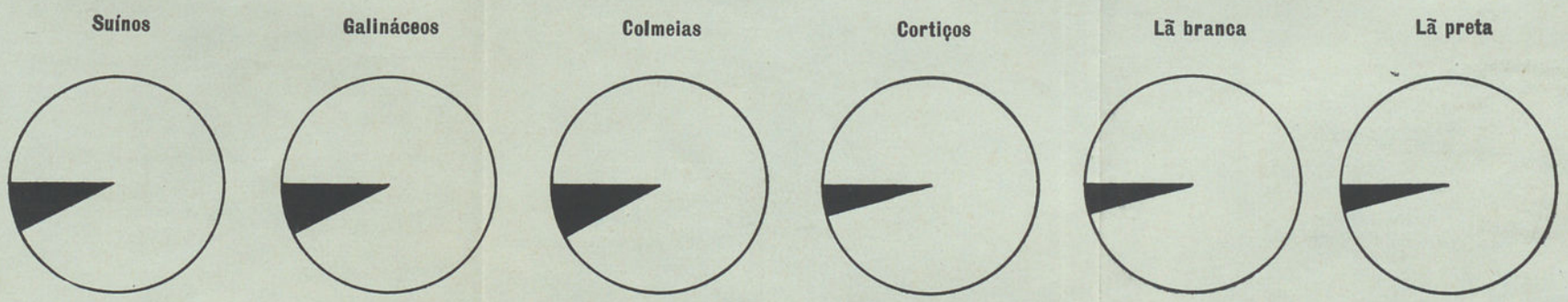
Manifesto da produção de lã, obtida pela tosquia, referente ao ano de 1933

	Número de manifestantes	Concelhos	Branca — Quilogramas	Preta — Quilogramas
Continente .	31.599	—	2.078.820	1.348.240
		Distrito de Santarém:		
	138	Abrantes	9.400	16.770
	4	Alcanena	410	—
	5	Almeirim	300	5.950
	6	Alpiarça	4.030	10
	7	Benavente	1.770	2.450
	2	Cartaxo	820	620
	32	Chamusca	12.920	2.900
	14	Constância	4.800	1.100
	7	Coruche	6.720	3.600
	35	Ferreira do Zêzere . .	3.200	100
	9	Golegã	10.550	2.450
	4	Rio Maior	210	30
Ribatejo . .	7	Salvaterra de Magos .	5.160	1.450
	22	Santarém	9.060	—
	37	Sardoal	310	170
	208	Tomar	2.880	260
	4	Tôrres Novas	1 800	—
	3	Vila Nova da Barquinha	1.220	30
		Distrito de Lisboa:		
	2	Azambuja	240	—
	25	Vila Franca de Xira . .	4.080	380
		Distrito de Portalegre:		
	34	Ponte de Sor	1.980	14.510
	605	Soma. . .	81.860	52.780

RIQUEZA PECUÁRIA



	Eqüinos	Muares	Asininos	Bovinos	Ovinos	Caprinos
Portugal Continental	86.125	119.932	268.434	777.503	3.223.685	1.256.881
Ribatejo	15.980	10.870	30.383	34.378	180.767	82.280



	Suínos	Galináceos	Colmeias	Cortiços	Lã branca	Lã preta
Portugal Continental	1.138.648	5.715.553	12.360	432.772	2.078.820 quilogramas	1.348.240 quilogramas
Ribatejo	83.710	399.821	1.002	20.735	81.860 »	52.780 »

Espécies pecuárias principais do Ribatejo

Raças principais

«Catão, a quem consultaram um dia, sôbre o que dá lucro mais certo na agricultura, respondeu: — É o gado bem alimentado. — E o que pondes em segundo lugar? Tornaram a preguntar-lhe: — É ainda o gado mesmo menos bem tratado».

COLUMELA.

Gado bovino

Raça brava ribatejana
Raça brava espanhola e cruzamento entre ambas
Raça mirandesa e suas derivadas . . . . . { Ratinha; Ratinha serrana; Charnequeira (brava × mirandesa × transtagana)
Raça mertolenga
Raça salamanquina
Raça turina
Raça holandesa
Raça jersey
Raça schwitz
Cruzamento entre a turina × holandesa

Na raça brava o regime alimentar é o de permanente pastoreação em todo o ano, dia e noite: Durante a primavera em aluviões de folga; nos restolhos de cereais, no verão e chegando

o inverno, na charneca roendo mato. Os bois da terra não vão às charnecas, senão quando o Tejo inunda a planície e por vezes entra nas *motas*. Vivem em regime de manadio ; as vacas separadas dos toiros e estes dos bois da terra.

As outras raças vivem em estabulação permanente ou em semi-estabulação.

Gado cavalar

Cruzamentos desordenados entre as mais diferentes raças (Alter, Espanhol, Árabe, Hackney, etc.), dominando o Hispano-Árabe.

Entretanto, pode considerar-se também a raça Ribatejana, que sendo uma variedade da luso-anduluz e do tipo Céltico ou Bético-Lusitano, tipo êste, que tem finas castas, como sejam o Andaluz e o Alter, os seus produtos estão quási que exclusivamente apropriados aos serviços rurais, serviços de sela dos criados de lavoura, tracção, etc., por motivo dos seus caracteres grosseiros. Cabeça grossa e de perfil convexo (acarneirado), pescoço e crinas grossas, ventre volumoso e arredondado, garupa descaída, peito fundo e de bom fôlego. Em suma, há na raça ribatejana — parente próxima de raças de rara beleza de formas, altivez, garbo e doutras apreciáveis qualidades — , uma defeituosa conformação a que sòmente se opõe a sua admirável robustez e resistência, que o meu estimado amigo Dr. Mota Cabral assim exprime, nas « Toiradas na Região Ribatejana », — « êsses cavalitos pequenos e esguios a um tempo valorosos e resistentes, que, nas conduções do gado, correm e saltam horas seguidas sob a têmpera rija do cavaleiro, que, na ânsia de dominar e vencer desconhece o cansaço ».

Isto é, pois, a resultante da maneira irracional como se faz, na generalidade, nos campos do Ribatejo a criação do gado cavalar.

O sistema coudélico adoptado é o *semi-bravo* ou o que equivale a dizer : um sistema defeituoso.

Os animais vivem em manadio e se durante alguns meses a terra fértil dos mouchões e lezírias lhes dá gordura e bom pêlo, na maioria dos meses é-lhes madrasta ; torna-os de pêlos eriçados e esqueléticos, facto êste bastante contrário ao melhoramento da raça, visto que prejudica os adultos e as crias, fá-las raquíticas e definhadas, quando uma boa e suficiente alimentação as faria volumosas e de bons corpos.

Por outro lado, a falta de abrigos a que os expõem, e viverem perpètuamente ao ar livre sem serem protegidos das intempéries e não serem poupados nos trabalhos violentos, pois até, se as circunstâncias o requerem. éguas, mesmo em gestação e poldros, são empregados nas debulhas, sob um sol ardente, ou nos trabalhos de gradagens. Ora êste regime não me parece que seja também, mas principalmente para os animais novos, um bom preceito ; pelo contrário, só os prejudica e destrói toda e qualquer acção no sentido do afinamento do sangue, pelo cruzamento com raças finas, apesar da influência dos progenitores, sôbre a forma dos produtos.

« Copulai, muito embora o melhor cavalo de lançamento — disse o grande Prof. e ilustre Ribatejano Silvestre Bernardo Lima — com a égua mais fantil que encontrardes, mas abandonai os seus produtos às contingências de uma infância miserável — só conseguireis indivíduos raquíticos e enfesados e quando assim não sejam, não serão contudo equivalentes aos que os procriaram ».

É o caso corrente do Ribatejo.

Gado muar

Eguariços — os derivados de burro espanhol e éguas da região.

Asneiros — os derivados de burras e cavalos da região, de pequeno porte.

São explorados em função do trabalho e os que nascem aqui no Ribatejo, pois uma grande parte dêles são comprados no Alentejo (Vila Viçosa), emquanto não são admitidos ao trabalho, o que ordinàriamente acontece antes dos dois anos, até essa idade, acompanham contìnuamente a mãi, seguindo, conseqüentemente, o regime dela.

Gado asinino

Raça da Região
Raça espanhola e cruzamento de ambas

O seu estado representa a mais baixa degradação que uma espécie pode atingir, embora o burro seja um dos animais de maior prestadio ao fazendeiro de poucos meios, ao trabalhador rural, ao vendedor ambulante, à lavadeira, etc.

É a sua « *besta de carga* », que se sustenta com um mísero alimento, acompanhado de muita paulada. Utilizam-no, para transportarem-lhe, sôbre o dorso, as mais variadas cargas ; dêle se servem, para lhes « poupar as pernas », e ainda, pela resistência, rigeza e sobriedade. Exigem dêle longas caminhadas, por caminhos maus, escarpados, íngremes e pedregosos ; o que êle faz, resolutamente, no seu passo curto, mas firme.

O regime mais seguido é o de semi-estabulação.

Gado ovino

Bordaleiro comum { Var.: Preta / Var.: Branca
Merino

Merino Fonte-Boa e seus cruzamentos com raças nacionais e estrangeiras e destas, principalmente :

Soissons
Chatillon
Rambouillet

O regime alimentar dêste gado é principalmente o de pastagem permanente, o que faz com que êle experimente, no decorrer do ano, meses de fome e de abundância.

Há todavia criadores que, quando as ervagens escasseiam, dão aos seus rebanhos uma ração suplementar de moínhas de palha de trigo, cevada, aveia, fava, feno, palha de grão, etc., para que assim o gado se não definhe.

Com justiça pode afirmar-se que é no Ribatejo que existem os mais belos exemplares de ovinos, tanto assim que muitos criadores doutras províncias aqui vêm buscar os sementais para os seus rebanhos.

Gado caprino

Nos concelhos ao sul do Tejo, a variedade Alentejana, da raça Charnequeira e a Granadina, de origem espanhola ; ao norte do Tejo, a variedade Ribatejana.

O regime seguido é o pastoril ; correntemente, recolhem-nas ao curral de noite, no inverno ; ao passo que no verão, normalmente, apascentam-nas de noite, e alguns, para furtivamente as apascentarem nas propriedades alheias. Claro que isto não se entende com o pequeno, médio ou grande lavrador, que têm pastagens adequadas e mesmo dêstes, poucos são, porque o valor da cabra é hoje deminuto e além disso, também lhe têm aversão, por êste animal ser tão roedor. Nada escapa ao dente da cabra. Mas, sim, diz respeito, a dados indivíduos, que vivendo nas cercanias das localidades, adquirem uma dúzia ou duas de cabras e delas fazem o seu « ganha pão » do leite e das crias, mas que a maior parte das vezes não têm sequer um palmo de pastagem.

Apascentam-nas nas balsas dos caminhos, nos balseirões, marachas e às furtadelas, nas propriedades alheias. Para pôr côbro a isto, certas Câmaras não passam licenças a estes cabreiros, senão quando êles provem que têm propriedade de pastagem adequada à sustentação dos seus animais.

Gado suíno

Raça Transtagana (Alentejana)
Bísara
Ribatejana (Bísara × Transtagana)

e os cruzamentos:

Yorkshire grande × Transtagana
Yorkshire × Bísara
Large Whithe { × Transtagana / × Bísara
Large Blach × Yorkshire
Large Blach × Bísara
Tamworth × Transtagana

As raças dominantes no grande criador, que os cria em pastio e em manada, nos montados, agostadouros e restolhos dos cereais, são a Transtagana e a Ribatejana, mas principalmente a Transtagana. A Bísara e os vários cruzamentos com as raças exóticas, a sua recriação, faz-se em estábulos.

Riqueza venatória e aqüícola

CAÇA

Outrora, o Ribatejo foi um centro venatório de capital importância quer pela abundância, quer pela variedade.

Nos paços reais de Santarém, Almeirim, Salvaterra de Magos, os Reis e a Côrte, em temporadas, ali permaneciam para melhor se entregarem à caça nas suas vastas coutadas, povoadas das mais variadas espécies, onde não faltava o javardo, o veado e o lôbo. Com o desaparecimento dessas coutadas e as de muitos particulares, as espécies mais corpulentas e selvagens desapareceram, havendo todavia ainda outras que subsistem com prazer do ribatejano, que tem por esta diversão um grande culto. Dentre essas espécies, destacam-se: a raposa, a lebre, o coelho, a lontra — que vive em tocas à beira da água e nutre-se sobretudo de peixes —, o texugo, a garça, o pato bravo e marreco, maçarico, cizeirão, algarvão, abibe, narceja, abetarda, galinhola, pombo bravo, a perdiz, a rôla, codorniz, estorninho, tordo, etc.

PESCA

A extensão que o Tejo e alguns dos seus afluentes percorrem no Ribatejo não podia deixar de atrair para êste ramo de actividade muita da gente ribeirinha. Anualmente, é, em números redondos, de 50:000 quilogramas o pescado.

As principais espécies, são: sável, saboga, boga, fataça ou tainha, enguia, barbo, carpa, truta, linguadinho, solha, lampreia, sargos ou pimpões, ruivaco, pardelha, gambúzios e picotas.

Riqueza mineral

Cloreto de sódio

Duma mina de sal gema próxima de Rio Maior extrai-se anualmente cêrca de 1.400:000 litros de sal; e de Vila Franca de Xira, das salinas da Póvoa de Santa Iria, da água já ali salgada do Tejo, extrai-se, também, grande quantidade de cloreto de sódio.

Turmalina

(Boro-silicatos de AL, K, NA, MG, CA, LI, FE). Côr amarelada passando por todos os tons até ao negro, conforme a percentagem de ferro. Aparece no Sardoal.

Aragonite

(Ca Co^3 — P.E. 2,9 — D. 3,5 a 4 — S. rômbico). Aparece no sítio das Oliveiras, ao pé de Abrantes.

Selenite ou gêsso

H^4 Ca So^6 — P.E. 2,31 a 2,33 — D. 1,5 a 2 — S. monoclínico. Fibroso branco, aparece em Casais, próximo de Tomar.

Hematite

Tomar.

Pirite magnética

Em Paio Mendes (Ferreira do Zêzere).

Cerusite

Em Sardoal.

Quartzite

Abunda no vale do Tejo.

Vias de comunicação no Ribatejo
e sua extensão em 1939

Mapa indicativo das extensões das Estradas Nacionais e seus Ramais, dentro da província do Ribatejo

DESIGNAÇÃO	EXTENSÕES			
	Estrada Nacional 1.ª classe — Quilómetros	Estrada Nacional 2.ª classe — Quilómetros	Rama', Estrada Nacional 1.ª classe — Quilómetros	Ramal, Estrada Nacional 2.ª classe — Quilómetros
Estradas Nacionais:				
12 — 1.ª classe. . . .	148,003			
13 — 1.ª classe. . . .	119,247			
14 — 1.ª classe. . . .	69,572			
16 — 1.ª classe. . . .	76,565			
55 — 2.ª classe . .	—	11,448		
60 — 2.ª classe. . . .	—	37,336		
62 — 2.ª classe. . . .	—	33,880		
64 — 2.ª classe. . .	—	6,659		
65 — 2.ª classe. . . .	—	29,243		
66 — 2.ª classe. . . .	—	14,805		
67 — 2.ª classe. . . .	—	37,879		
71 — 2.ª classe. . .	—	16,513		
72 — 2.ª classe. . . .	—	29,850		
83 — 2.ª classe. . . .	—	36,630		
84 — 2.ª classe. . . .	—	15,300		
85 — 2.ª classe. . . .	—	28,411		
86 — 2.ª classe. . . .	—	16,764		
87 — 2.ª classe. . . .	—	20,250		
88 — 2.ª classe. . . .	—	14,336		
91 — 2.ª classe. . . .	—	11,204		
Ramais — Estradas Nacionais:				
12 — 1.ª classe. . . .	—	—	54,327	
13 — 1.ª classe. . . .	—	—	18,714	
14 — 1.ª classe. . . .	—	—	5,354	
16 — 1.ª classe. . . .	—	—	0,890	
16 — 1.ª classe . . .	—	—	0,811	
60 — 1.ª classe. . . .	—	—	—	44,588
61 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	11,188
68 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	3,207
72 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	15,092
74 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	15,256
83 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	15,999
85 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	23,106
86 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	5,941
88 — 2.ª classe. . . .	—	—	—	21,850
Soma. . .	413,387	360,508	80,096	156,227

RESUMO

	Quilómetros
Estradas Nacionais de 1.ª classe.	413,387
Estradas Nacionais de 2.ª classe.	360,508
Ramais de Estradas Nacionais de 1.ª classe	80,096
Ramais de Estradas Nacionais de 2.ª classe	156,227
Extensão total da rêde de estradas. . .	1.010,218

Estradas camarárias

	Quilómetros
Distrito de Santarém:	
Abrantes	170,692
Alcanena	55,000
Almeirim	16,160
Alpiarça	37,900
Benavente	16,476
Cartaxo	35,768
Chamusca	55,300
Constância	1,800
Coruche	130,000
Ferreira do Zêzere	30,000
Golegã	93,750
Rio Maior	51,400
Salvaterra de Magos	16,250
Santarém	216,000
Sardoal	16,163
Tomar	70,690
Tôrres Novas	110,000
Vila Nova da Barquinha	30,711
Distrito de Lisboa:	
Azambuja	42,000
Vila Franca de Xira	—
Distrito de Portalegre:	
Ponte de Sor	13,000
	1.209,060

Via fluvial

Extensão: 72 quilómetros, dizendo respeito ao Tejo médio, que é o compreendido no Ribatejo.

Navegabilidade — Toda a extensão.

Espécie de barcos

Bateiras de 1.ª classe	
» » 2.ª »	
» » 3.ª »	
e Botes de Recreio	
Total de barcos inscritos . . .	1.460

Via férrea

	Quilómetros
Póvoa a Ponte de Sor	146
Setil a Coruche	38
Entroncamento a Paialvo	15
Lamarosa a Tomar	16
Total. . .	215

Assistência agrícola

Com a reorganização dos serviços do Ministério da Agricultura — Decreto lei n.º 27.207, publicado no *Diário do Govêrno* n.º 269, de 16 de Novembro de 1936 — foi criada a Brigada Técnica da X Região, que se instalou definitivamente em Santarém, em Agosto de 1937.

A assistência no Ribatejo é feita por esta Brigada, nos concelhos de Santarém, Abrantes, Alenquer, Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Benavente, Vila Nova da Barquinha, Cartaxo, Chamusca, Constância, Coruche, Golegã, Salvaterra de Magos e Vila Franca de Xira.

Pela Brigada Técnica da VIII Região, em Sardoal.

Pela Brigada Técnica da IX Região, em Alcanena, Ferreira de Zêzere, Rio Maior, Tomar e Tôrres Novas.

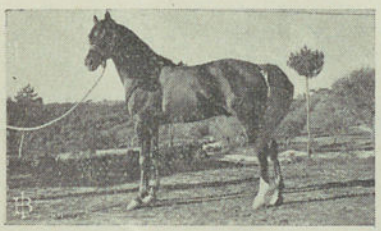
Pela Brigada Técnica da XI Região, em Ponte de Sor.

Todos os pedidos de assistência devem ser dirigidos às sedes destas Brigadas ou às suas delegações, que, quanto à X Brigada, é em Santarém (sede) e em Abrantes ou Vila Franca (delegações); para a IX Brigada — Caldas da Raínha (sede) e Tôrres Novas (delegação); VIII Brigada, Castelo Branco; XI Brigada — Elvas.

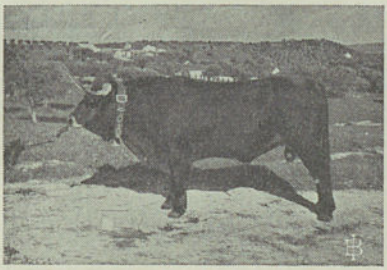
O Ministério da Agricultura, embora com outros fins, tem na capital do Ribatejo, ainda os seguintes organismos: IX Brigada Móvel dos Serviços de Fiscalização do Plantio da Vinha, a Delegação da Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas e a Estação Zootécnica Nacional, que, em 22 de Setembro de 1887, foi criada como Coudelaria Nacional do Sul, pela organização dos Serviços Coudélicos da referida data e instalada na

Quinta da Fonte Boa onde anteriormente funcionava a Quinta Distrital. Em 9 de Outubro de 1891 e pela extinção da Coudelaria Nacional do Norte, ficou funcionando apenas a Coudelaria da Fonte Boa sob a denominação de Coudelaria Nacional até 9 de Julho de 1913, data em que a Estação Zootécnica Nacional foi transferida de Lisboa para a Fonte Boa e nela encorporada a Coudelaria Nacional, sob a denominação recebida em 1913, e assim se tem conservado êste estabelecimento de fomento pecuário até à presente data.

Dispõe de 604 hectares de terreno, onde em alguns faz a criação e recriação das diferentes espécies pecuárias.

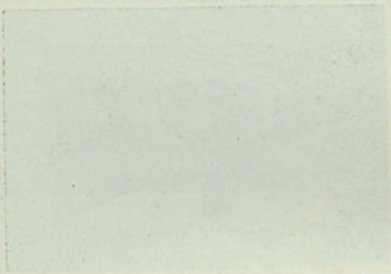


Um reprodutor árabe "Aksoum" da E. Z. N.



Um reprodutor mirandês da E. Z. N.

Reprodutores merinos da E. Z. N.



Organização Corporativa da Agricultura

Organismos de Coordenação Económica

JUNTA NACIONAL DO VINHO

Rua Mousinho da Silveira, 5 — Lisboa

Tel. . 51101
Estado 226

Delegações no Ribatejo:

Santarém
Tomar
Tôrres Novas
Cartaxo
Azambuja
Alpiarça
Almeirim
Rio Maior
Salvaterra de Magos

Agentes concelhios em:

Vila Franca de Xira
Alcanena
Abrantes
Coruche
Golegã
Vila Nova da Barquinha
Ferreira do Zêzere
Sardoal
Ponte do Sor

JUNTA NACIONAL DO AZEITE

Rua Rodrigo da Fonseca, 15-2.º — Lisboa Tel. 45100

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

Praça do Município, 13-1.º — Lisboa Tel. 29891

Sub-Delegação :

Vila Franca de Xira

Comissões Reguladoras

COMISSÃO REGULADORA DO COMÉRCIO DE ARROZ

Rua da Madalena, 179-2.º — Lisboa Tel. { 25360 / 28455
Estado 309

Delegações no Ribatejo :

Almeirim
Azambuja
Bemposta
Benavente
Chamusca
Marinhais
Muge
Ponte do Sor
Salvaterra de Magos

Organismos Corporativos

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO

Rua do Salitre, 68 — Lisboa

Tel. . { 41113 / 41114 / 41115
Estado 52

Delegações:

Abrantes
Almeirim
Azambuja
Benaventè
Cartaxo
Chamusca
Coruche
Golegã
Ponte de Sor
Rio Maior
Salvaterra de Magos
Santarém
Tomar
Tôrres Novas
Vila Franca de Xira

GRÉMIOS DA LAVOURA

São organismos de coordenação económica que vêm substituir os sindicatos agrícolas. Neste momento, em que foi publicado o Regulamento dos Grémios, não vou fazer alusão aos sindicatos agrícolas que ainda existem no Ribatejo, que vão em

breve ser substituídos, por não darem à lavoura a coesão de que ela carece e que os grémios concelhios lhe podem e devem dar.

O engenheiro-agrónomo João Quintela Pessoa Lopes, ilustre chefe de gabinete de Sua Excelência o Ministro da Agricultura, numa recente palestra que fez ao microfone da Emissora Nacional, referiu-se a estes novos organismos assim :

« No regulamento cuja publicação se anunciou, há certos aspectos que interessa destacar, para bem se apreciar a feliz solução dada ao complexo problema da organização corporativa da agricultura.

Assim, como elementos primários desta organização, aparecem os grémios da lavoura, criados por iniciativa de um mínimo de 30 produtores agrícolas do concelho onde se vão instalar.

Primeiro aspecto a destacar : — À Lavoura que pretendia ser organizada, é confiada a criação dos seus organismos.

Nos grémios, uma vez constituídos, são obrigatòriamente inscritos todos os produtores da sua área de acção.

Procura-se assim interessar todos os agricultores na missão que o grémio tem a desempenhar e evitar que o alheamento de alguns possa prejudicar o objectivo a atingir.

Os órgãos directivos dos grémios são a direcção e o conselho geral.

O conselho geral é constituído pelos 20 maiores produtores residentes na área do grémio (procuradores natos) e por uma maioria de procuradores escolhidos pelos agremiados.

A direcção do grémio é eleita pelos procuradores que constituem o conselho geral.

A solução encontrada para a composição do conselho geral permite esperar uma íntima colaboração de todos os produtores com o seu grémio.

Com efeito, tendo representação no conselho geral todas as freguesias, por intermédio dos seus procuradores, a defesa dos interêsses dos produtores, ou melhor, a vontade da lavoura está sintetizada no próprio grémio.

Quere dizer: — A Lavoura, que vai dar vida aos seus organismos, tem também a missão de os dirigir.

Para a manutenção dos grémios da lavoura têm os seus agremiados de contribuir com quotas, por êles fixadas, que oscilam de um a dez escudos mensais.

Explica o relatório do Regulamento a razão que levou a preferir esta forma de angariar receitas e prevê que as taxas pagas pelos agricultores e que actualmente incidem sôbre os produtores diferenciados na organização corporativa sejam reduzidas, pelo menos, em importância igual ao valor das quotas.

Verifica-se também que, se as restantes receitas dos grémios forem suficientes para fazer face às suas despesas gerais, as quotas poderão ser reduzidas.

Assim, embora a organização da agricultura se tenha de realizar com o auxílio daqueles que dela vêm a beneficiar, o Govêrno procurou torná-la possível sem aumentar os actuais encargos da lavoura.

Outro aspecto a focar: — Os sindicatos agrícolas.

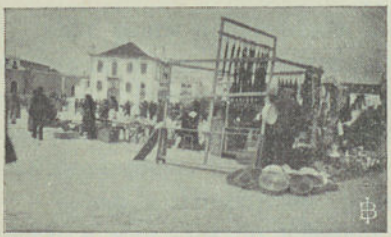
Não se pretende com a nova organização eliminar simplesmente os sindicatos agrícolas, sem reconhecer a valiosa acção que alguns dêles têm realizado em prol da agricultura.

Procura-se, pelo contrário, valorizá-los e atribuir-lhes mais amplas funções, apenas se pretendendo que êles deixem de representar um número restrito de produtores e possam, pela sua transformação em grémios ou casas da lavoura, ser os legítimos representantes dos interêsses da produção.

Confiou a Lavoura que o Govêrno estabelecesse as regras da sua organização, na convicção de que das medidas tomadas melhores dias virão para a agricultura portuguesa; é de esperar que ela saiba corresponder à iniciativa do Govêrno e compreenda que é agora a sua vez de actuar.

Da iniciativa e do interêsse da Lavoura Nacional depende, exclusivamente, o êxito da sua organização corporativa».

Feiras e Mercados



Os mais variados artigos são expostos aí à venda.

O lavrador, o marchante, o campino, o cigano, o cavador, o pastor, o varino, até o próprio mendigo, nas feiras e mercados, encontram o seu Eldorado.

As feiras são, portanto, lugares concorridos, alegres e ruïdosos.

Os pregões, a música desafinada, as discussões entre o comprador e o vendedor — pois cada um procura melhor levar a água ao seu moinho — o ruído dos gados, tudo, são manifestações que enlevam a alma do campino.

As feiras da Piedade e do Milagre em Santarém; a dos Santos no Cartaxo; a de S. Martinho na Golegã e as de Vila Franca de Xira, despovoam para estas localidades, sempre, muitos visitantes.

São gritos da uberdade da Terra e da necessidade da grei e mais ou menos estridentes, consoante o bom ou mau signo que protege a Fartura. Nêles sempre se patenteia a diversidade, o que prova as excepcionais condições da região para as mais variadas produções.

Como a Diversidade pode dar a mão à Abundância, as feiras e mercados do Ribatejo são, na maior parte das vezes e sobretudo nos meses do maior esplendor do sagrado altar de Ceres, outras novas Babilónias.

São gados engordados nas tufantes pastagens dos mouchões, lezírias e salgados; pilhas de melão, melancias, uvas e outras famosas frutas, hortaliças, cereais, milho, azeite, peixe fresco, caça, artefactos diversos, quer do fabrico caseiro, quer da indústria, emfim, o mais variado sortido que só o pode ajuïzar aquele que recreie nêles a vista.

E todos estes dons da Terra surgem aos nossos olhos emmolddurados num molhe humano e compacto, mas cheio de dinamismo, alegria e côr. Todos os tipos regionais aqui figuram. O lavrador, o campino, o cigano, o cavador, o pastor, o mendigo, o varino são esculturas vivas dêste cenário grandioso, garrido de matiz e animação.

As localidades e épocas em que se realizam êsses mercados e feiras, são:

FEIRAS ANUAIS

Janeiro

Coruche, dia 10 — gado bovino e suíno.
Ponte de Sor, dias 14, 15 e 16 — gado suíno.

Chamusca, dia 17 — gado suíno.
Atalaia (Barquinha), dia 20 — gado suíno.

Fevereiro

Ferreira do Zêzere (Feira de S. Braz) — gado suíno, caprino, ovino, criação e vários produtos agrícolas.

Abrantes, dia 24 até 1.º domingo de Março — gados de várias espécies, calçados, fazendas, ourivesaria, artigos de lavoura e alimentícios.

Março

Tôrres Novas, dias 11 a 18 — quinquilharias, artigos de louça, de vêrga, de ouro, etc., produtos agrícolas.

Almeirim, dia 26 — quinquilharias, artigos de louça, ouro, produtos agrícolas.

Abril

Santarém, 2.º domingo do mês — gados, quinquilharias e artigos vários.

Vila Franca de Xira, 3.º domingo do mês — gados, quinquilharias, etc.

Entroncamento, 3.º domingo do mês — fazendas, ourives, gados e quinquilharias.

Benavente, 3.º domingo — artigos vários.

Maio

Cartaxo, dia 1 de Maio, produtos vários e é costume realizar-se neste dia a Festa do Trabalho.

Ponte de Sor, 1.º domingo do mês — produtos vários e gados.

Golegã, 1.º domingo do mês — importante em gado bovino, muar, ovino, caprino e asinino.

Salvaterra de Magos, 3.º domingo do mês — artigos vários, sendo costume realizar-se também uma exposição pecuária de gado cavalar, ovino e bovino.

S. Vicente do Paúl, 4.º domingo do mês — gados.

Areias (Ferreira do Zêzere), Quinta-feira da Ascensão — gado suíno, caprino e ovino, criação (galinhas, coelhos, borregos e cabritos) peixe, ovos, queijos, frutas, hortaliças, plantas e artefactos diversos.

Bemposta (Abrantes), Quinta-feira da Ascensão.

Junho

Barquinha, dias 9 a 16 — solas, cabedais, quinquilharias, fazendas e artigos de mercearia.

Alcanena, dia 24 — gados e quinquilharias.

Chouto (Chamusca), dia 29 — produtos vários.

Rio Maior, 3.º domingo — produtos vários.

Julho

Alcobertas (Rio Maior), dia 22 — quinquilharias, mantas e produtos agrícolas.

Tremez (Santarém), dia 25 — gados e madeiras.

Miúde (Alcanena), dia 29 — gados e quinquilharias.

Agosto

Constância, dias 3, 4 e 5 — madeiras, louças, quinquilharias e ourivesaria.

Marmeleira (Rio Maior), dia 15 de Agosto — quinquilharias, louças e fazendas, etc.

Valada (Cartaxo), 4.º domingo do mês — artigos vários.

Setembro

Rio Maior, dias 1, 2 e 3 — madeira, vasilhas, mobílias, cestos, gados, etc.

Santa Cita (Tomar), dias 10 e 11 — gados, mobílias, vasilhame, etc.

Benavente, dia 14 — artigos vários.

Alvega (Abrantes), dias 26 e 27 — gados, especialmente bovídeos.

Coruche, dias 29 e 30 — gados principalmente suíno, quinquilharias, calçado, peças de vestuário, etc.

Ferreira do Zêzere (Feira de S. Miguel), dia 29 — gados, fazendas, artigos de ourivesaria, produtos diversos da indústria caseira, etc.

Outubro

Ponte de Sor, dias 4 a 6 — gado bovino, suíno e mercadorias de toda a espécie.

Vila Franca de Xira, 1.º domingo — ourivesaria, louças, madeiras, quinquilharias, gados, etc.

Alcanena, 1.º domingo do mês — gados e quinquilharias.

Santarém, 2.º domingo do mês — gados, quinquilharias, mobílias, frutas (melão e maçã), cebolas, ourivesarias, calçado, louças de barro e outras, etc.

Tomar, dias 19, 20 e 21 — fazendas de lã e de algodão, calçado, quinquilharias, vestuário, fruta sêca, mobílias, ourivesaria, etc.

Sardoal, dia 28 — gados, frutas sêcas e verdes, fazendas, hortaliças, quinquilharias, louças, ferragens, etc.

Azambuja, 4.º domingo — gados, etc.

Novembro

Cartaxo, dia 1 — gados, quinquilharias, etc.

Golegã (Feira de S. Martinho), dias 9, 10 e 11 — gados, principalmente cavalar, quinquilharias, ourivesarias, safões, fatos feitos, etc.

Dezembro

Pernes (Santarém), dia 8 — gados, madeiras, quinquilharias, cereais, etc.

FEIRAS MENSAIS

Manique do Intendente, 1.º domingo.

Tôrres Novas, 1.º domingo — gados.

Cartaxo, 1.º domingo — gado suíno.

Entroncamento (Barquinha), 3.º domingo — gado e quinquilharias.

Areias (Ferreira do Zêzere), 1.º domingo — gados.

Sardoal, 2.º domingo — gados, etc.

Freguesia da Serra de Santo António (Alcanena), 3.º domingo — gado caprino e ovino.

Rio Maior, 3.º domingo — gados, fazendas, quinquilharias, louças, ferragens, etc.

Vila Franca de Xira, 3.º domingo — gados.

Ponte de Sor, 3.º domingo — gado suíno.

Tomar, 4.º domingo — gado lanígero e caprino.

Santa Cita (Tomar), no último dia — gados.

FEIRAS QUINZENAIS

Santarém, 2.º e 4.º domingo — gados, fazendas, calçados, curivesaria, etc.

Abrantes, 1.º e 3.º domingo — gados, calçado, ourivesaria, artigos de lavoura, etc.

FEIRAS SEMANAIS

Minde (Alcanena), domingo — gados e quinquilharias.

Constância, domingo — produtos agrícolas, louças, quinquilharias, predominando géneros agrícolas.

Ferreira do Zêzere, domingo — gados, criação, peixe, ovos, queijos, fruta, plantas, artefactos diversos de cerralharia, calçado, latoaria, etc.

Linhaceira (Tomar), domingo — hortaliça e frutas.

Serra, domingo — hortaliças e frutas.

Tôrres Novas, 2.ª feira — hortaliças, peixe, legumes, cereais, fazendas, frutas, queijo, artigos de vêrga, quinquilharias, criação, suínos, cabritos, peles, louças, etc.

Alcanena, 4.ª feira — gados e quinquilharias.

Tomar, sábado — produtos agrícolas, géneros alimentícios, mobílias, latoaria, calçado, etc.

Campinos e Toiros

Assim começa o campino...

De tenra idade, inicia o contacto com os toiros, por isso, êle é um homem afoito e valente que não arreceia as pontas afiadas dum toiro.

Nas pastagens da Azambuja

Falar da vida agrícola do Ribatejo, sem referência especial ao campino e ao toiro, é dar nota, a quem me ouve ou lê, que não sinto emotivamente a paisagem dêste meu berço, tão querido do Sol, tão beijado pelo Tejo, tão fortemente manchado de côr e ainda, uma injustificada omissão cometida com estes servidores da campina, onde êles são os reis das suas espécies. Mas como, em vôo de águia, êles têm sido retratados por penas cintilantes, para aqui translado êsses perfis:

Oliveira Martins — História de Portugal — diz:

« a cavalo, de pampilho ao ombro, grossos sapatos ferrados, gorro vermelho na cabeça, o ribatejano pastoreando os rebanhos de toiros nas campinas húmidas e vicejantes, é como um beduíno do Nilo ».

Xavier da Cunha — Álbum de Costumes Portugueses — « Êle e os toiros ! Tudo o mais, permita-se-me que o diga, não representa no Ribatejo senão elementos espúrios. Êle e os bois ! E aqui temos duas individualidades características das nossas lezírias e dos nateiros ubérrimos que marginam o Tejo desde Alhandra até aos campos da Chamusca e da Golegã ».

Mota Cabral — Toiradas na região Ribatejana — « Quem atravessa a planície imensa das nossas lezírias, pressentirá que o homem desta região há-de procurar a vertigem da velocidade que a conformação do terreno facilita, e logo encontra o campino galopando, à larga, sôbre um albardão que é quási uma almantrixa árabe, com o seu trajo garrido desde o barrete verde ao colete encarnado, até ao calção de pano azul, com fivelas de prata, sôbre cujas nalgas pingam os cadilhos vermelhos da cinta. Flexíveis de rins pela equitação que praticam, os ribatejanos são direitos, desempenados de costas, cabeça erguida pelo hábito de descortinar o horizonte ampleníssimo, pernas finas e direitas de caminhar na planície. É assim que o campino empunha o pampilho, sôbre os cavalitos pequenos e esguios, a um tempo velozes e resistentes que nas conduções de gado correm e saltam, horas seguidas, sob a têmpera rija do cavaleiro, que, na ânsia de dominar e vencer desconhece o cansaço ».

Francisco Câncio — Ribatejo — « O campino é verdadeiramente a sentinela da lezíria. De calções e jaqueta — já vai longe o colete encarnado — meia branca, barrete verde debruado a vermelho, é ainda a figura ribatejana que maior soma de tradições em si reúne.

O gado olha-lhe a vara na campina deserta. É êle que o dirige no voltear do cavalo, que o guia, que o conduz.

Quando na lezíria aparece gente de trajar diferente do habitual, o toiro estranha e arranca, sai muitas vezes da manada, numa atitude de combate, cornos baixos, bufando.

Com o campino a forma de tratar é outra. Conhece-lhe o barrete e o falar.

— Olá, Torrado... Galante...

E o toiro olha e volta, se vai por caminho errado.

O campino é sóbrio. Pouco o contenta. Passa a semana na lezíria e come do alforge que ao sábado *avia* na vila. Cavalga a

A caminho da pastagem.

faca felpuda, ligeira e tristonha, que se vira nos quartos traseiros, que salta abertas e valados, apartando o toiro, seleccionando, ou juntando a manada.

A palhoça é o seu abrigo nos momentos de folga.

Mas, quantas vezes, ao frio e à chuva, não no tem melhor do que a manta lesirenta lançada sôbre os ombros.

E então olha o gado na campina tristonha e deserta.

Um curro de toiros passando uma vala.

A chuva cai, a chuva bate.

Corvos esfomeados, pairam alto, grasnando...

As ervas rasteiras e molhadas galgam valados. E o campino, sentinela da manada, guia e rei da planície, vela e sonha. O barrete verde debruado a vermelho é a sua coroa, o seu símbolo:

— o verde, a côr das searas, a côr do Ribatejo em flor ; o vermelho a côr do seu sangue de herói, a côr das papoilas rubras, bordando os trigais, matizando a campina.

Em volta dêle anda a saüdade, a transparecer-lhe nos olhos parados e nostálgicos : — saüdade do lar, da mulher, dos filhos pequeninos. O campino é a figura mais típica do Ribatejo — é o rei da planície, o herói ignorado de todas as horas, que não tem comendas, nem galardões ».

Mas a esta galhardia do campino como atrás fica descrita, eu quero juntar um outro atributo que mais ainda o engrandece : — a sua aptidão para os trabalhos agrícolas. Quando por qualquer circunstância põe de lado o pampilho e o cavalo, êste homem, sóbrio, valente, resistente e activo, com uma verdadeira vocação agrícola, acomoda-se a todos os trabalhos — mesmo os mais violentos — com um ânimo formidável. Pode ter insuficiente alimentação, mas a chalaça e o sorriso andam-lhe nos lábios ; e direito, de perna fina e rija, ao crepúsculo matinal, êle lá vai todos os dias para o trabalho. É a êste seu aferrado apêgo, que em parte se deve o esmêro cultural da região, embora lutando-se com as imensas contrariedades que constantemente assolam a agricultura ribatejana.

O outro figurante da campina : — o toiro, é no Ribatejo que tem o verdadeiro solar. Presta valiosos serviços à grande lavoura, mas tem sobretudo velha tradição pelos folguedos que proporciona, dos quais, noutros tempos, se não alheavam os Reis e os Príncipes Portugueses. Foi até no tempo de D. Miguel que a festa brava teve mais *afficion*. Rei ribatejano, toireiro e valente. O povo ribatejano estimava-o. Tinha retumbância o seu nome, pelas suas proezas com os toiros e a sua popularidade era tamanha, que quando êle passava, até as cachopas corriam ao seu encontro a saüdarem-no alegremente, não escondendo por vezes o derretimento da sua ternura, comentando entre si :

Nem parece um rei...

Tinha os gostos do povo e além disso, montava com galhardia e firmeza, pegava e conduzia uma manada de toiros como ninguém. Jogava a um toiro a « *choupa* » do seu pampilho, melhor,

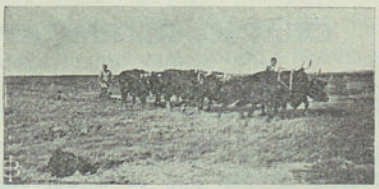
que Viriato do alto dos Montes Hermínios jogava uma pedra aos seus inimigos. Emfim, era, o que aqui no Ribatejo se chama : *uma boa vara.*

Se êle até, chegou a meter toiros nos salões dos seus palácios e nos claustros dos frades, para gozar com a atrapalhação dos seus convidados e com a dos incautos frades !

Pois estes *bichos*, reis também da campina e que entretinham D. Miguel, peculiarizam-se pelos seguintes caracteres morfológicos : corpulência pequena, cabeça comprida, armação pequena e acabanada, olhar vivo e espantadiço, pescoço espêsso e grôsso no bôrdo superior (morrilho), particularmente nos toiros ; pele grossa, pelagem preta, aparecendo também indivíduos malhados, raiados, interpolados de pêlos brancos (salgados) e mais raramente, melados ou acastanhados ; membros um tanto compridos em relação à altura do corpo.

Índole — bravia, têmpera rija e robusta.

Funções económicas : para as diversões tauromáquicas, trabalho e função cevatícia. A principal, ainda hoje, é para figurarem nas lutas das praças, embora, criadores haja já, que apenas os aproveitam para o trabalho e depois para a engorda. Nestas duas



Tralhoada lavrando.

funções, incontestàvelmente a raça brava atesta a sua incomparável sobriedade e rusticidade. Contenta-se com magros pastos e restolhos e suporta, como nenhuma outra raça, o sol ardente de Julho e Agosto em que faz alqueives e outros violentos serviços, ou, as intempéries do inverno, sem que para êle haja o mais ínfimo cuidado, pelo que se torna a raça ideal do grande lavoura regional. Ordinàriamente é depois de terem conhecido várias praças e depois dos 5 anos, *feitos já de corpo*, que são metidos ao

trabalho, para o que são prèviamente castrados e sujeitos à *amansia*. É neste estado que são denominados *Bois da Terra* ou gado de *tralhoada*. São, todavia, ligeiros ainda, trotam a trabalhar se preciso fôr, todavia, de menos poder que os de raça mirandesa e suas variedades.

Nos alqueives empregam-se ordinàriamente quatro juntas, chamando-se, a primeira, *dianteira*, a segunda, *terço*, a terceira, *fôrça*, a quarta, *rodas* ou *couce*. Em trabalhos apertados, tornam-se por vezes incómodos, devido à sua má índole, que a castração e o trabalho não conseguem absolutamente apagar.

Em função de engorda é admirável a presteza desta raça, quando lhe fornecem boas pastagens.

O regime é o de permanente pastoreação. Durante a primavera em aluviões de folga; em restolhos dos cereais no verão e outono e no inverno, roendo mato na charneca.

Vivem em permanente regime de manada; as vacas separadas dos toiros e estes dos bois da terra.

Os bois da terra não vão à charneca senão quando o Tejo inunda as planícies e entram de noite já nas motas.

CRIAÇÃO, RECRIAÇÃO E REPRODUÇÃO

A mais importante utilização das vacas é a reprodução e criação e por fim, quando para aqueles mesteres são julgados incapazes, correntemente aos 10 anos, são engordados para acabarem no matadouro. Todavia, em *brincadeiras*, alguns criadores cedem-nas para a luta na arena, mas, em virtude da sua menor corpulência e poder, mau trato, oferecem freqüentemente o desagradável espectáculo de ficarem prostradas, algumas vezes e por algum tempo, no meio da arena com a *caimbra*.

O sistema de criação é quási que puramente o *livre* ou *bravio*.

Ninguém preside e regula a reprodução, a não ser pelo facto de em dada época — ordinàriamente em Março — serem tirados da manada dos toiros, os reprodutores, escolhidos dentre os mais

bravos e lançados à das vacas, na relação de 3 toiros para 100 vacas.

As vacas entram a reproduzir ao 3 anos e em igual idade, os toiros a cobrir. Parem as vacas na pastagem e as crias são amamentadas durante um ano, vivendo sempre com as mãis em pascento livre, no fim do qual são marcadas a fogo na coxa direita com o ferro do lavrador e no dorso, lombo ou anca, mas do lado oposto, também a fogo, com o número geneológico correspondente ao ano em que nasceram. É costume também rasgarem-lhe as orelhas.

Esta operação, sempre cheia de episódios divertidos, chama-se *ferra*. É a seguir a ela que as crias se separam por sexos *(desmama)*, juntando as fêmeas à manada das vacas alfeiras e os machos à dos toiros, e então retoiçam pela pastagem a adolescência até atingirem a idade de começarem a ser explorados nas praças e na reprodução.

Em linhas gerais, são estes os transes porque passa esta raça, que se presta aos diversíssimos divertimentos genuïnamente ribatejanos, como sejam ferras, desmamas, tentas, enchocalhações, apartações, esperas, toiradas e amansias, que o ribatejano, como nenhum outro, sente, aprecia e delira. São espectáculos que dão emoção e escolas de coragem e valentia. E para rematar, vou citar um caso que mostra bem o entusiasmo que a festa brava sempre desperta, mesmo naqueles que pela primeira vez têm o dom de a presenciar :

Foram recebidos os congressistas do V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho nas propriedades do meu ilustre amigo Norberto Pedroso, « doublé » engenheiro agrónomo-lavrador. Fez passar perante os congressistas rebanhos de gados de todas as espécies ; porém, quando ao longe se divisaram em galopada os toiros, partiram de todos os lados gritos de entusiasmo e com frenesi : Les taureaux, les taureaux, les bêtes.

A mancha negra e compacta aproximou-se. Ninguém arredou pé, antes e sem medirem o perigo, parecia até que para êles queriam crescer. Próximo daquele molhe humano, engrossado pela

gente das localidades vizinhas, alguns toiros, com aquele barulho atordoador, espirraram para um campo oposto, tendo para isso que saltar uma vala. No salto, um toiro caiu e deixou no campo um corno. Corro a apanhá-lo. Trago-o e mostro-o aos congressistas. Está ainda quente e tem na base sangue rubro. Estrangeiros, mulheres e homens rodeiam-me e, para satisfazer todos, faço passar o corno de mão em mão. Finalmente, mão feminina, duma alvura alabastrina e que já tinha descalçado a sua luva *rouge Bordeaux*, para melhor se aperceber do morno, do liso e da finura duma das defesas do toiro, diz-me : « Oh ! il est joli. La extrémité est fine come la pointe d'une aiguille ».

E, ainda numa voz cheia de doçura, diz-me: « je vous le pris ». Não tive hesitações. Nem mesmo, já lho recebi. E então, pediu-me, que na parte mais branca do corno, em português, lhe escrevesse : Dum toiro do Ribatejo. Numa festa linda e cheia de côr, na Chamusca, nas propriedades do « ganadero » Dr. Norberto Pedroso.

E nas malas desta encantadora congressista, o corno lá foi, como precioso « bijou », para a Hungria.

ALGUNS TOIROS NOTÁVEIS PELA BRAVURA, NOBREZA E INTELIGÊNCIA

Alfinete de peito — Da antiga ganaderia de Com. Paulino da Cunha e Silva, lidado em várias praças, demonstrando sempre bravura.

De grande palheta, investindo de largo a largo, mas procurando de preferência atingir o cavaleiro à montada.

Caldeiro — Ganaderia Emílio Infante e estupendo de cavalo.

49 — Ganaderia de Vitorino Fróis.

Toiro muito bravo, mas que no campo, a *ajuda* (auxiliar do maioral) o chamava e lhe dava, à mão, favas, que ia tirar ao celeiro do patrão. O toiro não saía de ao pé dêle, emquanto lhe sentia

favas no bôlso e tinha que o empurrar ou voltar-lhe a cabeça, agarrando-o por um chifre, para êle se ir embora. Êste garoto foi mais tarde furado e morto por outro toiro, que desejava também assim ensinar.

Caracol — Da ganaderia Roberto & Roberto, bravíssimo para cavalo.

69 — Toiro tão bravo para cavalo, que nos programas se chegou a anunciar desta maneira: « grande desafio entre o cavaleiro Manuel Mourisco e o 69 ».

Cavaleiro — Toiro da extinta ganaderia de Frederico Bonacho dos Anjos, da Golegã, que foi considerado um dos melhores toiros, de cavalo, daquela data (1917). Toirear o toiro *Cavaleiro*, sem desfeite, era um caso sério.

Capirote [1] — ¿Quem se não lembra dêste toiro de libras, bem armado, de bonito pêlo e de manifesta bravura?

¿ Quem se não lembra dêste célebre toiro que depois de ser lidado vinha à mão dum campino, o qual, no meio da

[1] Extraído da revista « Bandarilhas de Fogo » do distinto crítico e aficionado Pepe Luiz.

arena, lhe dava a comer um molho de pasto, e até lhe tirava os ferros no meio da admiração geral ?

O toiro Capirote tem a sua história.

Pertencia à ganaderia do Dr. Guizado, de Coruche, que o vendeu, ainda garraio, a José Bento de Araújo. O famoso cavaleiro tinha um campino que também foi um valente forcado, o Manuel Gentil, da Ribeira de Santarém — que, no campo, sempre tratou o animal com muita dedicação.

Em 1902, Capirote foi corrido pela primeira vez e logo surgiu a idea do Gentil vir à arena dar pasto ao animal, depois dêste ser corrido a pé ou a cavalo.

Dada a sua nobreza e bravura, Capirote proporcionava sempre boa lide.

Gentil saltava à arena e, junto a uma pequena mesa com o pasto, chamava o Capirote que, alegrando-se, vinha a passo até junto dêle, que lhe coçava o lombo, ao mesmo tempo que lhe dava de comer. Depois, coçando-lhe a testa, cuidadosamente com o braço envolvia o pescoço do animal e, de-vagar, metia-o no curral, sem o auxílio dos cabrestos.

Repetidas vezes Manuel Gentil se apresentou em praças de Portugal e Brasil, praticando esta façanha, até que José Bento lho vendeu ».

Gentil ainda o levou a três corridas, vindo o animal a ser abatido no matadoiro de Vila Franca de Xira, aonde foi levado pelo seu dono, e onde ali, agarrado a êle, se despediu chorando-o copiosamente.

Morreu com 32 corridas. Com êste número, faz-se imediatamente idea da *escola* que tinha êste « tunante ». O seu toureio, ùltimamente, era arriscado e difícil. Não corria a um capote, mas sim ao vulto, dando pela certa.

O antigo forcado escalabitano ainda adquiriu um outro garraio, com o qual fez o mesmo que praticava com o Capirote ; mas numa tarde, no curral da praça da Moita do Ribatejo, antes do espectáculo, o dito garraio corneou-o de tal maneira, que veio a falecer no trajecto para um hospital de Lisboa.

Voador — Ganaderia da Condessa da Junqueira. Toiro cumpridor, de tal ligeireza, que, na praça de Santarém, na perseguição dum artista de pé, deu da arena tal salto, que caiu no meio da barreira, causando tais sustos, que um espectador que até ali só andava com auxílio de muletas, as largou e apareceu a correr vertiginosamente na arena.

23 — Ganaderia da Condessa da Junqueira. Consentia que a *ajuda* (um pequeno garoto) subisse para cima dêle marinhando pela cauda e pondo os pés nos curvilhões.

Azeitono — Da ganaderia de Rafael José da Cunha. Estoqueado na praça de Madrid em 1854 pelo famoso matador Francisco Aryona Herrera (Cúchares).

Foi classificado o toiro mais bravo, lidado em Madrid, na referida época. Matou 7 cavalos e feriu outros tantos.

Azeitono — Da ganaderia do Dr. Emílio Infante da Câmara & Irmão. Na corrida de 3 de Maio de 1931 tomou 4 varas de castigo, sem voltar a cara, arrancando de largo e sempre com vontade, 3 pares de bandarilhas de Marcial Lalanda e deu mais uma larga « faena » a êste distinto matador.

Cabaço — Da ganaderia de Francisco da Silva Vitorino. Lidado em Estremoz em 6 de Setembro de 1931.

Acusou muita bravura e nobreza, carregando sempre com codícia e de largo a largo sôbre o cavaleiro, proporcionando assim um belo trabalho a Simão da Veiga Júnior.

Campino — Da ganaderia do Dr. Emílio Infante da Câmara & Irmão (casta Campos Varela). Lidado no Campo Pequeno em 7 de Junho pelos cavaleiros Simão da Veiga Júnior e João Núncio.

Na lide deu sempre peleia de grande toiro.

Canário — Da ganaderia de João da Assunção Coimbra. Lidado na corrida nocturna de Vila Franca de Xira, em 7 de Outubro de 1931. Excelente lide aos cavaleiros João Núncio e Simão da Veiga Júnior, dos quais recebeu 14 ferros.

Cardino — Da ganaderia do Dr. Emílio Infante da Câmara & Irmão. Lidado, em 3 de Maio de 1931, no Campo Pequeno pelo cavaleiro João Núncio, que lhe cravou bastante ferragem e ainda proporcionou uma brilhantíssima « faena » de muleta a Lalanda.

Cartaxo — Da ganaderia do Duque de Palmela. Lidado em Alcoy, em 5 de Julho de 1931. Foi estoqueado por Luiz Morales, tomou 7 varas e conservou toda a nobreza e codícia até à morte, pelo que foi ovacionado delirantemente, ao ser arrastado.

Charuto — Da ganaderia de João da Assunção Coimbra. Lidado em Vila Nova de Gaia por José Casimiro Júnior.

Foi, sem dúvida, um dos toiros mais bravos lidados na temporada, juntando à bravura uma desusada nobreza.

Farruco — Da ganaderia de José Pinto Barreiros. Lidado em Madrid, em 29 de Maio de 1931. Foi estoqueado por Felix Rodriguez II, tomou 4 varas com toda a pujança e chegou à morte com a mesma bravura e nobreza que demonstrou ao iniciar a peleia, pelo que foi ovacionado ao arraste.

Picanço — Da ganaderia de Joaquim dos Santos. Lidado em Vila Nova de Gaia, em 2 de Agosto de 1931. Bravo e nobre, foi lidado por Simão da Veiga Júnior e João Núncio, dos quais recebeu 18 ferros, compridos, curtos e bandarilhas a duas mãos.

Quarteleiro — Da ganaderia de José Canas Júnior. Foi lidado em Vila Franca de Xira pelo cavaleiro Rufino Pedro da Costa, arrancando sempre de largo a largo e de cada vez com mais vontade ao cavalo, se bem com nobreza.

Tartarugo — Da ganaderia de João da Assunção Coimbra. Lidado em Vila Nova de Gaia pelo cavaleiro João Núncio. Notabilizou-se pela muita nobreza, resistiu a uma lide, por demais excessiva, assinalada não só no toureio daquele artista, como ainda pelo sem número da *capotazos* e *recortes* que agüentou, além de acudir sempre a todos os terrenos com vontade e alegria.

Criminoso — Da ganaderia Sommer, antiga Máximo Falcão, que adoptava como ferro (S) e divisa: encarnado e verde. Foi êste toiro de celebrizada bravura. Conta-se, que, indo um dia o feitor à lezíria apartar um curro para o Campo Pequeno, o Criminoso, estranhando ver aquele de guarda pó cinzento e de chapéu de sol aberto, saíu da manada, arrancou com êle, e, num abrir e fechar de olhos, volteou-o, quebrou-lhe um braço e tê-lo-ia morto, se de permeio não se metesse o campino afamado daquele tempo, o Gaitas, com quem o toiro também depois investiu e lhe matou a montada.

Foi apartado para essa corrida e deu uma lide formidável.

No Palácio de Vendas Novas, da Casa Bragança, existem em várias salas, cabeças de toiros célebres, da famosa ganaderia de D. Carlos I, que, além de distinto criador, era um entusiasta pela lide com toiros. Neste mesmo Palácio, lá está o pampilho que êste Augusto Soberano manejava com destreza, bem como, o do infortunado Príncipe D. Luiz Felipe.

E numa cabeça de toiro, pendurado num chifre uma jaqueta feita em fitas, do famoso cavaleiro e criador Vitorino Fróis, a lembrar um « apêrto » que êste toiro lhe deu.

E ainda outra, pertencente a um toiro que D. Carlos matou com um tiro de carabina, quando aquele, em correria louca, investia com Êle. O tiro foi dado a tão pouca distância que o toiro lhe caíu aos pés.

Quando, há doze anos, reapareceram as corridas de toiros de morte em Portugal — licença que pouco tempo durou — os primeiros toiros mortos, foram dois, de boa lide, da ganaderia de João da Assunção Coimbra.

O *Maltês* morto por Armillita. Negro, rama aberta e cara encarapinhada ; e o *Vadiante*, morto por Baragas, de rama aberta, cara lavada e negro.

Criadores de gado bravo no Ribatejo e que fornecem reses para corridas

ALENQUER (CARREGADO)

JOSÉ LACERDA PINTO BARREIROS

Ferro :

Divisa :

Azul, branca e encarnada.

Ganaderia de raça espanhola. A primeira que adquiriu foi em Córdova, Espanha, em 1903, com o fim de se associar na União de Ganaderos de Toiros de Lide, cuja admissão de sócios é limitada. Como a ganaderia comprada à Viúva Guerra não satisfazia a êste distinto ganadero, matou-a em Espanha, no matadoiro, comprando seguidamente vacas aos ganaderos espanhóis Gamero Civico e Felix Suárez e sementais a Gamero Civico e ao Conde de la Corte, oriundos os primeiros, da « Pardalé » e os segundos do Marquês de Saltillo, nessa altura reputados os melhores de Espanha. E é com esta ascendência, que mantém ainda hoje a sua famosa ganaderia.

Da primeira, que comprou em Espanha, ficou só com o ferro e a divisa, pois era-lhe vedado naquele país comprar vacas e toiros a ganaderos associados, sem que tivesse comprado êsse direito.

A ganaderia de raça portuguesa que anteriormente à espanhola possuiu, desfez-se dela, matando umas reses e vendendo outras.

ANTÓNIO RODRIGUES VAZ MONTEIRO

Ferro :

Divisa :

Amarela.

Ganaderia Portuguesa.

ALMEIRIM

ANDRADE & IRMÃO

Ferro :

Divisa :

Verde, branca e azul.

Ganaderia espanhola, oriunda de vacas adquiridas em Espanha à Viúva Soller e um semental oriundo da ganaderia do Marquês de Tamaron, actualmente do Conde de la Corte.

SOCIEDADE AGRÍCOLA DA ALORNA, L.DA

Ferro :

Divisa :

Amarelo-palha.

Ganaderia portuguesa oriunda de vacas da ganaderia de Joaquim Duarte Barreira, de Alpiarça, Emílio Infante, de J. Mendes Núncio Júnior e de sementais de Terré & Irmão, Neto & Dais e, ùltimamente, já da própria ganaderia.

ALPIARÇA

DUQUE DE PALMELA

Ferro :

Divisa :

Encarnado, branco e verde.

Ganaderia espanhola, adquirida em 1918 ao Marquês de Cañadahonda que por sua vez a tinha comprado a D. Luiz Baeza, que a tinha formado com rezes de D. Lopez Navarro e D. Eduardo Olea a que juntou vacas compradas a D. Rodrigo Solis.

BENAVENTE

V.A DE JOÃO PEDRO DE OLIVEIRA & FILHOS

(Samora Correia)

Ferro :

Divisa :

Verde e branco.

Ganaderia luso-espanhola, fundada por João Pedro de Oliveira, há já longos anos, com vacas oriundas das extintas manadas bravas da Companhia das Lezírias e de Tomaz Boleto. Há 10 ou 12 anos os filhos dêste lavrador, juntaram-lhe umas vacas compradas a José Canas Júnior, com o ferro Neto Rebêlo. Mais recentemente, há uns dois anos, aumentaram a vacada, com mais 40 garraias compradas a Francisco dos Santos e depois, com 60 vacas, compradas a Cláudio de Moura, com o ferro V.ª Soller, de Badajoz.

Como sementais, primeiramente, introduziu um, com o ferro Álvaro Ferreira ; depois, sucessivamente outros, com os ferros de Emílio Infante da Câmara e Dr. Norberto Pedroso.

Presentemente, existe ainda o último com o ferro de Norberto Pedroso e dois genuínos Pardalés, comprados a Joaquim de Oliveira Fernandes, de Évora.

JOAQUIM DOS SANTOS (HERDEIROS)

(Santo Estêvão)

Ferro :

Divisa :

Rosa.

Ganaderia portuguesa iniciada com toiros e vacas do Dr. Afonso de Sousa, Roberto & Roberto, Francisco da Silva Vitorino e Simão Luiz da Veiga.

CORUCHE

ANTÓNIO FELICIANO BRANCO TEIXEIRA

Ferro :

Divisa :

Azul e encarnado.

Ganaderia portuguesa oriunda de vacas adquiridas a D. Mariana Dias, que tinha o ferro de Pegões. Tem tido reprodutores :

umas vezes produtos da própria ganaderia e outras, toiros de Estêvão Augusto de Oliveira, Ferreira Jordão, Lapa e Francisco da Silva Vitorino.

DR. ANTÓNIO GARCIA HENRIQUES DA SILVA

Ferro :

Divisa :

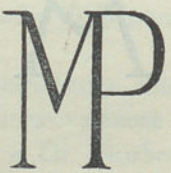
Azul.

Ganaderia espanhola, ascendência Ibarra puro e Ibarra× Saltillo.

CHAMUSCA

ENGENHEIRO NORBERTO VASCONCELOS MASCARENHAS PEDROSO

Ferro :



Divisa :

Azul e amarelo.

Ganaderia portuguesa oriunda da antiga ganaderia de Emílio Infante da Câmara.

GOLEGÃ

TERRÉ & IRMÃO

Ferro :

Divisa :

Branca.

Ganaderia portuguesa iniciada com vacas e sementais do Com. Paulino da Cunha e Silva e depois refrescada com outro procedente da ganaderia do Eng.º Norberto Pedroso.

JOÃO DE ASSUMPÇÃO COIMBRA

(Azinhaga)

Ferro : da ganaderia portuguesa

Ferro : da ganaderia espanhola

Divisa :

Branca e encarnada.

Ganaderia portuguesa, fundada há 33 anos, com vacas do Conde de Sobral e Carlos Augusto Marques, ganaderias que gozaram de grande reputação, e às quais lançou um semental do Conde de Sobral e mais tarde um de Emílio Infante.

Ganaderia espanhola, antiga Alves do Rio, formada com vacas e um semental do Marquês de Tamaron, actualmente Conde de la Corte, juntando-lhe mais tarde um reprodutor de Gamero Civico. Predominam, portanto, na casta os sangues Pardalés e Ibarra, cuja derivação vem do de Murube.

MARQUÊS DE RIO MAIOR

Ferro :

Divisa :

Verde e branca.

Ganaderia portuguesa oriunda de várias ganaderias nacionais.

SALVATERRA DE MAGOS

ROBERTO & ROBERTO

Ferro :

Divisa :

Branca e encarnada.

Ganaderia portuguesa oriunda de várias ganaderias de Salvaterra e refrescada com sementais das antigas e afamadas ganaderias de Dr. Laranjo e de Emilio Infante da Câmara.

DUQUESA DE CADAVAL

(Muge)

Ferro :

Divisa :

Azul e vermelho.

Raça portuguesa de remota ascendência, tudo indicando que deriva da raça que possuía a Casa do Infantado, descendentes daqueles toiros que D. Miguel, com mão de mestre, campinava

e com os quais metia sustos aos seus convidados nas salas dos seus palácios.

SANTARÉM

DR. EMÍLIO INFANTE & IRMÃO

(Vale de Figueira)

Ferro :

Divisa :

Azul celeste e branco.

Ganaderia portuguesa bastante antiga, criada pelo grande lavrador Rafael José da Cunha, que a transmitiu ao seu feitor José Mota Gaspar, e êste, por sua morte, a seu genro Emílio Infante da Câmara e, actualmente, propriedade de seus filhos Dr. Emílio Infante da Câmara e José Infante da Câmara.

DR. EMÍLIO E JOSÉ INFANTE DA CÂMARA

(Vale de Figueira)

Ferro :

Divisa :

Azul celeste, branco e chumbo.

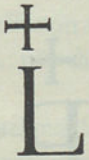
Ganaderia espanhola, adquirida a D. Emilio Campos Fuentes, em 1929, por estes conceituados criadores de Vale de Figueira.

Foi fundada por D. Antonio Breñosa com vacas de Felix Gomez e sementais de Nuñez de Prado, depois, vendida à Viúva Barrionuevo e mais tarde veio para as mãos do criador Campos Varela, que, por seu falecimento, a deixou a D. Emilio Campos Fuentes.

JOAQUIM LIMA MONTEIRO

(Vale de Santarém)

Ferro :



Divisa :

Branco e verde.

Ganaderia luso-espanhola, começada por Francisco Lima Monteiro em 1920, com vacas do Marquês de Castelo Melhor, de António Roquete e algumas mais, com os ferros de Palha Blanco, Francisco da Silva Vitorino, José Pinto Barreiros, Simão Luiz da Veiga e Viúva Soller.

No primeiro ano, foram estas vacas deitadas a um toiro de Joaquim dos Santos, da casta de Francisco da Silva Vitorino, e depois a outro, com o ferro Alves do Rio, de nome Romeiro e de sangue Murube, que fizeram a cobrição até 1925, se bem que, em 1924, se tivesse iniciado uma outra, com um toiro da casta Pinto Barreiros.

Por morte de Francisco Lima Monteiro, herdou-a seu filho Joaquim Lima Monteiro, que, por volta de 1926, decidiu vender

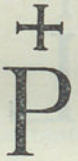
quási toda a vacada, ficando sòmente com algumas filhas do Romeiro e com um toiro, o n.º 15, filho daquele mesmo animal. Resolvendo novamente aumentar a ganaderia, adquiriu um toiro a João Coimbra, linha Saltillo, de Emílio Infante.

Porém, últimamente, introduziu na vacada um semental da casta Pinto Barreiros, da linha Gamero Civico.

VILA FRANCA DE XIRA

JOSÉ PEREIRA PALHA BLANCO (Herd.)

Ferro :



Divisa :

Azul e branco.

Esta afamada ganaderia foi fundada em 1884 pelo ilustre lavrador José Pereira Palha Blanco, com vacas portuguesas, oriundas das antigas ganaderias de Sousa Falcão, de António Roquette, de Salvaterra e do Marquês de Belas e cruzadas primeiro com um toiro espanhol de Concha y Sierra e depois com toiros de D. Eduardo Miura, de Sevilha, até ao presente.

Mas a-par desta vacada luso-espanhola, mantinha também Palha Blanco uma outra retinta espanhola e que descende da ganaderia do Duque de Veragua, de Madrid, a qual conserva, sem nunca nela fazer qualquer cruzamento.

Na história desta ganaderia apontam-se grandes êxitos em Espanha, tais como : terem, numa tarde de Abril de 1900, os toiros ganho na praça de Sevilha o primeiro prémio de bravura e beleza

em concurso ali havido, ao qual, concorreram as principais ganaderias espanholas. Um prémio de bravura na praça de S. Sebastian em 1911; uma citação honrosa pela boa lide de outro toiro na mesma praça, em 1912. Os toiros desta ganaderia são lidados em Espanha há 47 anos, nas principais praças daquele país e a sua principal característica é a corpulência, dureza na lide, codícia no primeiro tércio de que resultava matarem muitas vezes 15 e mais cavalos e receberem 30 varas.

Houve anos que esta ganaderia vendeu para as corridas em Espanha uma centena de toiros.

São destas ganaderias os toiros que, no momento presente, o Ribatejo cria e oferece à « afficion » tauromáquica ; contudo, não quere dizer que, no Ribatejo, não hajam mais manadas de reses bravas de outros criadores.

Existem. Umas, com o mesmo fim destas, mas, como os seus proprietários não têm aqui o assento da sua lavoura, não as mencionei. Elas, apenas aqui vêm recriarem-se nas pastagens dos salgados, lezírias, mouchões e paúes, onde exuberantemente crescem finas gramíneas e apetitosas leguminosas, que lhe dão uma farta alimentação, condição essencial para uma melhor conformação e mesmo da dos seus descendentes.

Outras, de criadores do Ribatejo, mas que as destinam exclusivamente às funções : trabalho e ceva.

São talvez estas que existem em maior número e que têm tendência a aumentar.

Pode acabar a « afficion », mas, emquanto subsistir a grande cultura no Ribatejo, a raça brava, ainda que se abastarde mais em bravura, mesmo assim, não desaparecerá, porque não pode ser dispensada pelo grande lavrador.

É a raça mais rústica e a mais económica que êle tem para o seu serviço.

O boi da terra — nome dado à rês brava depois de amansada — não tem competidores.

A sua rusticidade e sobriedade é estupenda. Mais das vezes, desabrochado, é largado para o próprio local onde trabalha e ali passa a noite, procura os alimentos, resistindo bem às inclemências do meio, o que não acontece com o boi ratinho, para não falar noutras raças mais mimosas, que, habituadas à estabulação, estranham a falta de agasalho, o bom tratamento e sucumbem muitas vezes, principalmente, às primeiras águas, com febres palustres (ferrujão ou hematúria), emquanto que o boi da terra, quer sob sol de queimar, quer sob chuva pertinaz, trabalha sempre, mais velozmente que qualquer outro, e sem cuidados especiais.

Por tudo isto e ainda porque o toiro, livre na campina, escarvando a terra, ou de cabeça erguida, com as hastes brancas e afiladas, esperando de frente serenamente o combate, a sua imponência é soberba, e ainda porque só consente junto a si o heróico companheiro — o campino — merece bem que seja o rei das vastas planícies do Ribatejo.

Todos o temem, tem nobreza, lealdade, fôrça e é o mais útil colaborador do grande lavrador, no granjeio da Terra.

Inundações no Ribatejo

O Ribatejo é geogràficamente uma região compreendida entre a Estremadura, Beira e Alto Alentejo, atravessada pelo Tejo, — que lhe dá um particular interêsse, sobretudo, sob ponto de vista agrícola.

Graças às condições agro-climatológicas tem um carácter próprio e castiço, embora possua um pouco de todas as païsagens das outras províncias. A distribuïção dos principais centros de população, ao longo do Tejo, e a uberdade do solo faz com que a região seja também conhecida por Borda de Água e o povo lhe consagrasse esta quadra :

Borda d'Água, Borda d'Água
Borda d'Água, Santarém
Vale mais a Borda d'Água
De que quanto o mundo tem.

De Abrantes, onde o Tejo deixa de correr veloz e saltitante, entre gargantas estreitas e alcantiladas, para, deleitosa e mansamente, serpentear a campina numa extensão de 110 quilómetros, que aproximadamente é a parte do seu leito até Vila Franca de Xira, esta região é verdadeiramente colossal de luz, côr e actividade. Nalguns meses :

« Restruge a côr, em mil deslumbramentos,
O sol, espalha em tôrno, os seus erários :
Fantásticos tesoiros milenários,
Ressurgem, sôbre um chão de encantamentos ».

Mas no inverno, um dia vem, em que, lá no alto, aparecem nuvens vagarosas e pesadas. O bulício da vida e côr embota. Cordas de água caindo dum céu côr de cinza, enchem de constrangimento toda a gente ribeirinha. A terra amolece primeiramente ; nos « talwegs » formam-se os regatos, que engrossam os ribeiros e como estes não têm, agora, nem os rouxinóis a deleitá-los, nem a folhagem voluptuosa dos salgueirais, precipitam-se com vertigem no Tejo...

Então é ver como êle sobe. É a cheia... que, se muitas vezes deixa na terra uma camada de humos, a que se dá o nome de *nata* ou *nateiro* e que ajuda a fazer grado o trigo, também muitas vezes causa a ruína do lavrador e sempre tira o trabalho aos pobres, quando não lhe rouba os haveres e a própria vida.

As ilhotas de areia que a estiagem põe a descoberto e que o sol ardente de Julho e Agosto faz reverberar em cintilações, são as primeiras a encobrirem-se. Depois, os mouchões e as lezírias, de pastagens tufantes e de searas que vão até ao engaste do céu, em raio extensíssimo e em mares incessantes de verdura. Por fim, o resto da planície, convertendo-se tudo num extenso lençol barrento, que, se não fôssem os corpos descarnados das árvores esguias, umas, que marcam comoros de valas e valados, outras, mas poucas, na própria terra de cultura, não se saberia, que sob aquela água, existe terra que dá pão, vinho e carne.

Os gados saiem da planície e com que dificuldade às vezes ! Pára nas terras o trabalho, só subsistindo o que se destina à salvação de vida ou haveres, para o qual nunca falta, em vez de uma vida, muitas vidas, dispostas a uma luta titânica e sem tréguas com aquele elemento poderoso e demais enfurecido. Onde seja preciso socorro, aparecem os saveiros e bateiras, tripulados pelos típicos varinos, que o Tejo conhece a olhos fechados, ou não sejam êles os seus companheiros nas lides mais variadas, desde a pesca à coadjuvação dos campinos nas passagens de toiros a vau.

Fragatas, os barcos maiores do Tejo — traço de união entre as terras ribeirinhas e Lisboa — que conduzem moios de pão, toneladas de palha e cortiça, cascos de vinho, sal a granel e milhares de quilogramas de melões, uvas, etc.

E assim, em pouco tempo, toda a terra ribeirinha é um grande lago, a que mesmo não escapam algumas das suas povoações. A própria capital do Ribatejo — a vetusta cidade de Santarém — se a parte alta se livra é devido à sua topografia, por isso os seus miradouros e em especial as Portas do Sol, oferecem ao visitante ávido de espectáculos majestosos, um panorama surpreendente, embora de desolação e tristeza...

Mas, mesmo assim, nalgumas das suas freguesias tem grandes vítimas : a Ponte Asseca, a 4 quilómetros da cidade, a Ribeira de Santarém, o Campo do Rossio, que lhe fica mesmo à beira. Êste, que, na primavera e verão, com os matizes das suas culturas parece um tapête feito por Deus, para os homens pisarem, no inverno em virtude da sua fraca cota, ràpidamente se submerge, ficando apenas a assinalá-lo os esqueletos das árvores nos valados, que a côr barrenta da água faz mais ressaltar e desenhar, a ponto das propriedades serem conhecidas por essas figuras, como acontece com a Borracha, pela sua semelhança com uma borracha de vinho.

Fronteiro à Ribeira, da outra margem do Tejo e ligado àquela pela ponte de D. Luiz, começa o campo de Almeirim, célebre pelos seus vinhedos, que a cheia também recobre com celeridade e em certos sítios, com alguns metros de altura. A ponte sôbre o Tejo é o ponto de união entre o concelho de Santarém e Almeirim.

Tem 1.214 metros de comprido e 22 metros de altura de nível da estiagem, é outro miradouro das cheias. De horizonte mais restrito é certo, mas dali se colhem sensações mais fortes e enervantes. Melhor se ouve o ruído da água, encapelada na ânsia de mais de-pressa se lançar no mar ; com mais detalhe se observam os despojos que a corrente arrasta, que nem sempre são montões de espuma branca, mas por vezes, pesados e volumosos madeiros, arribanas, árvores e até, corpos roubados à vida. E alguns, são por vezes tão volumosos e vão tão à flor da água, que lembram « icebergs » das regiões do gêlo.

À direita da ponte e na Ribeira, segundo a lenda e a que Feliciano de Castilho, deu também vulto com estes versos :

« Veria em que vale do Tejo encantado
Reluz o sepulcro da tanta valia
E nêle, entre palmas, de rosas coroado
O corpo de Iria ».

ergue-se um padrão a esta Santa que deu o nome a Santarém, no qual assenta uma escala hidrométrica do Tejo, onde a cheia de 1909 marcou 7,98 sôbre a altura das estiagens.

Implìcitamente, esta e outras alturas, mesmo menores, bastam, não só para que os campos da Borda de Água se inundem, mas, para interceptarem os caminhos entre as povoações ribeirinhas. Daí, o viajante ver-se na necessidade, onde a água não atinge alturas demasiadas, nem forte corrente, de se meter a ela, utilizando a própria viatura em que se conduz, ou então, de se descalçar, se vem a pé. Êste caso é corrente na estrada de Santarém a Lisboa.

Dentro mesmo de Azambuja, vila também bastante flagelada pelas cheias, o volume da água junto às casas mais próximas da vala da Azambuja permite que à beira delas cheguem as fragatas, os barcos maiores do Tejo — traço de união entre as terras ribeirinhas e Lisboa — que conduzem moios de pão, toneladas de palha e cortiça, cascos de vinho, sal a granel e milhares de quilogramas de melão, uvas, etc.

Mas, pobres fragatas, agora, nesta simbiose em que estão com as casas e rodeadas pelo mesmo meio, não têm a imponência com que se costumam ver subindo ou descendo o rio, de velas brancas enfunadas, abertas e com silvo que, como gaivotas, roçam céleres o prateado das águas...

Também na estrada de Lisboa, mas já próximo de Santarém, na Ponte Asseca, habitualmente a estrada é cortada pelas águas. Porém aqui, são os saveiros e bateiras que geralmente intervêm.

A parte da estrada coberta é em grande extensão e também grande o volume das águas.

É ver então, de quando em quando, um saveiro ou uma bateira a atravessar a imensidão da campina transformada em lago, transportando simples passageiros ou então uma família com os seus haveres que, no meio do campo, foi surpreendida pelas águas.

Finalmente, o caso mais típico duma povoação inundada é o da Ribeira de Santarém. Mal o rio trasborda, logo as águas cobrem as suas ruas, praças e o seu parque. Mas, a vida quotidiana não se altera. Os hábitos conservam-se. Os moradores com evangélica paciência saiem das casas para os barcos e vice-versa, fazem as suas compras, vão às ocupações, passeiam, vogando nos barcos serenamente pelas ruas daquele bairro tão pitoresco, que assim, nestas épocas, toma em tudo um ar veneziano.

E, para ser em tudo, até o é no Amor. Cupido, mesmo com a água aos pés, não perde o calor.

Abrantes

Abrantes

Santarém

O campo do Rossio, na primavera e verão, com os matizes das suas culturas parece um tapête feito por Deus, para os Homens pisarem; no inverno, em virtude da sua fraca cota, ràpidamente se submerge, ficando apenas a assinalá-lo os esqueletos das árvores nos valados, que a côr barrenta da água faz ainda mais ressaltar e desenhar.

«*Entre nós, como em Espanha e na Itália o problema agrário é um problema de hidráulica agrícola. A melhor utilização da água é a pedra angular da Agricultura Portuguesa*».

SERTÓRIO MONTE PEREIRA.

«*O país é na verdade forçado a tomar um «f a c i e s» acentuadamente florestal que ainda hoje não possue, mau grado o ser talvez desejável que pudesse dar-se emprêgo de maior rendimento a uma boa parte do nosso solo*».

AZEVEDO GOMES.

Se a melhor utilização da água é a pedra angular da Agricultura Portuguesa, se arborizar-se e conservarem-se os maciços florestais, isso constitue um problema de alto interêsse para a riqueza e prosperidade dos povos, o fraco, ou pior, a redução do povoamento florestal dos terrenos, gera a miséria e muitas vezes, terríveis cataclismos, onde enfileiram alguns bem nossos conhecidos, como sejam, o da água correndo impetuosa e desordenadamente, sôbre campos de cultura, sobretudo, quando as novidades crescem...

Digam-no os lavradores dos campos do vale do Tejo, de todas essas campinas e veigas ribeirinhas, de dezenas e dezenas de quilómetros de comprido, se, nessas terras feracíssimas pela sua constituïção química e física, a falta de regularização do regime dos cursos de água da bacia hidrográfica do Tejo, lhes não inutiliza os seus interêsses, lhes não transtorna os seus planos de exploração, lhes não troca muitas vezes a abastança pela miséria e se, por vezes, a esperança, que as primícias criam, se não debota e fenece...

Tranqüilidade, não a conhecem estes obreiros valorosos da terra. A vida, tem nêles esta incongruência : é-lhes um mar magno

de aflições, contudo, o desânimo não os entorpece. Lutam, lutam, lutam sempre. Podem empobrecer, mas alegremente. Anima-os uma fé inquebrantável de vencer; embala-os um sonho pueril, nascido dos seus pés calcarem e os seus olhos alcançarem, terreno de virtudes ingénitas capazes de darem felicidade e abastança, encherem a tulha, a talha, o tonel, a salgadeira.

E assim seria, se, a água lhes fôsse distribuída de molde a que de demolidora, se torne o precioso agente de auxílio que deve ser, assegurando-lhe a melhor produção agrícola, pecuária e industrial.

De épocas, que se perdem na noite dos tempos, nasceu a celebridade dos campos da região Ribatejana, especialmente dessa boa parte que na estiagem, as águas do Tejo, dos seus afluentes e das ribeiras, serpenteiam murmurando docemente entre choupos, faias e salgueirais, mas de cotas baixas, que, submersos ficam, quando os seus cursos se avolumam e deixando os leitos, por êles se espraiam.

Esta fama, transmitida de geração em geração, nasceu dos nateiros levados a essas terras, nas invasões periódicas e não torrenciais das águas, que se colmatavam com regularidade, dando-lhe essa seiva e riqueza, que serve para formar os corpos sãos e robustos e as colheitas em fartança, dos componentes esguios e flexíveis das searas vicejantes de pão; os das papoilas, que o Homem não semeou, mas que o Criador por aqui e acolá faz nas searas surgir, como gotas do Seu Sangue ou beijos inflamados de amor; os dos pâmpanos virentes, que, num ritmo cadenciado, baloiçam ao vento mostrando mais tarde os seus sorrisos, uns de oiro, outros de topázio, rubim e ametista e em todos, uma mesma guerrida graça, que com volúpia nos atrai.

Mas hoje, porque correm desordenadamente e com ímpeto, em cada ano que passa, chagas novas se abrem. São erosões nas margens (goivas), assoreamentos com aluviões estéreis a cada passo; entupimentos e cortes de valas de enxugo; mouchões, alvercas ou chaboucos; lugares estes, de onde a água da cheia

1

4

2

5

3

6

Terras de pão e vinho, que dez cheias, de meados de Dezembro de 1935 a fins de Abril de 1936, assolaram com indómita fúria, e quando as novidades cresciam. — 1 *Ponte Assêca (Santarém)*; 2 *Estrada de Almeirim*; 3 *Terras de Setil*; 4 *Ponte Asséca*; 5 *Tapada (Almeirim)*; 6 *Campo do Reguengo (Santarém).*

se não safa, mesmo quando a corrente recolhe ao seu primitivo leito e onde reprêsa, sob um sol ardente de Julho, se estagna e miasma, tornando palúdicos os campos e onde a morte em sarcásticas gargalhadas, acicata muitos dêsses intrépidos obreiros, que de boa fé e desprevenidos acorrem ao labor, atraídos pelos gritos fortes de hossana, que uma vegetação voluptuosa, de tinta forte, lança ao ar em pagânico festim.

Casos como estes, há muitos, infelizmente, pelo Ribatejo, onde o Mal cavou fundo e por isso de pronto a todos êles cèleremente se não pode acudir. E depois, a origem não está sòmente no abandono votado aos cursos de água, reside também, na dos agentes que se contrapõem à máxima embebição das águas pluviais, e, nos que promovem os fenómenos de desagregação e corrosão.

Se uns são devidos a acção impensada do homem, outros, são-no às condições naturais do meio e outros, regulados pelas leis da física ; todavia, remedeiam-se ou regularizam-se também, e nisto, as plantas têm um importante papel a desempenhar.

É assim, que vestindo as encostas, as árvores, consolidam o solo e protegem-no da acção dos agentes eruptivos, evitando nêles a formação de sulcos e regueirões ; deminuem a acção de transporte e de depósito de materiais nos rios ; reduzem a impermeabilidade do solo e facilitam a infiltração das águas das chuvas ; dão mais água às fontes e nascentes de toda a espécie ; tornam os rios de índole menos torrencial e de cheias menos volumosas, menos repentinas e prejudiciais ; que o nível das águas correntes não baixe tanto no estio e não suba tanto no inverno ; emfim, deminuem a erosão fluvial.

E se a arborização das vertentes modifica para melhor os factores provocadores da irregularidade do regime dos rios, o revestimento florestal e herbáceo das margens e taludes dos mesmos rios, e seus afluentes, não deixa de ter também uma acção bemfazeja e, portanto, igualmente para aproveitar. Ela consolida as margens, combate a erosão fluvial, acção de transporte e de depósito ; amortece a impetuosidade das enxurradas ; evita as goivas, as alvercas e os chaboucos, e faz depor junto das mar-

Rombos, chaboucos e assoreamentos, chagas novas que as águas fizeram

no Campo da Golegã, junto ao dique dos Vinte (cheia

de Fevereiro de 1936), ao correrem desordenadamente e com ímpeto.

gens os materiais esterilizadores que a corrente levaria aos campos se não encontrasse no seu caminho obstáculos a deterem-lhe a fúria impetuosa.

Portanto, a arborização ordenada das vertentes da bacia hidrográfica do Tejo, coadjuvada por obras de hidráulica agrícola e silvícola, também executadas na planície, como sejam, arborização das areias das margens e reforçamento das margens com arvoredo ; evitar as goivas e reparar as que existem ; destruïção dos mouchões em via de formação ; diques nas margens mais expostas à invasão impetuosa das cheias, mas de natureza insubmersível exclusivamente às asielas ; esporões, barragens, açudes ou reprêsas nos afluentes, quer a descongestionar as águas do Tejo, dos materiais de transporte, quer para irrigação dos campos ; canais de irrigação, e enxugo, etc.. marcará o mais importante facto da história económica desta região, representado por múltiplos e importantes reflexos, como sejam : navegação num mais largo curso, para o transporte de materiais ; aumento da produtividade e fecundidade das terras marginais, irrigações metódicas e económicas e colmatagens ; fixação de terrenos ; ocupação de muitas terras, hoje de vinha, por culturas arvenses, hortícolas e pomícolas ; valorização de incultos ; aproveitamento industrial dos produtos lenhosos e da hulha branca ; engrandece o turismo, a defesa nacional e, emfim, fixa e desenvolve a população indígena, que os serros escalvados ou as regiões miasmáticas fizeram perder o amor à terra natal, levando-os para regiões mais favorecidas ou até ao urbanismo.

Por tudo isto e ao contrário do que tem acontecido, convém não reduzir nos serros os povoamentos florestais e sobretudo revestir os despidos, fomentando-lhe o seu desenvolvimento.

Escusado seria dizer que o combate ao arboricida impõe-se, como convém reduzir ou evitar, se possível fôr, a apascentação de rebanhos nas serras, principalmente do gado caprino e ovino e acabar com a prática usada pelos pastores, das queimadas, para obterem na primavera nova rebentação das raízes e os pastos serem menos lenhosos.

No Tejo — O desenvolvimento dum mouchão e da correspondente goiva

Lezirias do Tejo — Uma alverca

A Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas vem preparando e elaborando o plano de arborização florestal e muito se deverá esperar da execução do referido plano, não só no que diz directamente respeito à bacia do Tejo, como ao restante do País.

Restituindo-se o antigo esplendor e exuberância de vida, jamais deixará de haver tranqüilidade no lavrador, porque, onde a vida transborda não há receio de morte, como, onde a virtude transluz não há desfalecimentos a temer.

Estabeleceu Deherain a seguinte máxima: « O grau de civilização de um povo pode avaliar-se pela quantidade de água que utiliza na sua agricultura ou pela que deixa perder ».

Ora, se o índice da civilização. pode ser dado pela água que se utiliza ou perde, e se, na nossa região o regime das chuvas é deficitário em relação às necessidades da vegetação e se, por cima ainda, acontece, as plantas amarelecerem e enfezarem-se cheias de sêde, em parte da primavera e verão, ouvindo o murmúrio das águas a roçarem-se voluptuosamente nas cabeleiras pendentes dos salgueirais, embalsamados do perfume forte das flores, impõe-se, a necessidade de remediar esta falta de equilíbrio, utilizando essa água que, de mansinho e serpenteando ilhotas de oiro, vai a perder-se no mar.

Por tudo isto, ela se tem que aproveitar ; quando outras razões fortes não houvessem — o que não é o caso — haveria a do próprio sentir das plantas, segundo Maurice Maeterlinck no seu livro « A inteligência das flores », que nelas descobre « muitos traços de uma Inteligência prudente e viva », para que não queiramos que elas nos acusem do nosso atraso...

Mas isto não vai acontecer, assim o garante o actuamento presente da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas e o da Junta Autónoma de Obras de Hidráulica Agrícola.

As trevas vão-se decipando e àmanhã, quando não haja já que temer a acção devastadora das águas, para a qual a arborização é um poderoso dique, se poderá exigir desta região, sob

pena de ser apontada como a mais retrógrada, todos os progressos agrícolas, pois da perfeita irrigação advirá toda a riqueza e prosperidade à agricultura.

Será a abundância, que num cortejo esplendoroso trará a fartança de cereais e leguminosas aos celeiros; raízes, tubérculos, polpas de frutos, forragens mimosas ou as próprias fôlhas das árvores aos estábulos e aos silos, onde aquirirão novas qualidades de sabor, e se tornem mais nutritivas e de fácil digestão, para depois se transformarem em carne, leite, lã, trabalho e mesmo servirem para modificar a estrutura e a conformação dos corpos dos animais; para obter ou melhorar em qualquer das nossas espécies domésticas — caprina, bovina, cavalar, suína, etc., — as variedades, a assumirem as proporções de uma raça zootécnica, facto que só engrandecerá a nossa pecuária.

Vê-se, pois, como do melhoramento do regime das águas da bacia hidrográfica do Tejo e do seu uso judicioso, despontará uma aurora fulgurante para a agricultura e pecuária ribatejana e dela, a faustuosa prosperidade dêste povo de Portugal. É que no Ribatejo, sem contestação, o problema da regularização da água é um problema vital.

Concretizando:

1.ª — O Tejo, hoje, em vez de ser um maravilhoso manancial de riquezas para a região ribatejana, pela anarquização do seu regime tornou-se um elemento de ruína.

2.ª — Fomentar o desenvolvimento silvícola e em geral de toda a vegetação de carácter permanente, nas serras e nas vertentes mais pendurosas e inclinadas da bacia hidrográfica do Tejo, não só porque disso deriva o interêsse imediato da produção de combustível e de madeiras de construção, mas pela influência que exerce na fixação dos solos, na irrigação, na meteorologia e mesmo no turismo local.

3.ª — Combater o apascentamento de rebanhos nas vertentes das serras e as queimadas por se manifestarem opostas ao bom desenvolvimento dos povoamentos e conseqüentemente contrários ao bom êxito das mais complexas, diversíssimas e bemfa-

zejas acções que os vegetais desempenham na regularização do regime do Tejo, na erosão pluvial, na acção de transporte e depósito dos materiais nos rios.

4.ª — Promover de igual modo nas margens de todos os cursos de água desta bacia hidrográfica o seu revestimento vegetal bem como das areias vizinhas das margens.

5.ª — No revestimento das vertentes, entre outras essências florestais, convém empregar, segundo a natureza dos solos: Pinheiro bravo *(Pinus Pinaster)*, pinheiro manso *(Pinus Pinea)*, sobreiro *(Quercus Suber)*, azinheira *(Quercus Ilex)*, carvalho português *(Quercus Lusitanica)*, carvalho negral ou pardo da Beira *(Quercus Toza)*, castanheiro *(Castanea sativa)*, Teixo *(Taxus Baccata)*, plátano bastardo *(Acer pseudo-Platanus)*, azevinho *(Ilex Aquifolium)*, medronheiro *(Arbutus Unedo)*, carrasqueira *(Quercus coccifera)*, carvalhiça *(Quercus frutescens)*, Eucalipto *(Eucalyptus globulus)*, etc.

No revestimento das margens dos cursos de água e nas areias frescas vizinhas: o freixo *(Fraxinus angustifolia)*, choupo ordinário ou álamo negro *(Populus nigra)*, álamo ordinário ou branco, faia branca ou choupo branco *(Populus alba)*, salgueiro *(Salix vitellina, viminalis)*, amieiro *(Alnus glutinosa)*, ulmeiro, negrilho ou mosqueiro *(Ulmus scabra)*, lódão bastardo *(Celtis australis)*, sanguinho da água ou amieira negra *(Rhamnus Frangula)*, acácia bastarda *(Robinia pseudo-Acacia)*, etc.

6.ª — Fazer a reparação das goivas que existem, evitar novas; destruïção dos mouchões em formação; construção de esporões e de diques longitudinais nas margens mais expostas às invasões impetuosas das cheias e onde as sebes vivas não sejam bastante para os amortecimentos da água, mas, de natureza insubmersível exclusivamente às asielas; barragens, açudes ou represas nos afluentes; canais de escoamento e enxugo nas terras marginais, emfim, as múltiplas obras de hidráulica agrícola.

7.ª — Torna-se necessário desde já acudir a estas obras tendentes à regularização do regime dos cursos de água da bacia do Tejo e gradualmente do estabelecimento de um regime legal

de irrigações, que não falando já do interêsse de primeira ordem pelo que toca à higiene pública, permita ao lavrador ribatejano agir na sua exploração sem estar coagido pelos perigos e incertezas das suas culturas, provocadas pelas cheias e pelas estiagens.

8.ª — O adiamento destas obras, contribue para o desalento

Águas do Tejo correndo de mansinho, serpenteando ilhotas de ouro

da população indígena e à menos afortunada, — leva-a a perder o seu amor à terra natal e obriga-a a procurar regiões mais favorecidas.

9.º — A-par dos múltiplos benefícios trazidos, a agricultura e a pecuária ribatejana seriam as indústrias que imediatamente melhorariam e que davam ao Ribatejo a mais ambicionada prosperidade.

Mapa das alturas máximas das grandes cheias do Tejo em Santarém e Vila Velha de Ródão

ANO	MÊS	Vila Velha de Ródão — Metros	Santarém — Metros
1852	Novembro	—	7,30
1855	Fevereiro	—	7,50
1865	Maio	—	7,12
1876	Dezembro	25,40	7,82
1877	Janeiro	18,30	7,10
1881	Janeiro	16,80	7,17
1884	Abril	16,40	7,02
1895	Fevereiro	19,70	7,57
1900	Fevereiro	16,40	7,36
1902	Fevereiro	15,80	7,42
1909	Dezembro	18,10	7,98
1910	Dezembro	16,50	7,54
1912	Fevereiro	20,30	8,01
1913	Novembro	14,30	7,42
1914	Dezembro	13,40	7,00
1915	Janeiro	13,50	7,19
1916	Março	15,15	7,39
1916	Dezembro	17,80	7,72
1917	Fevereiro	14,70	7,45
1919	Fevereiro	15,20	7,42
1924	Março	—	7,14
1925	Fevereiro	14,10	7,19
1927	Dezembro	16,25	7,61
1932	Dezembro	12,30	7,06
1935	Dezembro	15,40	7,44
1936	Fevereiro	18,00	7,85

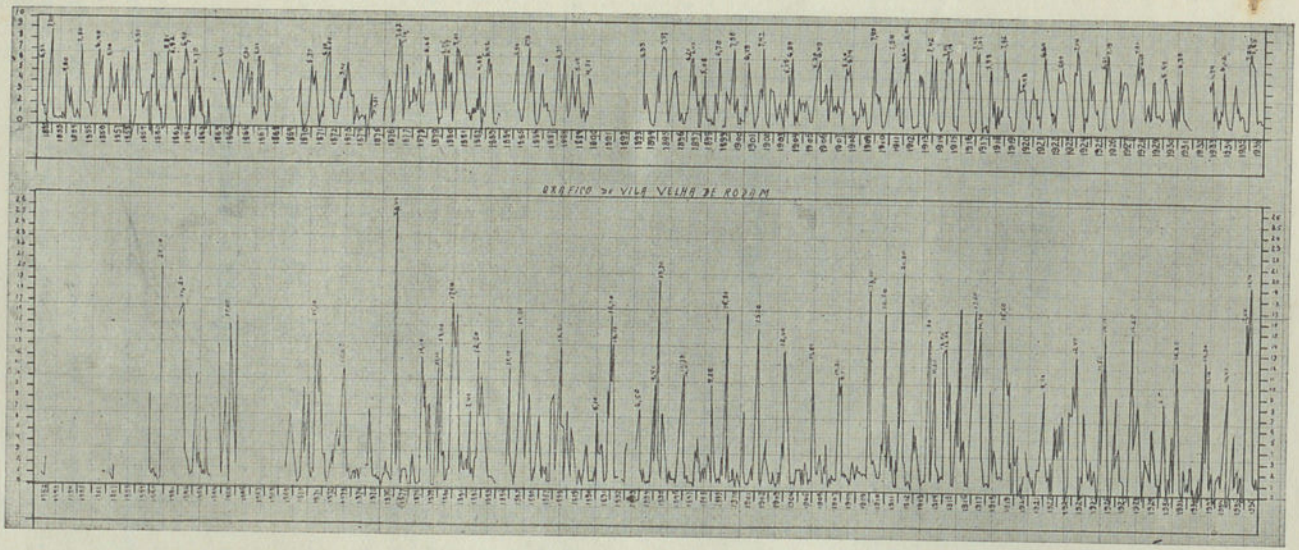
Extraído do «Anuário dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações», 1936.

N. do A. — Estando no prelo êste livro, em 3 de Janeiro de 1940 a cheia em Vila Velha de Ródão atingiu 20m,70 e em Santarém, no dia seguinte, 8m,17, altura esta que nunca as águas aqui tinham atingido.

RIO TEJO

Alturas máximas mensais registadas desde 1852

GRÁFICO DE SANTARÉM



Extraído do «Anuário dos Serviços Hidráulicos do Ministério das Obras Públicas e Comunicações», 1936.

ÍNDICE

Pág.

Ribatejo em flor 3

I PARTE

Calendário agrícola

Janeiro 5
Fevereiro 13
Março 21
Abril 29
Maio 37
Junho 47
Julho 61
Agosto 71
Setembro 81
Outubro 93
Novembro 103
Dezembro 115

II PARTE

Notas sôbre o Ribatejo

Concelhos da província do Ribatejo 125
População, superfície, densidade e movimento emigratório do Ribatejo 129
Formações geológicas do Ribatejo e tipos dos seus solos agrícolas . . 139
Riqueza fundiária. Rendimento colectável rústico — 1934 149
Divisão da propriedade rústica — 1934 151
Clima do Ribatejo 153

Pág.

Produções agrícolas principais do Ribatejo 167
Animais e produções animais do Ribatejo 193
Riqueza venatória e aqüícola 213
Riqueza mineral 215
Vias de comunicação no Ribatejo e sua extensão em 1939 217
Assistência agrícola 223
Organização Corporativa da Agricultura 227
Feiras e Mercados 233
Campinos e Toiros 241
Criadores de gado bravo no Ribatejo e que fornecem reses para corridas 255
Inundações no Ribatejo 269

CLICHÉS DE:

A. Coelho.
Américo Gramacho.
A. Cunha.
A. Martins.
Antunes Júnior.
A. Passos.
C. Graça.
D. Toscano.
Dr. J. Malfeito Monteiro.
Foto Sequeira.
F. Simão.
F. Vieira.
Joaquim Mata.
Mário Morais.
Reis Sousa.
Sá Carneiro.
Temudo de Castro.

CENTRO CIÊNCIA VIVA
RÓMULO DE CARVALHO

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
63	17.ª	.....ao longe, a verde praga	.....ao longe, a verde prega
97	13.ª	ferregos	ferrejos
181	1.ª	Vinhos e vinhas	Vinhas e vinhos
181	12.ª	Grand noir de la Colmette	Grand-Noir de la Calmette
181	15.ª	Tália ou Branquinha	Tália e Branquinha
181	16.ª	Trincadeira Branca ou das Pratas	Trincadeira Branca e das Pratas
186	19.ª	200 litros	200 quilogramas
189	10.ª	maturalidade	maturidade
208	3.ª	entra nas *motas*	entram nas *motas*
258	20.ª	introduziu	introduziram

Notas complementares: A págs. 73-74 foi omitido no soneto o nome do poeta Correia d'Oliveira.

A omissão de vários concelhos no mapa da produção de arroz (pág. 173) foi devida a não figurarem no «Boletim de Agricultura» — III Série — N.º 7, Julho de 1935, donde foram extraídos aqueles outros números. O mesmo Boletim relativamente ao ano de 1934 já atribue ao concelho de Azambuja 491.300 quilogramas.

Além das corrigendas acima citadas, chama-se a atenção para o número da Série indicado na capa por não corresponder ao do rosto. É o N.º 18.

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
132970417X

Imp. Portuguesa. - Porto